Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – PosLin

Patrícia Souza Diniz

Do comentário on-line à carta do leitor impressa: reescrita e retextualização

Belo Horizonte
2015

Patrícia Souza Diniz

Do comentário on-line à carta do leitor impressa: reescrita e retextualização

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso
Linha de Pesquisa: Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Janice Helena Chaves Marinho

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2015

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

D585d

Diniz, Patrícia Souza.
Do comentário on-line à carta do leitor impressa [manuscrito] : reescrita e retextualização / Patrícia Souza Diniz. – 2015.
149 f., enc. : il., p&b.

Orientador: Janice Helena Chaves Marinho.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 116-120.

Anexos: f. 121-147.

1. Linguística textual – Teses. 2. Gêneros textuais – Teses. 3. Cartas de leitores – Teses. I. Marinho, Janice Helena Silva de Resende Chaves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Do comentário on-line à carta do leitor impressa: reescrita e retextualização

PATRÍCIA SOUZA DINIZ

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Aprovada em 08 de maio de 2015, pela banca constituída pelos membros:

Profª(a). Janice Helena Silva de Resende Chaves Marinho - Orientadora
UFMG

Profª(a). Delaine Cafiero Bicalho
UFMG

Profª(a). Juliana Alves Assis
PUCMINAS

Belo Horizonte, 8 de maio de 2015.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Dedico este trabalho às professoras que se tornaram parte da minha história escolar e acadêmica, que verdadeiramente me inspiraram, cada uma em seu tempo e ao seu modo, possibilitando o crescimento do meu gosto pelos estudos da linguagem. São elas. Alfabetizadoras Luzia e Olívia. Incentivadoras na graduação em Letras: Evelyne Dogliani, Sônia Queiroz, Maria Cândida, Delaine Cafiero, Beatriz Vaz Leão, Cláudia Soares, Cecília Boechat. Professoras da pós em Revisão de Textos da PUC-Minas: Maíra Avelar, Juliana de Assis, Daniella Rodrigues, Sandra Cavalcante. Queridas professoras do PosLin: Janice Marinho, Delaine, Carla Coscarelli, Beatriz Decat e Eliana Amarante. Sou grata a todas de modo especial.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, pelo amor e pelo apoio de todos os dias.

A meu irmão, Didi, pelas conversas, pela torcida e pelo carinho.

A todos os familiares e amigos que me incentivaram e contribuíram de forma direta ou indireta na conclusão desta etapa. Em especial às minhas primas Flávia e Michelle, pelas vivências e alegrias cotidianas, e aos meus amigos Lianderson, Nathalia Ananias, Priscilla e Marcelo pela amizade e pelas melhores conversas de sempre.

Aos amigos do PosLin, Élida, Hortência, Iracema, Tércia, Cidinha, Jairo, Tovar, Carol e Camila, por dividirmos momentos e experiências.

À Profa. Dra. Janice Marinho, minha orientadora, por acreditar sempre em mim, pela ajuda e pelo incentivo.

Aos atendentes e funcionários do PosLin, que sempre apresentaram prontidão, eficiência e gentileza nos atendimentos, tornando a burocracia do dia a dia mais humanizada que o usual em nossas instituições.

À banca examinadora, pela leitura e por todas as contribuições.

RESUMO

Buscou-se compreender uma nova prática de publicação e circulação de textos de leitores na mídia escrita, em que leitores de uma revista produzem comentários on-line sobre os textos acessados e lidos no ambiente eletrônico da revista que, por sua vez, seleciona alguns desses comentários, e os publica, com alterações, na seção destinada a cartas de leitores da revista impressa. Diante disso, pretendeu-se verificar se a mudança desses textos de seu suporte original para o ambiente impresso modificava seu objetivo, seu gênero e o processo de construção de seu sentido. Para tanto, realizou-se uma discussão acerca das atividades de retextualização e de reescrita a fim de se averiguar qual dos dois processos predomina na passagem de um texto para outro. Partiu-se do pressuposto de que essas não são operações sinônimas, baseando-se nos aportes teóricos de Matencio (2002) e D'Andrea e Ribeiro (2010) que atribuem uma diferença de propósito na atividade de retextualização, e um aperfeiçoamento interno do texto visado pela prática de reescrita. Essas noções colaboraram para a análise constrastiva entre os textos com a finalidade principal de examinar a textualização do texto do leitor desse veículo de comunicação. Essas investigações foram amparadas na ideia de que cada esfera de atividade humana elabora tipos relativamente estáveis de enunciados (BAKHTIN, 2011[1979]), destacando-se o "relativamente", já que os gêneros mudam, fundem-se e misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional (MARCUSCHI, 2008), associando-se o desenvolvimento de novas tecnologias a um dos fatores que possibilitam a emergência de novos gêneros de textos, criam novas significações, influenciando nos processos de textualização dos gêneros (CHARTIER, 1998; MARCUSCHI, 2010, 2012; RIBEIRO, 2011). Dessa forma, relacionaram-se as noções de gênero textual, novas tecnologias e ambientes digitais, reescrita e retextualização, a partir de Bakhtin (2011 [1979]), Marcuschi (2008, 2010), Chartier (1998; 2002), Ribeiro (2009; 2011), Matencio (2002), e outros autores que focalizam o texto no âmbito da Linguística Textual.

ABSTRACT

This research sought further understanding of a new publication and text circulation practice by readers in written media, in which readers of a magazine produce online comments on texts accessed and read in the magazine's electronic environment. After that, the magazine selects some of those comments and publishes them, with alterations, in the section dedicated to letters from the readers in its print version. In the face of that phenomenon, we sought to verify whether the shift of these texts from their original support to the print environment modified their objective, their genre or their process of meaning construction. In order to do so, we carried out a discussion about retextualization and rewriting activities to check which of these processes is predominant in this textual shift. We started from the assumption that these are not synonymous processes, based on the theoretical work of Matencio (2000) and D'Andrea and Ribeiro (2010), who attribute a difference in purpose for the activity of retextualization and an internal improvement of the text aimed at its rewriting practice. Those notions collaborate for a contrastive analysis for the texts, with the main aim of examining textualization of the reader's text in that means of communication. These investigations were supported by the idea that each sphere of human activity elaborates relatively stable types of statements (BAKHTIN, 2011 [1979]), with an emphasis on "relatively", since genres change, mix and blend in order to keep their functional identity with organizational innovation (MARCUSCHI, 2008), associated with the development of new technologies and one of the factors that enable the rise of new textual genres, create new meanings and influence processes of textualization of genres (CHARTIER, 1998; MARCUSCHI, 2010, 2012; RIBEIRO, 2011). As a result, notions of textual genre, new technologies, digital environments, rewriting and retextualization were approached, according to Bakhtin (2011 [1979]), Marcuschi (2008; 2010), Chartier (1998; 2002), Ribeiro (2009; 2011), Matencio (2002), and other authors that focus on the text within Textual Linguistics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **7**
2 REFERENCIAL TEÓRICO **14**
2.1 Gêneros textuais **14**
2.2 O contexto das novas tecnologias **22**
2.3 Carta do leitor **33**
2.4 Textualização e produção de sentido **41**
2.5 Retextualização e reescrita **47**
3 METODOLOGIA **60**
3.1 Objetivos específicos: **61**
3.2 Seleção, organização e tratamento do *corpus* **62**
3.3 Descrição do veículo **68**
4 ANÁLISE **70**
4.1 Procedimentos encontrados e respectivas estratégias **72**
4.1.1 Eliminação de trecho textual ou de palavra **72**
4.1.2 Eliminação de seção de despedida e de seção de contato **90**
4.1.3 Eliminação de imagem **91**
4.1.4 Inserção de título, nome, sobrenome **94**
4.2 Adequação ao padrão culto da língua escrita **97**
5 DISCUSSÃO **104**
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS **112**
REFERÊNCIAS **115**
ANEXO A **120**
ANEXO B **143**

1 INTRODUÇÃO

O trabalho com revisão de textos desde o final da graduação em Letras e a busca por formação continuada na área fez despertar um interesse por uma pesquisa sobre o processo de revisão textual de algum material textual que tivesse o respaldo de uma publicação editorial ou midiática. No entanto, uma das dificuldades encontradas para se realizar esse tipo de trabalho é a de que o acesso a esse processo não é algo simples de se conseguir, tendo em vista que para se ter contato com um texto em suas várias versões antes de sua publicação por alguma editora, por exemplo, é necessário passar por várias figuras, como o autor, o revisor, o editor, o preparador. Em outros termos, não é simples ter acesso às versões que antecedem o texto final (publicado), justamente pelo fato de que esse é um processo que envolve várias etapas relacionadas a cada uma das figuras mencionadas neste parágrafo, dos profissionais do texto.

Foi nesse contexto que, ao verificar que uma revista impressa publicava na seção de cartas de leitores os comentários produzidos e publicados on-line por seus leitores e realizava uma modificação desses textos para essa publicação impressa, foi notada nessa prática uma oportunidade de acesso às duas versões do texto, o on-line, publicado sem moderação e sem revisão e o publicado em material impresso, após um processo de edição. Essa foi a motivação inicial para a escolha do tema e do objeto de estudo deste trabalho. O objeto de estudos foi mantido, e o tema foi se modificando ao longo do curso das disciplinas do mestrado, dos diálogos e da mudança que esses elementos vão causando na perspectiva do estudante/pesquisador.

Este trabalho vincula-se à linha de pesquisa Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa constituinte da área Linguística do Texto e do Discurso. Compreende um estudo que relaciona noções de gênero textual, novas tecnologias e ambientes digitais, reescrita e retextualização, a partir de Bakhtin (2011 [1979]), Marcuschi (2008), Chartier (1998; 2002), Ribeiro (2009; 2011), Marcuschi (2010), Matencio (2002), no âmbito principal de abordagem da

Linguística Textual, “ramo dos estudos linguísticos que se caracteriza pelo escopo de sua investigação, pelo objeto que toma como unidade de foco analítico – o texto” (OLIVEIRA, 2012, p. 193).

A partir da compreensão do caráter heterogêneo dos gêneros e de sua relação direta com as inesgotáveis possibilidades de atividade humana (BAKHTIN, 1975-1997), observa-se que os gêneros apresentam uma diversidade de usos e condições de produção tão complexa quanto as situações comunicativas nas quais eles se inserem. Soma-se a isso o desenvolvimento de novas tecnologias que imprime mudanças nos comportamentos e nas relações humanas, possibilitando a emergência de novos gêneros de escrita e criando novas significações, influenciando, assim, os processos de textualização tanto dos novos quanto dos velhos gêneros de texto (CHARTIER, 1998; MARCUSCHI, 2010, 2012; RIBEIRO, 2011).

Diante dessas noções, buscamos entender uma nova prática de publicação e circulação de textos de leitores na mídia escrita. Essa prática se dá da seguinte forma: leitores da Cult, revista mensal ambientada no domínio discursivo do jornalismo cultural, produzem e publicam comentários on-line sobre os textos acessados e lidos no ambiente eletrônico da revista. Esta, por sua vez, seleciona alguns desses comentários, realiza uma edição nesses textos e os publica na seção destinada a cartas de leitores da revista impressa. Em outras palavras, a carta do leitor da revista Cult apresentada no suporte impresso costuma ser, muitas vezes, uma versão do comentário do internauta postado anteriormente no espaço eletrônico disponibilizado por essa revista. Além de já estar publicado no suporte eletrônico, o texto pode ser publicado também no suporte impresso.

O gênero carta de leitor, originalmente epistolar, apresenta, atualmente, uma diversidade de usos e condições de produção tão complexa quanto as situações comunicativas nas quais ele se insere. A carta do leitor é um gênero que envolve diferentes processos de produção e interpretação. Pode-se afirmar que, após a leitura de um texto que foi escrito por outrem, o leitor do texto-

fonte[1] coloca em funcionamento suas habilidades de textualização para compreender e interpretar o que está escrito. A partir disso, ele decide escrever uma carta à redação da mídia em questão para comentar, perguntar, criticar, sugerir, elogiar, corrigir, esclarecer, agradecer, apoiar, informar, entre outras ações que são permitidas por esse gênero. Quando escolhida pelo editor do veículo de informação, essa carta costuma passar por um processo de edição[2] para, então, ser publicada na seção da mídia que se apresenta como "espaço do leitor".

Dessa forma, tal rotina de publicação de textos de leitores do veículo mencionado, em que o editor se utiliza dos comentários on-line para compor a seção do leitor da revista impressa, suscitou algumas indagações: a mudança contextual que se dá pela alteração do texto de seu suporte original (on-line) para o suporte impresso modifica o objetivo, o gênero e o processo de construção do sentido do texto em relação ao gênero carta de leitor? Em relação à modificação e à publicação do comentário no suporte impresso, o que ocorre seria parte de uma retextualização ou de uma reescrita?

A retextualização refere-se, segundo Dell'Isola (2007, p. 36), à refacção ou reescrita de um texto, ou seja, é o "processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem". Ainda sobre esse conceito, partimos da experiência do projeto de Matencio (2002) que adota inicialmente a concepção de Marcuschi (2001) de que retextualizar é transformar um texto em outro. A autora explica que o processo de retextualização se trata

> [...] da produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova

[1] Chamaremos de "texto-fonte" o texto disponibilizado pelo veículo de informação do qual o leitor parte para a elaboração de sua carta.

[2] Salgado (2007) define as práticas editoriais linguísticas como características de um texto escrito destinado à publicação, material linguístico que demanda procedimentos técnicos como catalogação, normalizações, relativos ao próprio suporte e a sua circulação.

> situação de interação [...]. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade (MATENCIO, 2002, p. 111).

A autora demonstra, no entanto, que reescrever/revisar um texto é atividade significativamente diversa de produzir um novo texto a partir de outro, como desenvolve a seguir:

> A esse respeito, o pressuposto é de que, embora, de fato, a atividade de retextualização envolva operações linguísticas similares àquelas envolvidas no que se tem denominado reescrita – tais como as operações de acrescentamento, supressão, substituição e reordenação tópica –, **no que se refere às operações textuais e discursivas, essa semelhança é muito menor**; além disso, as variáveis que interferem nesses dois processos não se comportam de forma semelhante (MATENCIO, 2002, p. 112 – destaque nosso).

Dessa forma, podemos observar, segundo a autora, que o processo de retextualização envolve geralmente operações de reescrita, mas a reescrita de um texto não resulta necessariamente numa retextualização desse mesmo texto. D'Andrea e Ribeiro (2010) apresentam uma revisão dos conceitos de retextualização e reescrita, das principais definições já publicadas no Brasil, identificando as especificidades de cada um deles, apontando que as diferenças entre a "mudança de propósito" da retextualização e a criação de uma "nova versão do texto" a partir da reescrita parecem reforçar a característica estrutural da primeira atividade, em oposição a um aperfeiçoamento interno do texto (um 'refinamento') visado pela prática de reescrita (D'ANDREA; RIBEIRO, 2010, p. 66). Retomaremos à frente a discussão sobre essa diferenciação dos conceitos de retextualização e de reescrita.

Diante da perspectiva de que o processo de retextualização envolve mudança no objetivo textual e relaciona-se a uma modificação do gênero de texto, ocorreu-nos, num primeiro momento, que analisar as alterações feitas no texto on-line do leitor da Cult para sua publicação na seção do leitor na revista impressa nos possibilitaria compreender se esse processo se relaciona teórica

e metodologicamente ao processo de retextualização e, se, por isso, ocorreria de fato mudança de objetivo e de gênero textual no texto do leitor.

Partimos do pressuposto de que há uma nova situação de interação na passagem do comentário on-line para a seção do leitor da revista impressa Cult com base no fato de que é um novo contexto[3] tanto de produção quanto de interpretação do texto do leitor. Nossa hipótese é de que esse novo contexto resultaria de diferentes condições de produção, o que, provavelmente, exerceria influência em outros elementos, tais como os interlocutores, a temporalidade, a temática, a disposição gráfica, o suporte material do texto, entre outros. No entanto, não podemos afirmar se há ou não mudança de gênero na passagem de um texto para o outro, pois para isso acreditamos que deveremos responder primeiramente se há mudança no objetivo do texto, se a edição do comentário on-line e sua passagem para o suporte impresso chegariam a representar uma retextualização ou se esse processo envolveria operações de reescrita. Dito de outro modo, do comentário on-line para sua publicação na seção do leitor da revista impressa Cult, ocorreria uma retextualização ou uma reescrita?

Com isso nos propusemos a pesquisar quais operações estão envolvidas nos processos de alteração dos comentários on-line, a partir das perguntas apresentadas que retomo neste ponto: na passagem do comentário on-line para o comentário publicado na revista impressa, há mudança no objetivo, no gênero e no processo de construção de sentido do texto? Para uma reflexão que alcance essas questões, utilizamos comentários on-line direcionados aos autores, editores e leitores da revista Cult, que, após suas postagens no ambiente on-line da revista, são selecionados, editados e publicados na revista impressa, mais especificamente na seção do leitor dessa revista. É relevante pontuar que, no início deste trabalho, essa seção chamava-se “do leitor” e

[3] Estamos entendendo contexto no sentido exposto por Bronckart (2012), conjunto dos parâmetros que exercem uma influência necessária sobre a organização dos textos. Seriam esses fatores referentes ao *mundo físico*: lugar e momento de produção, emissor (produtor ou locutor) e receptor – e ao *mundo social*: normas, valores e regras e posição social dos interlocutores.

atualmente chama-se “cartas”. Constituem o *corpus* desta pesquisa 64 comentários on-line, os quais geraram mais 64 comentários publicados na seção do leitor em 21 edições da revista impressa Cult.

Observando-se o caso específico do *corpus* deste trabalho, notamos que a carta do leitor e o comentário do internauta da revista Cult são bons objetos para o estudo das relações entre condições de produção e configuração do gênero em questão, já que por esse *corpus* podemos acessar o texto em sua versão original, publicado on-line, e em sua versão editada, publicada num segundo momento na revista impressa. A relevância da escolha do objeto deste trabalho vincula-se à possibilidade de pesquisa de uma situação real de uso da língua: uma prática de produção escrita num ambiente on-line, destinada a um veículo de comunicação e a posterior alteração textual praticada por esse veículo seguida da publicação impressa do texto do leitor. Isso tudo ocorre num movimento próprio da rotina comunicativa de uma situação de interação, fruto de práticas sócio-históricas das atividades humanas. Mesmo considerando de extrema importância a reflexão acerca dos processos de retextualização e de reescrita para o contexto pedagógico, ou seja, para o ensino aprendizagem de língua materna, consideramos que também pode ser útil a análise desses processos nessa situação de uso da língua. Nossa concepção acerca desses processos é a de que eles fazem parte de práticas cotidianas de retomadas e reconstrução dos textos, pois estamos sempre atualizando formas e conteúdos referidos.

O fato de que o comentário passa por um processo de edição antes de ser disponibilizado no suporte impresso nos parece fundamental neste trabalho, pois é a observação dessa prática que nos conduz a uma análise que possibilite a verificação de como a edição se relaciona às mudanças contextuais provocadas pela publicação do texto em um outro suporte. Interessa-nos, portanto, analisar a textualização do texto do leitor da revista Cult, investigando-se quais operações são realizadas no processo de alteração desse texto, e como essas mudanças se vinculam aos processos de reescrita e de retextualização, no intuito de que esta pesquisa possa gerar uma maior

reflexão acerca do que é intercambiável e do que é diverso em relação a esses conceitos no âmbito da Linguística Textual.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: além desta introdução, primeiramente, apresentamos no capítulo do referencial teórico a noção de gênero com que trabalhamos, a realização de uma reflexão sobre os gêneros no contexto das novas tecnologias e uma discussão acerca dos conceitos de textualização, reescrita e de retextualização. Em seguida expomos a metodologia utilizada para a coleta dos dados e a metodologia de análise. Finalmente expomos a análise que realizamos dos procedimentos de alteração do comentário on-line do leitor feita pela revista Cult, as relações entre essas modificações e os processos de reescrita e de retextualização, e, por fim, apresentamos uma discussão do processo de interação, da configuração do gênero e da produção de sentido da prática analisada, seguida das considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos desta pesquisa. Na seção 2.1 identificamos a noção de gênero textual adotada neste trabalho, a partir de sua definição, funcionalidade e sua relação com as atividades humanas, utilizando para isso os estudos de Bakhtin (2011 [1979]), Marcuschi (2008, 2010, 2012); Bazerman (2011). Em seguida, na seção 2.2, apresentamos uma reflexão acerca da influência que as novas tecnologias de leitura e de escrita exercem nas condições de produção de novos e de velhos gêneros, a partir das investigações de Chartier (1998, 2002); Marcuschi (2010, 2012); Ribeiro (2011).

Na seção 2.3 deste capítulo, apontamos alguns estudos já realizados sobre o gênero carta de leitor (MELO, 1999; SILVA, 2002; CORDEIRO, 2007; CORRÊA, 2008) e como esses estudos colaboram com a caracterização da carta do leitor presente neste trabalho. Os trabalhos de Paredes Silva (1998) e de Bezerra (2010) também colaboraram para o estudo da origem, configuração e evolução deste gênero de texto. Em seguida, apresentamos, na seção 2.4 deste capítulo, as noções com que trabalhamos a respeito textualização e produção de sentido, a partir de Neusa Travaglia (2013), Koch e Travaglia (2013), Van Dijk (1983) e Marcuschi (s/d). Por fim, apresentamos, na seção 2.5, as noções de retextualização (MARCUSCHI, 2010; DELL'ISOLA, 2007; MATENCIO, 2002; BENFICA, 2014) e de reescrita (FIAD, 2014; FABRE, 1986; D'ANDREA e RIBEIRO, 2010) utilizadas neste estudo para fazer a descrição das alterações realizadas no texto on-line do leitor para sua publicação na revista impressa.

2.1 Gêneros textuais

Tem sido corrente na academia e nos artigos de estudiosos brasileiros no campo da Linguística do Texto, mais especificamente daqueles que se

debruçam sobre a noção de gêneros textuais a partir da perspectiva dialógica bakhtiniana, uma contextualização do assunto fazendo-se referência a uma certa cristalização do conceito de gêneros em sua adaptação para o discurso pedagógico, como podemos verificar na introdução, por exemplo, de Faraco (2009):

> O atual uso inflacionado no Brasil – em especial no discurso pedagógico posterior à reforma do ensino de 1996 – da expressão gêneros do discurso, tendo o texto de Bakhtin como referência, é o que nos motiva a discutir em mais detalhes essa questão. Interessa-nos, particularmente, expor à crítica certa cristalização do conceito em sua transposição pedagógica. (FARACO, 2009, p. 122)

Essa reflexão também já havia sido feita por Fiorin (2006) em sua introdução ao assunto sob a perspectiva de Bakhtin:

> No Brasil, o discurso pedagógico apropriou-se dele [do conceito de gêneros do discurso]. Depois que os Parâmetros Curriculares Nacionais estabeleceram que o ensino de Português fosse feito com base nos gêneros, apareceram muitos livros didáticos que veem o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer. O gênero é, assim, um produto, e seu ensino torna-se, então, normativo. (FIORIN, 2006, p. 60)

O estudioso americano, Charles Bazerman também não deixa de mencionar a mesma questão no prefácio de *Gênero: teoria, história, ensino, pesquisa* (BAWARSHI; REIFF, 2013), livro dedicado a um panorama das diversificadas abordagens dos estudos dos gêneros de textos. Neste, Bazerman (2013, p. 14) aponta que “o gênero nos ajuda a perceber a intencionalidade e a flexibilidade da forma, em vez de ver a forma apenas como uma questão de correção e de cumprimento de umas poucas tarefas escolares, criada puramente para o ensino e a avaliação”. Referindo-se ao ensino da escrita por meio de gêneros, o autor determina que “a consciência sobre tipos robustos e sobre uma variação individual intencional em resposta a circunstâncias locais fornece um antídoto contra modelos de ensino de escrita excessivamente simplificadores” (*Idem*).

Não é sem razão histórica, no entanto, que ocorre tal cristalização, pois em coro com essa adaptação pedagógica do conceito, podemos relacionar a ela tanto os antigos estudos da tradição literária que buscavam essencialmente a identificação e a classificação das produções escritas segundo certas características (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008 – GÊNERO DE DISCURSO) quanto a necessidade e a natureza taxonomista próprias aos humanos.

Conforme explicação que consta no *Dicionário de Análise do Discurso* (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008), na Antiguidade coexistiram dois tipos de atividade discursiva, a do fazer dos poetas, nascida na Grécia pré-arcaica, que permitiu a codificação de gêneros como o épico, o lírico, o dramático, o epidítico entre outros, e a da fala pública, que nasceu na Grécia clássica e se desenvolveu na Roma de Cícero, funcionando como um instrumento de deliberação e de persuasão jurídica e política. Dentre os textos da esfera pública, Aristóteles distingue três gêneros: o epidítico, discurso solene de elogio ou reprimenda que tem como temporalidade característica o presente; o deliberativo, discurso de conselho e orientação para o futuro; e o judiciário, discurso de determinação do justo e do injusto, que defende ou acusa e reflete-se sobre o passado.

Conforme Nagamine Brandão (2000) explicita em seu artigo “Texto, gêneros do discurso e ensino”, o gênero foi primeiro uma questão da poética e da retórica e não da linguística e isso ocorreu por dois motivos principais: o primeiro deles é que a linguística enquanto ciência da linguagem é ainda recente e o segundo motivo é que o enfoque inicial da linguística foi nas unidades menores que o texto, tais como o fonema, a palavra e a frase. Nesse sentido, a partir do momento em que a linguística começa a se preocupar com o texto, passa a pensar a questão do gênero. “Essa preocupação se torna crucial quando ela deixa de trabalhar apenas com textos literários, mas se volta também para o funcionamento de textos quaisquer” (BRANDÃO, 2000, p. 19). Para essa mudança de abordagem no interesse pela questão do gênero, o texto “os gêneros do discurso” do filósofo russo Mikhail Bakhtin, foi essencial justamente

por tratar do funcionamento dos textos em geral, não só textos literários, mas textos de diferentes domínios discursivos, com diferentes modos de circulação.

De acordo com Faraco (2009, p. 123), na história da teoria dos gêneros literários e retóricos, estes foram tratados e interpretados muito mais na perspectiva dos produtos do que na dos processos. O autor afirma ainda que o romantismo abalou a teoria clássica dos gêneros, sendo atualmente o texto “Os gêneros do discurso”, de Mikhail Bakhtin, a principal referência para a explosão do uso do termo no âmbito dos estudos linguísticos.

Não é objetivo deste trabalho analisar a adaptação pedagógica do conceito de gênero, mas encontramos pertinência em apontar essas reflexões como uma maneira de antecipar a concepção da qual partimos para o estudo dos gêneros, que segue numa contramão dessa cristalização do conceito, e numa tentativa, justamente, de demonstrar a maleabilidade e a dinamicidade do gênero carta do leitor. No texto citado, Bakhtin (2011 [1979]) se aprofunda no problema e na definição dessa noção de gênero, relacionando-a diretamente às atividades humanas. O uso da linguagem é relacionado às diversas esferas de atividade humana, sendo que esses campos de atuação do homem se complexificam à medida que se desenvolvem. Diante das inúmeras possibilidades de atividade humana, os gêneros do discurso são também incontáveis e diversificados, se modificam ao longo do tempo, alguns desaparecem e outros podem surgir diante das novas necessidades e atividades.

Cada esfera de atividade humana elabora tipos relativamente estáveis de enunciados. Estes, por sua vez, refletem as condições e finalidades de cada uma dessas esferas por seu conteúdo temático, estilo de linguagem e por sua construção composicional, os três elementos indissociavelmente ligados entre si (BAKHTIN, 2011, 261-262). Em outros termos, essas esferas de comunicação e de relações humanas refletirão o conteúdo, o estilo e a forma do gênero, categorias estabelecidas por Bakhtin para explicitar que todo gênero participa de um domínio de sentido, possui modos de organização próprios e seleciona meios linguísticos, lexicais, fraseológicos e gramaticais

(FIORIN, 2006, p. 62) de acordo com suas funções e com suas situações de realização.

Para o teórico russo, importa mais o modo de constituição dos gêneros do que as suas características formais, levando-se em conta que as atividades humanas são multiformes e se transformam através da história, da cultura e das especificidades de cada tempo, situação e lugar, desencadeando, assim, tipos relativamente estáveis de enunciados.

Bakhtin classificará os gêneros em primários e secundários, sendo os primeiros produzidos em situações cotidianas mais simples e imediatas, e os segundos em esferas de comunicação mais desenvolvidas e complexas, advindos, assim, de um convívio cultural mais organizado e elaborado. Os gêneros secundários englobam os primários e se valem deles, mas os primários também não deixam de ser influenciados pelos secundários.

Para Bakhtin alguns gêneros são mais flexíveis, outros mais fixos, mas de qualquer modo, o autor nos mostra a relação entre os diversos textos que circulam nas diferentes esferas sociais.

> Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2011, p. 297)

A heterogeneidade dos gêneros pelas inesgotáveis possibilidades da multiforme atividade humana desencadeia numa discussão a respeito da dificuldade de se estabelecer um método para o seu estudo. Recorremos a Marcuschi (2008, p. 151) que confessa ser *desnorteante* a quantidade de perspectivas teóricas nos estudos dos gêneros, mas reconhece, citando Maingueneau (2004, p. 107-108), que certos critérios em geral dão uma orientação básica, a saber: critérios linguísticos, funcionais, situacionais, discursivos.

A noção de gênero adotada neste trabalho tem como pressuposto o fato de que a linguagem se realiza na interação verbal entre os interlocutores, e de que as formas e os tipos de interação resultam nos gêneros. Sendo assim, tal como as interações se diversificam, os gêneros estão em contínuo processo de mudança e adaptação a novas situações comunicativas. Em outros termos, o gênero é concebido aqui como a concretização linguístico-textual do processo de interação verbal, tendo em vista que “a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN, 2006, p. 114).

Ao descrever a noção de gênero na reflexão Bakhtiniana, Silva (1999, p. 5) assinala que esta noção “reporta ao funcionamento da língua em práticas comunicativas, reais e concretas, construídas por sujeitos que interagem nas esferas das relações humanas e da comunicação”. O funcionamento da língua, sua prática social, será tão mais complexo quanto maior for a complexidade da relação social na qual essa prática linguística se insere. Os gêneros abarcam a utilização da linguagem em todas as suas modalidades, não se limitando apenas à produção de enunciados na modalidade escrita. São modos sociais de fazer que conduzem ao aprendizado dos modos sociais de dizer. (FIORIN, 2006, p.69-70).

Por esse modo de constituição imbricado às relações sociais, Bakhtin atenta-se mais ao processo de produção do que ao produto em si. “Os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação” (FIORIN, 2006, p. 62), visão compartilhada por Marcuschi (2008, p. 150) que afirma *a função* como determinante básica dos gêneros, pois a partir desse fator podemos ser encaminhados a pensar na situação de comunicação, a quem nos dirigimos, em que contexto, em que situação, com qual intenção etc.

Aprofundando-se no enfoque social dos gêneros, Bazerman (2011), interessado na dinâmica social da escrita, apresenta uma descrição efetiva da relação dos gêneros com as atividades sociais, partindo sempre da interação, do contexto e do aspecto social da manifestação linguística como formas de fundamentação de sua análise. Para esse autor, os textos organizam as ações

e criam significações e fatos sociais, sendo que as formas textuais típicas fazem parte da organização das significações e das ações construídas histórica, cultural e interativamente.

O autor chama a atenção para o fato de que os gêneros emergem historicamente e são praticados socialmente, sendo, portanto, uma categoria de reconhecimento social. Não se deve, no entanto, nos termos do autor, ignorar o papel dos indivíduos no uso da linguagem e na construção dos sentidos nem definir os gêneros apenas como um agrupamento de traços textuais. Defini-los dessa forma significaria “ignorar as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo” (BAZERMAN, 2011, p. 32). Sobre essas mudanças decorrentes de novas necessidades e circunstâncias, podemos pensar no caso do gênero carta do leitor que vem se modificando e se reconfigurando pela influência das novas ferramentas tecnológicas possibilitadas pela internet para a escrita de comentários de leitores, prática esta muito comum nos dias atuais.

Nesse sentido, o autor completa:

> Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como *fenômenos de reconhecimento psicossocial* que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre o modo como elas os realizam. (2011, p. 32)

Os gêneros estão ligados à significação textual, por isso o leitor/ouvinte pode prever o sentido de alguma manifestação linguística a partir do reconhecimento do gênero da qual ela faz parte. Nesse processo, os sujeitos participantes do ato de comunicação “pressupõem diferentes diretrizes e objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes” (BAKHTIN, 2011, p. 272) a dependerem

do gênero. As condições e finalidades de cada gênero se refletem no conteúdo temático, no estilo da linguagem e na construção composicional.

Na definição de Marcuschi (2008, p. 155), os gêneros “apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”. O que faz com que os gêneros sejam dinâmicos é, segundo o autor, a diversidade de forças que atuam sobre eles, sendo que os gêneros devem ser notados pelas suas relações com as práticas sociais, com os aspectos cognitivos, com os interesses, com as relações de poder, com as tecnologias e com as atividades discursivas. “Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional” (MARCUSCHI, 2008, p. 17).

Marcuschi (2010, p. 22) sugere cautela quanto a considerar o predomínio de formas e funções para a determinação e identificação de um gênero, demonstrando que “haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente”. Os gêneros surgem com as necessidades e atividades socioculturais e na relação com as inovações tecnológicas, sendo “maleáveis, dinâmicos e plásticos” (2010, p. 19).

Esses gêneros circulam em domínios discursivos e suportes diversos. Domínio discursivo é conceituado por Marcuschi (2008, p. 155) como uma “esfera da atividade humana”, no sentido bakhtiniano da expressão. Um domínio pode ser pensado como um campo específico da atividade humana que geralmente dá origem a muitos gêneros próprios de rotinas comunicativas institucionalizadas (MARCUSCHI, 2008). São exemplos os que chamamos de domínio discursivo cotidiano, religioso, escolar, acadêmico, publicitário, jornalístico, literário, científico, organizacional/empresarial, jurídico entre outros.

Já o suporte pode ser visto como o local em que ocorre a manifestação textual, tornando-a acessível. Macurschi (2008) faz um estudo mais aprofundado sobre o tema, chamando a atenção para a importância de se diferenciar suporte de gênero, mas admitindo que nem sempre é simples fazer essa distinção. O

suporte de um gênero é definido como o “locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). O suporte é essencial para a circulação do gênero, mas a questão que torna essa categoria ainda mais interessante é o fato de ela não parecer neutra em relação ao gênero, tese apresentada pelo autor e compactuada neste trabalho, como desdobraremos na seção seguinte deste estudo em que relaciona a formação do gênero aos contextos das novas tecnologias.

2.2 O contexto das novas tecnologias

A maleabilidade dos gêneros de textos pode ser percebida a partir dos novos textos produzidos, pensados e lidos na tela do computador. Diante dessas novas formas de ler e de produzir textos, proporcionadas pelas novas tecnologias e junto a estas a criação dos novos suportes para o texto, muito se tem dito a respeito das inovações e transformações nas práticas de leitura e escrita. O que permanece e o que muda? Quais ações são modificadas para a adequação a essas novas práticas e em que elas influenciam na produção dos sentidos? Temporalidade, espacialidade, links, novo modo de experimentar o conhecimento, diverso das fontes tradicionais de referência seriam uns dos fatores intervenientes que diferenciariam a produção de sentido de um texto no contexto eletrônico de um texto no contexto impresso. O desenvolvimento de novas tecnologias imprime mudanças nos comportamentos e nas relações humanas, possibilita a emergência de novos gêneros de textos e cria novas significações, influenciando, assim, nos processos de textualização dos gêneros (CHARTIER, 1998; MARCUSCHI, 2010, 2012; RIBEIRO, 2011).

Com o contexto das novas tecnologias, emergiram novos gêneros e formatos textuais, proporcionados por novas formas de interação (o fenômeno social da interação verbal). A cultura digital refez alguns gêneros e originou vários outros. Ao se perguntar sobre “que outros desafios a superfície da tela de um computador, por exemplo, traz para a leitura e a escrita?”, Goulart (2011, p. 53-

54) responde que a tela traz novas formas de organização do discurso, novos gêneros, novos modos de ler e de escrever. A diversidade de suportes da escrita está relacionada às diversas demandas sociais que perpassam sua história. Assim como os gêneros são elaborados para suprir as diversas necessidades sociais das pessoas, das instituições e dos grupos, “eles nascem dentro de contextos sociais e estão internamente ligados a eles” (GOULART, 2011, p.45).

Alguns pesquisadores têm trazido sua contribuição ao discutir as novas práticas geradas pela passagem de uma cultura escrita do papel para uma cultura escrita da tela. Os estudos de Roger Chartier são citados como um exemplo elucidativo no campo da história cultural para se pensar no sentido das revoluções e das permanências, relativizando ou, em alguns casos, ressaltando os efeitos da cultura digital em nossas práticas atuais (FRADE, 2011). Outros autores como Pierre Lévy discutem o que caracteriza uma cultura contemporânea digital, dedicando-se também às consequências cognitivas da introdução das novas tecnologias.

Para além das mudanças no acesso à informação, nossa análise focaliza mais especificamente as condições de produções escritas, mas também as produções de sentido proporcionadas pela escrita e leitura na tela. Pretendemos, assim, uma reflexão a respeito da comparação entre impresso e digital e a respeito das mudanças contextuais geradas pelo suporte impresso e pelo suporte digital.

Para chegarmos às interações proporcionadas pelos contextos da tela e do impresso, consideramos pertinente delimitarmos a perspectiva teórica da qual partimos e principalmente como estamos entendendo e contrapondo os conceitos de texto impresso, texto eletrônico e hipertexto. Para isso, partimos do posicionamento de Ribeiro (2011), que consideramos consistente, presente num capítulo intitulado “Por que não contrapor texto e hipertexto?”. Nesse texto, a autora explica que, apesar de a primeira aplicação do termo “hipertexto” ter sido empregada no contexto da informática, o termo passou a ser empregado também em relação ao impresso, numa reconfiguração entre

conceitos e objetos, ao passo que se desenvolveu uma consolidação do conceito de hipertexto.

Nesse sentido, a autora propõe, também a partir dos estudos de Chartier, que seria incongruente contrapor texto e hipertexto, demonstrando que seria mais pertinente a marcação e, portanto, a diferenciação de texto eletrônico de texto impresso e de hipertexto impresso de hipertexto eletrônico. Concordamos com o posicionamento de Ribeiro (2011) no que diz respeito à incongruência de se contrapor texto e hipertexto. Neste trabalho optamos por essas perspectivas, o que significa que, quando falamos de texto eletrônico, estamos nomeando-o dessa forma para distingui-lo de texto impresso, ou para marcá-lo em relação a este.

O especialista em história do livro e da leitura Roger Chartier pensa a história das práticas de leitura e escrita relacionando-as à textualidade eletrônica sem sustentar, no entanto, um discurso utópico ou nostálgico em relação à atualidade e ao futuro dessas práticas e dos objetos de ler. As novas técnicas se inserem aos poucos nas práticas de leitura e de escrita, não apagando os antigos usos “nem brutal nem totalmente” (2002, p. 8). Isso quer dizer que o novo se utiliza do velho, tem o velho como referência e parte dele, num processo de retomadas e referências.

A abordagem de Chartier (2002) situa as transformações contemporâneas numa história de longa duração da cultura escrita, voltando-se para o mundo digital e as relações do ser humano com a cultura escrita, para as mudanças nas práticas de leitura, as novas modalidades de publicação, a redefinição da identidade e da propriedade das obras. O autor vincula o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos, o que significa “manejar ao mesmo tempo a crítica textual, a história do livro, e, mais além, do impresso ou do escrito, e a história do público e da recepção.” (1998, p. 18).

Sobre a textualidade eletrônica, o autor desenvolve questões como a inscrição, a distribuição, a organização, a estruturação do texto na tela, para falar das possibilidades e flexibilidades do texto eletrônico:

> O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todas esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p. 13)

Essa passagem dos escritos de Chartier se cruza com o que o autor chama de rupturas à ordem do discurso, o que se relaciona com o fato de que no contexto da tela os textos são lidos em um mesmo suporte independentemente do gênero ao qual ele pertence. Desaparecem as diferenciações, as classificações e a hierarquização dos discursos a partir de suas materialidades (2002, p. 23). Além dos espaços de leitura, escrita, publicação e circulação dos textos se fazerem presentes a partir da tela, ocorre também em alguns ambientes digitais a hibridização dos papéis desempenhados pelo produtor, pelo editor, pelo leitor e pelo crítico. No mundo do texto eletrônico, edição e distribuição tornam-se uma única coisa; o produtor do texto pode ser o editor na medida em que ele dá forma definitiva ao texto e o difunde diante de um público de leitores (Chartier, 1998, p. 16).

Contrapondo-se a essa realidade de maior liberdade na atuação escrita e das possibilidades de circulação do texto, Chartier externa que a história da escrita apontou para uma função diversa da de abrir espaços e liberdades de ideias e atuações, pois sua função primordial, principalmente das escritas monumentais, era manifestar a autoridade de um poder (senhor do espaço gráfico, o poder de uma família ou de um indivíduo suficientemente rico e poderoso para mandar gravar seu nome na pedra ou no mármore). Essa função mais exatamente ligada a uma tentativa de dificultar o acesso a pessoas que não possuíam o status da nobreza, seja porque não possuíam poder aquisitivo, seja porque não tinham um nome importante, se fazia presente também no espaço e na disponibilização da leitura, que muitas vezes se tornava impossível, pois “colocadas altas por demais e às vezes dissimuladas pela arquitetura, não podem ser decifradas pelos transeuntes;

escritas em latim, não podem ser compreendidas por aqueles, numerosos, que dominam somente a língua vulgar". Mas unicamente pela sua presença, esses escritos já simbolizavam a soberania e a glória, por estarem em latim e por se apresentarem em locais altos.

No entanto, em convivência com essa escrita como símbolo de riqueza e de poder, coexistiu a escrita difamatória e que ridicularizava os poderosos, denunciando poderes e considerada de conteúdos subversivos (Chartier, 2002, p. 81). Nos termos de Chartier: "Se as escritas expostas são um dos instrumentos utilizados pelos poderes e pelas elites para enunciar sua dominação – e conquistar adesão –, são também uma forma de os mais fracos manifestarem sua existência ou afirmarem seus protestos." (2002, p. 82). Havia, portanto, também, outros empregos da escrita que não respeitavam a norma estética, que eram redigidos em língua vulgar, em que se misturavam maiúsculas e minúsculas, ignorando as regras impostas pelos profissionais da escrita, trazendo um conteúdo subversivo; eram os anúncios, libelos, pasquins, grafite, que serviam para difamar e ridicularizar os poderosos, denunciando os poderes (CHARTIER, 2002).

Nessa perspectiva, Chartier (2002, p. 63-74) chama a atenção para a importância de se relacionarem as formas materiais da inscrição do texto e de sua transmissão à história do livro e da leitura. O autor argumenta a respeito dos sentidos impressos nas formas materiais e nos modos de difusão de textos através da história, como os sentidos culturais, as formas de uso e as funções sociais dos textos estão associados aos seus modos de difusão e às materialidades que carregam os diversos gêneros (suportes, veículos, meios). "Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados." (2002, p. 62).

Desse modo, o livro eletrônico poderá substituir ou talvez já esteja substituindo o códex impresso, "tal como o conhecemos em suas diversas formas: livro, revista, jornal" (CHARTIER, 2002, p. 106-107). No entanto, o autor propaga com maior convicção que o mais provável para as próximas décadas é a

coexistência, não necessariamente pacífica, da escrita manuscrita, da publicação impressa e da textualidade eletrônica.

O que compreendemos sobre a questão, portanto, é que, para além das formas exercerem efeito sobre os sentidos (D. F. MCKENZIE, 1991, p. 4 *apud* CHARTIER, 2002, p. 107), essa coexistência de suportes e suas naturais consequências no que diz respeito aos gestos de leitura exercem grande efeito também entre eles, isto é, a coexistência entre diferentes formas de inscrição, circulação e recepção dos textos resulta numa influência mútua entre essas formas. Sendo assim, tal como o impresso funcionou e ainda funciona como um conhecimento prévio, isto é, um ponto de partida para a produção e para as formas do texto eletrônico, este, mesmo sendo mais novo, exerce influência e provoca interferências nos textos tal como eles se inscrevem nos suportes impressos.

Para exemplificar essa questão, podemos pensar tanto no processo de construção quanto no processo de produção de sentido do texto do leitor da revista Cult, a qual, na realidade, é um comentário escrito on-line que, após uma edição, é publicado também no espaço impresso. A produção do texto impresso, nesse caso, passa necessariamente pelo texto tal como ele foi publicado no ambiente on-line. A produção de sentido do comentário é determinada tanto pelo ambiente em que ele se encontra quanto pelo ambiente do qual ele se originou, pois alguns fatores contextuais, tais como temporalidade, disposição gráfica e muitos outros que serão analisados neste trabalho, serão marcados ou ficarão explícitos em função da edição do texto para sua publicação em ambiente impresso. Esses elementos, por sua vez, influenciarão o modo como o leitor acessa e lê esse texto.

Sobre o ato da leitura em si, no que diz respeito às limitações e liberdades acerca desse ato, Chartier pontua que a história da leitura mostra que

> [...] os gestos mudam, segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a

> longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (1998, p. 77).

Para se chegar a essas conclusões sobre as mudanças nas relações entre a escrita e o ato da leitura, a história serve-se das figuras e pinturas entre outros instrumentos que representavam a relação do homem com a leitura e com os objetos de ler. No entanto, Chartier lembra que é preciso ser crítico em relação a essas representações, pois é necessário diferenciar de um lado aquilo que era lícito representar e de outro, as práticas reais e os gestos efetivos (1998, p. 79). Nesse sentido, o autor faz um contraponto com a questão citando um artigo de Walter Benjamin, em que este autor reflete que a fotografia e o cinema representam de forma mais efetiva as práticas não legitimadas e mais espontâneas que antes não entravam nos códigos e temas da representação (1998, p. 82). Benjamin observa ainda que, com o cinema e o jornal, nasce uma confusão de papéis entre produtor e consumidor. Exemplifica-se a questão considerando que nos jornais a diferença entre redator e leitor se desmancha quando o leitor se torna autor graças às cartas de leitores, o que ocorre também no cinema conforme explica:

> Produz-se a mesma coisa com o cinema quando ele se põe a filmar, como atores presentes na imagem, aqueles que são os próprios expectadores, por exemplo, os operários filmados na saída das fábricas. A liberdade mais ampla dos gestos é ligada à democratização do acesso à representação e a uma certa interferência entre papéis que antes eram estritamente separados. (CHARTIER, 1998, p. 84)

Relaciono essa hibridização dos papéis dos atores envolvidos no processo editorial ao que Chartier reflete sobre o papel do crítico no contexto eletrônico. Após responder à questão “o que virá a ser o papel do crítico” no contexto do texto eletrônico, Chartier aponta que esse papel pode ser reduzido e ao mesmo tempo ampliado (1998).

> Ampliado na medida em que todo mundo pode tornar-se crítico. Este foi o sonho das Luzes e, talvez, o fim do século XVII: por que todo leitor não poderia ser considerado capaz de criticar as

> obras, fora das instituições oficiais, das academias, dos sábios? É a querela dos Antigos e dos Modernos, na França, no fim do século XVII, que faz nascer a ideia segundo a qual cada leitor dispõe de uma legitimidade própria, do direito a um julgamento pessoal. (1998, p. 17)

Chartier exemplifica essa ampliação do espaço do leitor citando os novos periódicos, mais especificamente o *Le Mercure Galante*, que levam em grande conta a reação (opinião) dos leitores acerca dos artigos dos periódicos. Dessa forma, o historiador desenvolve a questão estendendo suas reflexões às possibilidades da mesma prática nas redes eletrônicas.

> Evidentemente, as redes eletrônicas ampliam esta possibilidade, tornando mais fáceis as intervenções no espaço de discussão constituído graças à rede. Deste ponto de vista, pode-se dizer que a produção dos juízos pessoais e a atividade crítica se colocam ao alcance de todo mundo. Daí, a crítica, como profissão específica, correr o risco. No fundo, a ideia Kantiana segundo a qual cada um deve poder exercer seu juízo livremente, sem restrição, encontra seu suporte material e técnico com o texto eletrônico. (1998, p. 17-180)

Compartilhando dessa mesma observação de Chartier, podemos notar a proliferação dos comentários de leitores nas páginas e sites diversos. Todos os sites midiáticos dos quais tenho conhecimento disponibilizam uma ferramenta ou um espaço dedicado à produção e publicação de comentários de leitores. Essa dinâmica que proporciona a publicação de opiniões de leitores sem os limites espaciais impostos pelo suporte impresso gera constantemente um aumento significativo no espaço do leitor, que por sua vez se apropria também não só de mais espaço, mas de outros níveis na cadeia hierárquica discursiva. De apenas leitor, torna-se também autor, crítico, produtor de textos que antes somente circulavam socialmente se fossem escritos por figuras já conhecidas, redatores de jornais e revistas, jornalistas, escritores etc. Essa apropriação tem se dado de duas formas.

A primeira forma ocorre quando os leitores conquistam diferentes espaços em sites de notícias e reportagens, espaços que antes não existiam ou não eram dirigidos a dar voz aos leitores do veículo de comunicação. O segundo modo

dessa ocorrência é quando outras mídias, como a televisão e o rádio inserem, como tem acontecido muito, em suas programações, os comentários dos telespectadores, ouvintes e internautas, que geralmente ocorrem por meio das redes sociais, isto é, os comentários são feitos nas redes sociais, mas podem ganhar publicação também na televisão e no rádio a partir de suas respectivas programações.

Um exemplo do primeiro caso seria o que tem ocorrido no site do jornal Folha de S. Paulo. A seção do jornal intitulada “painel do leitor”, direcionada à publicação dos comentários e opiniões dos leitores desse veículo, tem-se utilizado dos textos publicados nessa seção para reuni-los e fazer uma espécie de compilação que se torna uma nova chamada do site, como se fosse uma nova matéria ou uma nova notícia do veículo de comunicação em questão. Não se trata apenas da existência de um espaço destinado a dar voz ao leitor, mas do leitor como um autor do processo editorial do jornal, não só inclusive como um produtor de conteúdo, mas como a própria notícia. O leitor torna-se a notícia no momento em que o jornal produz chamadas que o concebem dessa forma a partir do uso de verbos declarativos como “comentam”, “opina”, “diz” para se referir à ação do leitor, conforme verificamos nos exemplos seguintes: “Leitores comentam conflito no Oriente Médio e declaração de diplomata”[4], “Aprovação de Alckmin está ligada à vanguarda de SP, opina leitor”[5], “Leitores comentam desempenho de Marina Silva em pesquisa Datafolha”[6], “Acordei achando que era pesadelo, diz leitor sobre derrota do Brasil”[7]

---

[4] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2014/07/1491785-leitores-comentam-conflito-no-oriente-medio-e-declaracao-de-diplomata.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2014.

[5] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2014/07/1491787-aprovacao-de-alckmin-esta-ligada-a-vanguarda-de-sp-opina-leitor.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2014.

[6] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2014/08/1502460-leitores-comentam-desempenho-de-marina-silva-em-pesquisa-datafolha.shtml>. Acesso em: 19 ago. 2014

[7] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/meuolhar/2014/07/1483434-acordei-achando-que-era-pesadelo-diz-leitor-sobre-derrota-do-brasil.shtml>. Acesso em: 09 jul. 2014.

Outra prova da importância que esse novo espaço do leitor tem adquirido nas novas práticas de produção é a abertura pela mídia impressa à publicação desses textos opinativos que são produzidos e circulam primeiramente em ambientes on-line. Para citar apenas um exemplo dessa abertura da produção impressa para os textos dos ambientes on-line, podemos perceber que a revista Carta Capital publica, na seção dedicada às cartas de leitores, os comentários e opiniões emitidos nas redes sociais como twitter e facebook e no próprio site da revista. Para diferenciar esses comentários das cartas de leitores enviadas via correio eletrônico ou por cartas, a edição insere o símbolo referente à rede social ou ao meio o qual o leitor utilizou para enviar sua opinião[8]. Já a revista Cult não mais aponta para seus leitores da revista impressa de onde surgiram os comentários ali publicados. No início dessa prática de publicar comentários dos ambientes on-line na revista impressa, a edição inseria a informação do meio pelo qual aquele comentário chegou à editoração da revista com a inserção de informações como “publicado no facebook” ou “postado no site”. Agora essas informações não são mais disponibilizadas para o leitor. Portanto, não é possível saber, a não ser que se faça uma pesquisa pelo site da revista, se o comentário foi enviado por e-mail, se foi escrito on-line no espaço de comentários, se foi escrito no facebook ou no twitter. Esse fato gerou influência na seleção do *corpus* deste trabalho, pois no início dessa seleção, tínhamos a informação sobre a procedência do comentário, o que facilitava encontrá-lo em sua versão original quando estava disponibilizado no site ou nas redes sociais.

A televisão e o rádio não permanecem indiferentes a essa proliferação de espaços e comentários de leitores nas mídias on-line. Programas esportivos, programas de auditórios e de debates apresentam tanto por meio da fala do apresentador os comentários publicados via twitter ou facebook, quanto por meio da apresentação escrita desses comentários na tela que aparece para o telespectador, durante ou ao final do programa, e também das duas formas possíveis. Esses exemplos são importantes para se refletir sobre a influência

[8] Ver em ANEXO B o exemplo da revista Carta Capital.

das novas atividades geradas pelo advento da informática e da internet em mídias e tecnologias preexistentes a essas novas tecnologias.

Sobre esse aumento do espaço do leitor proporcionado pelas novas tecnologias e legitimados e abonados pelas mídias impressas, televisivas e radiológicas, muito já se disse e se sonhou a respeito do intercâmbio crítico de ideias e opiniões, chamado por Chartier de promessa de universal, que se daria através de práticas privadas:

> As luzes, que pensavam que Gutemberg tinha propiciado aos homens uma promessa de universal, cultuavam um modo de utopia. Elas imaginavam poder, a partir das práticas privadas de cada um, construir um espaço de intercâmbio crítico das ideias e opiniões. O sonho de Kant era que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação de impressos encontra hoje um suporte poderoso com o texto eletrônico. (CHARTIER, 1998, p. 134).

Por ser esse suporte poderoso que possibilita o que antes era sonho para Kant, não podemos desprezar essa transformação que começa a ocorrer nas mídias “antigas” em relação ao que é dito pelo leitor, pelos “bastidores” dos fatos e das temáticas que circulam nas mídias eletrônicas. À relevância dos suportes de veiculação dos textos para nossa reflexão, podemos acrescentar a relevância do leitor para a efetiva materialização do que é feito tanto na literatura quanto na mídia.

> [...] ele [o livro] pode existir como objeto, mas, sem leitor, o texto de qual é portador é apenas virtual. Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para dele fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou para transformá-lo em experiência? Paul Ricoeur lembrou muitas vezes que o fato de um mundo de textos que não é conquistado, apropriado por um mundo de leitores, não é senão um mundo de textos possíveis, inertes, sem existência verdadeira (CHARTIER, 1998, p. 154)

Podemos compreender, portanto, que o comentário de leitor atesta o processo de textualização ocorrido com a leitura de um texto-base, funcionando como

uma espécie de retorno da leitura de uma publicação feita por um veículo de comunicação escrita.

Na próxima seção realizamos uma contextualização de estudos sobre o gênero carta do leitor e expomos algumas características abordadas em todos eles para a configuração e funcionalidade desse gênero de texto.

2.3 Carta do leitor

Neste item apresentamos, de forma breve, alguns estudos na área da Linguística que tiveram como objeto de análise o gênero carta do leitor, bem como seus principais objetivos e resultados que se relacionam aos objetivos deste trabalho. Nossa intenção foi pontuar como esses estudos nos permitem idealizar uma caracterização da carta do leitor como um gênero de texto que se situa numa determinada situação comunicativa, bem como compreender de que forma sua origem e evolução se relacionam às reflexões teóricas que subjazem este trabalho. Após realizar a apresentação desses estudos que tiveram como objeto o gênero carta do leitor, ficará mais evidente ao longo deste trabalho como essas leituras contribuíram para a construção da caracterização do gênero carta do leitor e na orientação metodológica das análises.

Tivemos acesso a alguns trabalhos cujo objeto de estudos é o gênero carta do leitor. Eles são a tese de Melo (1999) intitulada *Cartas à redação:* uma abordagem discursiva; a tese de Silva (2002), *Um estudo do gênero carta pessoal*: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos; a tese de Cordeiro (2007), *Argumentação e leitura*: uma relação de complementaridade; a dissertação de Corrêa (2008) chamada *O gênero carta do leitor*: análise de exemplares publicados no jornal Folha de S. Paulo; e, por fim, o artigo de Bezerra (2010) “Por que cartas do leitor em sala de aula”, publicado no livro *Gêneros Textuais e ensino*. Buscamos contribuições nessas pesquisas pelo fato de que tomam como referencial teórico os estudos do texto

e do discurso e de que foram referenciadas em outras obras que consultamos no desenvolvimento de nosso trabalho.

Melo (1999) faz um estudo discursivo do gênero carta do leitor. A partir da noção de espaços discursivos distintos, esfera pública e esfera privada, a autora levanta a hipótese de que cada tipo de discurso apresenta marcas textuais próprias, isto é, discursos que abordam temas de caráter público tem certas características diferentes de discursos que abordam temas de caráter privado. A orientação temática determinará a materialidade textual das cartas à redação. Sua conclusão aponta para fatos discursivos que se manifestam nas cartas à redação no que se relaciona aos assuntos da esfera pública ou da esfera privada, delineando-se ao longo da análise características linguísticas próprias nos exemplares da carta à redação, tal como o gênero é chamado no trabalho da autora.

Apesar de tratar do gênero carta pessoal, o trabalho de Silva (2002) faz considerações relevantes no que se refere ao gênero carta à redação, forma como essa autora também nomeia o gênero em questão. Essas considerações tratam, de forma breve, sobre a origem e a configuração da carta do leitor em oposição à carta pessoal, esta sim, objeto de análise da pesquisadora.

A tese de Cordeiro (2007) realiza um estudo dos recursos argumentativos e das estratégias cognitivas de leitura em cartas do leitor publicadas na revista Veja. A autora enfatiza a situacionalidade e a intertextualidade como fatores intrínsecos à carta do leitor; evidencia o modo de utilização da linguagem nesse gênero como forma de persuasão para legitimar padrões de conduta ideológica e demonstra, por meio da carta do leitor, o sujeito e o contexto sócio-histórico, protagonistas dos sentidos do discurso manifesto. Cordeiro (2007) salienta algumas escolhas linguísticas realizadas pelo autor produtor da carta do leitor com a intenção de interagir:

a) uso de perguntas retóricas;
b) expressões coloquiais e/ou gírias;
c) inserções com comentários metadiscursivos;

d) inserções com advertências ao produtor do texto (matéria-prima) que originou a carta do leitor;
e) uso de operadores argumentativos;
f) uso de termos ou expressões formais;
g) uso de termos estrangeiros;
h) uso de modalizadores e marcadores de pressuposição;
i) marcas de processo de (re)formulação textual;
j) paráfrase;
k) intertextualidade;
l) sintaxe própria da linguagem culta e escrita, entre outros.

Corrêa (2008) selecionou como objeto de estudo o gênero textual carta do leitor, tomando como diretriz teórica os trabalhos desenvolvidos dentro do campo da sócio-retórica, mais especificamente os de Swales (1990) e Bazerman (2005). Desse modo, foi feita uma análise da organização retórica do gênero carta do leitor e um levantamento de aspectos da edição das cartas como parte do processo de textualização do gênero. Os resultados apontaram o gênero como representante de uma prática social bastante recorrente no meio jornalístico, mostrando também o atrelamento entre o texto-fonte e o texto do leitor. A autora selecionou cinco variantes de cartas do leitor de acordo com seus movimentos retóricos, e concluiu também que este gênero apresenta-se como um recurso textual valioso para o ensino de linguagem por apresentar uma ampla variedade de conteúdo de interesse social.

Sobre a organização retórica do gênero carta do leitor, o estudo apontou cinco variantes da carta do leitor: a) carta para o jornal ou a um de seus envolvidos, b) carta para envolvido(s) em um fato com comentário positivo ou negativo, c) carta para leitores do jornal com esclarecimento sobre texto publicado anteriormente, d) carta para outro leitor com questionamento ou apoio e, e) carta para a sociedade com crítica de comportamento. Em relação ao objetivo de levantar aspectos da edição das cartas como parte do processo de textualização do gênero, foram observadas estratégias como a de eliminação, acréscimo, substituição e correção ortográfica.

Bezerra (2010) propôs uma sequência didática com cartas do leitor, focando sua função social, por meio de leitura, produção e envio de cartas à redação de jornal ou revista, numa tentativa de fugir da didatização para a sala de aula como forma de esvaziamento das condições e funções sociais da produção desse gênero. Tanto Cordeiro, Corrêa e Bezerra apontaram, na conclusão de seus trabalhos, as vantagens no tratamento tanto dos gêneros jornalísticos quanto da carta do leitor, em especial, no trabalho com o ensino da linguagem.

Partimos do pressuposto Bakhtiniano de que o uso da linguagem é relacionado às diversas esferas de atividade humana e de que os gêneros do discurso são incontáveis e diversificados tais como as possibilidades de nossas atividades. Cada esfera de atividade elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo a carta do leitor um desses tipos, assim como a notícia, o artigo, a entrevista, o editorial, a reportagem, etc. que são textos constituintes da esfera jornalística de atividade humana.

Os gêneros textuais surgem de acordo com as necessidades de comunicação humana e com as mudanças sociais, históricas e culturais. As cartas, em geral, apresentam variados tipos de função, comunicação e intenção, como pedidos de informações, agradecimentos, notícias familiares, cobranças, prestação de contas entre diversas outras possibilidades de comunicação que se dão por meio da carta. As cartas possuem propósitos e intenções de natureza diversa, circulam em diferentes contextos e com funções comunicativas distintas (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012).

Numa apresentação de pesquisas históricas sobre gêneros públicos[9], Bawarschi e Reiff (2013, p. 190) comentam que a carta, um dos gêneros escritos mais antigos, é objeto de estudo de uma coletânea de ensaios organizada por Davi Barton e Nigel Hall (1999). Nesses ensaios, foi investigado

[9] Conforme Bawarshi e Reiff (2013, p. 187) “A exemplo dos estudos de gêneros profissionais ou acadêmicos, os pesquisadores que investigam os gêneros públicos estão interessados no modo como conhecimento de gêneros públicos evoluem e mudam”. Os autores exemplificam estudos nesse sentido com os gêneros formulários de imposto de renda (BAZERMAN, 2003), reportagens policiais (GILTROW, 1994) e notícia e reportagem (BONINI, 2009).

“como a escrita de cartas é incorporada em determinados contextos históricos e culturais e como as cartas mediaram, no decorrer da história, um amplo leque de interações humanas”.

Bazerman (1999), por sua vez, investigou a história da produção de cartas juntamente com a história de gêneros que se manifestaram a partir dessa produção. Nesse trabalho o autor defende que “as cartas funcionaram como gêneros antecedentes para alguns dos mais poderosos formatos de texto, de gêneros dos negócios (formulários, notas fiscais, relatórios) ao artigo científico, à patente e ao relatório para o acionista”.

Paredes Silva (1988), em sua tese *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*, conclui que, embora sejam cartas, os textos desse gênero não possuem a mesma natureza por circularem em esferas de atividades diversas, com funções comunicativas variadas. Dessa forma, a autora considera os variados tipos de cartas como subgêneros do gênero maior “carta”, por terem em comum a estrutura básica: seção de contato, núcleo da carta e seção de despedida. Esta seria a distinção das partes constituintes de uma carta segundo Paredes Silva (1988, p. 77-81). A seção de contato seria aquela parte inicial onde se fazem as saudações, em que o emissor estabelece um primeiro contato com o destinatário, lançando mão de expressões estereotipadas, clichês que atendem à função fática da linguagem. A Seção de despedida seria a que faz referências explícitas ao término do contato e a seção núcleo seria o meio da carta, sem um padrão fixo temático ou estrutural, relacionando-se diretamente com o objetivo da escrita da carta, aquilo que realmente é dito ao interlocutor.

A partir dessa orientação de Paredes Silva, tanto Melo (1999) quanto Bezerra (2010), concordam, citando a autora, com a classificação do gênero carta do leitor como um subgênero do gênero maior “carta”. Ainda sobre a origem da carta do leitor, Corrêa nos informa:

> Para esboçar uma breve história do surgimento de cartas do leitor em jornais no Brasil, recorreu-se a Pompílio (2002)[10]. A autora relata em sua pesquisa que, em 1854, no jornal Diário do Rio de Janeiro, José de Alencar inicia uma campanha de publicações de cartas em ataque ao épico "Confederação dos Tamoios" de Gonçalves de Magalhães, editado pela casa real. As escritas das cartas eram em forma de textos de crônicas. Entretanto houve um período em que desapareceram as cartas do leitor nos jornais diários. No jornal O Estado de São Paulo, a carta do leitor começa a surgir por volta de 1950, e os textos eram publicados na íntegra. Neste período, as cartas visavam reclamar sobre temas como lixo nas ruas, pontos de ônibus e horários de cinema atrasados. Na Folha da Manhã, como era denominada na época a Folha de S. Paulo, a primeira carta surge em 1955. "Elas aparecem cortadas, enxertadas de discursos do jornalista, destacadas por recursos gráficos como aspas, negritos, reticências antes de transcrever o texto do leitor" (p. 73). Em 1964, a censura é mais enfática, eliminando opiniões contra o regime. Essa censura perdura até os anos 70 e 80. Somente a partir de 1987 os leitores ganham uma maior liberdade para se expressarem através das cartas. Hoje já consolidada, a seção de cartas do leitor ganhou espaço nos principais jornais, e, na Folha de S. Paulo, o leitor-missivista tem sua carta publicada no primeiro caderno, na página 3 do jornal (Corrêa, 2008, p. 23).

É com base nos estudos de Silva, de Paredes Silva, de Corrêa, de Bezerra, bem como nas informações de Bawarschi e Reiff e Bazerman que avaliamos que a origem da carta do leitor pode ser relacionada, na perspectiva de sua estrutura e de algumas de suas rotinas, ao gênero carta. Já na perspectiva de seu domínio discursivo, parece-nos lícito afirmar que ela surgiu a partir do domínio jornalístico, isto é, no contexto de surgimento da imprensa como bem diz Silva (2002).

A respeito da origem desse gênero, Silva (2002) delineia que umas das condições sócio-históricas determinantes para o surgimento da carta do leitor foi o advento da imprensa e, consequentemente, a criação e difusão dos produtos da mídia. Junto a isso, a autora expõe que o nascimento desse

[10] POMPÍLIO, Berenice Wanderley. *Cartas de leitor*: tribuna de cidadania em uma abordagem sócio-discursiva, 2002. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino), Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada. PUC, São Paulo, 2002.

gênero decorre de uma série de fatores vinculados à “solidificação da imprensa com o público; à necessidade de o leitor manifestar, via uma interlocução mediada por cartas, a sua opinião sobre as matérias veiculadas em artigos, notícias, editoriais” (SILVA, 2002, p. 75). A autora lembra também que a carta de leitor funciona ainda como um recurso de publicidade, utilizado por esses veículos para legitimar a qualidade daquilo que se publica.

A carta do leitor é um “texto que circula no contexto jornalístico, em seção fixa de revistas e jornais, denominada comumente de cartas, cartas à redação, carta do leitor, painel do leitor, reservada à correspondência dos leitores” (BEZERRA, 2010, p. 228). A carta do leitor permite inúmeros propósitos comunicativos como opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, informar, entre outros. Nas palavras da autora, trata-se de um “gênero de domínio público, de caráter aberto, com o objetivo de divulgar seu conteúdo, possibilitando, assim, ao público em geral a sua leitura”, guardando poucas semelhanças com o gênero epistolar “carta”, de caráter privado. Mesmo porque este gênero passa por um tratamento editorial que tem como uma de suas funções eliminar as marcas mais evidentes do gênero epistolar, como a seção de contato e a seção de despedida estudadas por Paredes Silva.

Para comprovar esse fato de que ocorre uma seleção e um tratamento editorial pelos veículos que recebem e publicam cartas de leitor, Corrêa (2008, p. 32) cita Silveira (1979)[11], que à época era secretário geral do Jornal do Brasil e editor da seção “Cartas”.

> Segundo o autor, as cartas recebidas pelo jornal sofrem uma análise não somente quanto ao conteúdo, mas também quanto à veracidade do nome e do endereço. As anônimas são descartadas. As de retificação são publicadas no dia seguinte, após conferência do repórter e, se necessário, acompanhada de “Nota da Redação”. Nem sempre as cartas que chegam para conferência são publicadas; elas passam por um critério de qualidade imposto pelo jornal, que decide o que quer ver publicado. Quando selecionadas para serem publicadas, as

[11] SILVEIRA, José. Carta do leitor: uma resposta crítica. In: NEOTTI, Clarêncio (Org.). *Comunicação e consciência crítica*. São Paulo, Loyola, 1979, p. 185-189.

> cartas são encaminhadas ao redator que faz algumas modificações como: a redução quando muito extensa, a inclusão de palavras de acordo com as normas do jornal e a eliminação do que se considera supérfluo.

Esse gênero de texto, portanto, conduz um processo de textualização particular que engloba a leitura de um texto prévio (texto-fonte), a textualização desse texto por um leitor, e a partir dessa textualização, o leitor escreve uma carta à redação do veículo de informação. Essa carta pode conter uma crítica, uma resposta, uma sugestão, um elogio, uma correção, uma reclamação, uma informação entre outras possibilidades. A partir disso ocorre uma seleção de cartas a serem publicadas, a editoração do texto do leitor pelo editor da revista e, finalmente, a sua publicação no veículo.

Sobre essa editoração que ocorre com o texto do leitor, podemos ter uma noção de alguns dos parâmetros utilizados pelos veículos de comunicação a partir do que é dito sobre essa prática no *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (1992), material muito consultado no meio jornalístico de modo geral:

a) as cartas sem exceção devem ser publicadas ou respondidas;
b) não é motivo da não publicação, cartas contendo críticas ao jornal;
c) fica a critério da Direção de Redação uma resposta pública, quando julgar necessário;
d) o jornal se reserva o direito de publicar exemplares de cartas das mais variadas opiniões;
e) de selecionar e publicar trechos representativos;
f) cartas de conteúdo calunioso, difamatório ou ofensivo serão submetidas à avaliação da direção da Redação;
g) não serão publicadas cartas anônimas;
h) a publicação de abaixo assinados somente quando for de relevância jornalística;
i) os debates entre missivistas podem ocorrer desde que curtos;
j) os requisitos exigidos para publicação das cartas devem ser comunicados diariamente na seção do jornal.

Sendo assim, sobre as condições de produção da carta de leitor, antigamente enviada por caixa postal e atualmente enviada principalmente por e-mail, podemos dizer que o editor do veículo procede a uma seleção das cartas que serão publicadas e, após essa seleção, ocorre uma edição da carta de acordo com os parâmetros de redação do veículo em questão e, por fim, o editor procede à publicação da carta do leitor na seção destinada a esse gênero. Esse processo mostra que leitores e editores são então coautores da carta de leitor, o que por sua vez demonstra que este é um gênero constituído, por natureza, de um discurso heterogêneo. É importante notar que é também o editor quem detém maior poder nesse discurso, se considerarmos que o texto-fonte ainda passa por seu crivo, o que não quer dizer que essa seleção não esteja completamente relacionada ao público leitor, fator determinante para a produção, seleção e publicação dos textos que produzem a linha editorial do veículo.

Sobre a construção de sentindo na produção e na interpretação dos textos da seção do leitor, textos que foram produzidos on-line e que se transformam em comentários impressos, falaremos, na próxima seção, do processo de construção dos sentidos a partir de conceitos que se relacionam ao processo de textualização e seus critérios.

2.4 Textualização e produção de sentido

Como tratamos da textualização do comentário do leitor da revista Cult, apresentamos neste item alguns aspectos relacionados a esse processo e alguns dos princípios que julgamos intervenientes na produção de sentido do objeto de estudo.

Para pensarmos na produção de sentido do comentário do leitor da revista Cult, adotamos a estratégia de refletir sobre essa produção de sentido a partir da noção de coerência e de como esse princípio contribui para o processo de textualização desse comentário. Seja pela perspectiva da produção pelo

locutor, seja na da recepção da consolidação linguística pelo interlocutor, a coerência relaciona-se à construção do sentido textual, tratando da possibilidade, e mesmo da necessidade, de atribuição de sentido às produções textuais (OLIVEIRA, 2012, p. 200). Articulada no âmbito da situação comunicativa, a coerência está ligada aos domínios linguísticos, pragmático, e extralinguístico.

Em seu trabalho sobre tradução numa perspectiva textual, em que toma esse processo como uma prática de retextualização, Neusa Travaglia (2013) retoma os elementos constituintes e responsáveis pela produção de sentido de determinado texto. A coerência é apontada como a possibilidade de atribuir um sentido global à sequência linguística tomada como unidade. Essa atribuição de sentido representa a permissão de um efeito de sentido entre os usuários do texto, num determinado tempo e espaço. O efeito de sentido "é discursivamente estabelecido, já que a textualidade é resultado do próprio funcionamento discursivo da sequência linguística" (p. 95). Nesse sentido, Neusa Travaglia considerará que a retextualização que a tradução representa dependerá diretamente de alguns elementos e condições que tomamos como essenciais neste trabalho para o próprio processo de retextualização no sentido já desenvolvido por Marcuschi[12], na medida em que qualquer processo de escrita, leitura, reescrita e retextualização é um processo de textualização que dependerá de tais elementos, quais sejam: a) condições de produção do discurso, isto é, dos sujeitos e da situação (tanto o contexto de situação imediata quanto o contexto sócio-histórico), na inter-relação em que o efeito de sentido se estabelece; b) fatores de coerência que são os próprios critérios de textualidade já que esta é construída pela coerência.

Neusa Travaglia (2013) considera como fatores de coerência a intencionalidade, a aceitabilidade, o conhecimento linguístico e o conhecimento de mundo, o conhecimento partilhado, a focalização, as inferências, a consistência, a relevância, a informatividade, a intertextualidade, sendo que a situacionalidade e os fatores pragmáticos estariam presentes em todos eles,

[12] Conforme conceito de retextualização elaborado por Marcuschi e apresentado na seção 2.5, "Retextualização e Reescrita".

“pois ancoram todo o processo no sujeito-tempo-espaço da comunicação” (p. 97).

Sobre a coerência, Marcuschi (2008, p. 121) ressalta que não é uma propriedade imanente ao texto, mas sim uma atividade interpretativa, é a coerência o fator responsável pela continuidade de sentido no texto e pela a ligação dos tópicos discursivos. A sugestão de coerência de um enunciado funda-se num conhecimento pessoal do enunciador em relação ao enunciado e não numa relação semântica entre os enunciados sequenciados.

Koch e Travaglia (2013) afirmam que a coerência deve ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido do texto, podendo ser compreendida como a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Os autores explicam que a boa formação textual pode ser vista em função da possibilidade de os falantes recuperarem o sentido do texto, calculando sua coerência, que tem a ver com a boa formação em termos da interlocução comunicativa, que determina não só a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também, com alguma frequência, qual sentido se estabelece.

Os referidos autores apresentam, conforme Van Dijk e Kintsch (1983), a noção de coerência local que se relaciona ao bom uso dos elementos da língua em sequências menores para a expressão de sentidos que proporcionem a realização de uma intenção comunicativa, sendo que as incoerências locais viriam, então, do mau uso desses mesmos elementos linguísticos para um mesmo fim. Sobre esse tópico os autores ainda lembram que “é preciso observar que a incoerência local não impede totalmente o cálculo do sentido, embora o torne mais difícil; mas, ao se construir um texto, é preciso cuidado, pois o acúmulo de incoerências locais pode tornar o todo do texto incoerente” (p. 42).

Van Dijk e Kintsch (1983, *apud* Koch e Travaglia 2013, p. 42) mencionam os tipos de coerência que seriam a coerência semântica, a coerência sintática, a

coerência estilística e a coerência pragmática. A primeira seria referente à relação entre significados dos elementos de uma sequência ou de um texto como o todo. A coerência sintática seria a que se refere aos meios sintáticos para expressar a coerência semântica como os conectivos, o uso dos pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos entre outros. Já a noção de coerência estilística, conforme explicam os autores, teria maior utilidade para a explicação de fenômenos em que ocorre a quebra estilística, como o uso de gírias em textos acadêmicos, por exemplo. A coerência pragmática se refere à abordagem de texto como uma sequência de atos de fala. Para que essa sequência seja percebida como apropriada, “os atos de fala que a constituem devem satisfazer as mesmas condições *presentes em uma dada situação comunicativa*” (p. 45-46).

Um outro fator de coerência seria a coesão, que é compreendida como a relação, a ligação entre os elementos que constituem a estrutura textual, o elemento que assinala a conexão entre as diferentes partes do texto. Diferentemente da coerência, “a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, o que lhe dá um caráter *linear*, uma vez que se manifesta na organização sequencial do texto” (KOCH e TRAVAGLIA, 2013, p. 47). Retomando Koch (1989), os autores assinalam que existem duas grandes modalidades de coesão: a remissiva, chamada também de referencial, realizada mais por aspectos semânticos, e a sequencial, realizada mais por elementos conectivos (MARCUSCHI, 2008).

Cumpre-se falar de coesão neste trabalho na medida em que ela é um dos fatores que permite calcular a coerência (KOCH e TRAVAGLIA, 2013, p. 52), pois é este o elemento fundamental de embasamento analítico da edição dos comentários on-line para sua publicação na revista impressa. Nesse sentido, devemos fazer “a análise das marcas de relação entre as unidades de composição textual que a língua usa para resolver, o melhor possível, os problemas de interpretação que seu uso possa gerar” (CHAROLES, 1987, *apud* KOCH e TRAVAGLIA, 2013, p. 70).

Nessa perspectiva, Marcuschi (1983) trata dos fatores de contextualização, que seriam aqueles que ancoram o texto em uma situação comunicativa. Segundo o autor, podem ser de dois tipos os fatores de contextualização: os contextualizadores propriamente ditos, data, local, assinatura, elementos gráficos etc., que colaboram para situar o texto; e os perspectivos, título, autor, início do texto, que ajudam no avanço de expectativas sobre o conteúdo ou sobre a forma do texto. Entre os fatores gráficos teríamos, portanto, a disposição na página, imagens, localização no jornal ou na revista (caderno, seção). Esses elementos, conforme Marcuschi, contribuem para a interpretação do texto, tal como os elementos como o título, o nome do autor e o início do texto permitem a realização de previsões importantes sobre o texto.

Em seu texto “Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita”, Marcuschi (manuscrito, s/d) esclarece o tema mostrando a tese que pretende ilustrar em seu texto: o texto escrito apresenta traços de interatividade que estabelecem uma relação direta do escrevente com seu interlocutor. O autor demonstra que, como a interatividade foi estudada quase que exclusivamente na fala, o seu desconhecimento na escrita levou à postulação, por muitos autores, da escrita como não constituinte de marcas de interatividade explícita. E, por esse motivo, passou-se a caracterizar a escrita como a linguagem do distanciamento e a fala como a linguagem da proximidade. No entanto, conforme explica Marcuschi

> (...) é essencial ter presente que, quando se escreve, **escreve-se para alguém** e este alguém (o outro, o interlocutor) está presente no horizonte do escrevente. Isto, em essência, equivale ao **princípio do dialogismo** como fenômeno universal em todos os usos da língua, seja na fala ou na escrita. Este aspecto diz respeito ao **princípio da interlocução** presente também na escrita. A propriedade de interatividade é um aspecto inerente à própria língua e comprova a tese geral do dialogismo (s/d, p. 1).

Dessa forma, a interatividade é uma propriedade geral de qualquer uso da língua e não só da modalidade falada. Portanto, é possível identificar, na

escrita, indícios de interatividade que sugerem uma relação direta e intencional do autor com o suposto leitor, isto é, uma relação entre um eu e um tu:

> Esta relação se manifesta como um tipo de envolvimento interpessoal e pode apresentar-se de diferentes formas, com intensidade variada nos diversos gêneros textuais. Quanto a isto vale ressaltar que o escrevente sempre *desenha* um leitor para seu texto, mesmo que seja um leitor genérico. Os diversos gêneros textuais distinguem-se em boa medida pelo tipo de *receptor* desenhado. Neste sentido, é hoje consensual a idéia de que o destinatário é um aspecto central na construção de qualquer tipologia textual (*ibidem*, p. 3).

O autor expõe que analisar indícios de interatividade no texto escrito equivale a um "movimento específico no processo de textualização em que a presença do interlocutor está marcada na própria realização textual", pontuando-se que nem todos os gêneros textuais terão essas marcas na mesma intensidade e de forma muito clara (p. 3-4). Alguns gêneros quase não apresentam relações diretas de interatividade, mas apresentam "uma série de sugestões de relação com o leitor e, sobretudo um trabalho de explicitação e explicação para o leitor convidando-o a partilhar algo que supostamente não lhe era conhecido", como é o caso da notícia dada como exemplo pelo autor.

> **linhas 11-12:** "A causa da quebradeira **num país que responde pela segunda maior reserva petrolífera da América Latina** encontra resposta...
>
> Temos aqui um trabalho do escrevente que explicita uma informação **parenteticamente** para que seu leitor partilhe um conhecimento interessante, talvez por ele ignorado. A exclusão dessa informação não traz prejuízo ao conjunto da notícia. A informação é apenas um auxílio para o leitor que foi desenhado pelo escrevente como provavelmente ignorando aquele fato (*ibidem*, p. 6).

A motivação para trazer essa questão da interatividade na escrita é que, como notaremos na análise deste trabalho, na edição do comentário da revista Cult realiza-se em alguns casos um apagamento desses indícios de interatividade para a posterior publicação do texto do leitor na revista impressa.

Na seção seguinte, passamos ao desenvolvimento dos conceitos de reescrita e de retextualização com o intuito de compreender as alterações ocorridas na passagem do texto on-line do leitor para o texto inscrito no suporte impresso.

2.5 Retextualização e reescrita

Marcuschi (2010, p. 46) introduziu o conceito de retextualização como um procedimento comum na vida diária que consiste em transformar um texto em outro da mesma língua, mas em modalidades diferentes e com manutenção de sentidos, ou seja, "trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido (...)". Conforme o autor, o termo foi empregado primeiramente por Neusa Travaglia (1993) para o tratamento da atividade de tradução de uma língua para a outra. Marcuschi concebe, portanto, que no caso específico de seu estudo trate-se de uma "tradução" em modalidades diferentes, mas numa mesma língua.

Na consideração das modalidades fala e escrita, o autor apresenta quatro possibilidades de retextualização representadas no quadro seguinte:

Possibilidades de retextualização			
1. *Fala*	→	*Escrita*	(entrevista oral → entrevista impressa)
2. *Fala*	→	*Fala*	(conferência → tradução simultânea)
3. *Escrita*	→	*Fala*	(texto escrito → exposição oral)
4. *Escrita*	→	*Escrita*	(texto escrito → resumo escrito)

Quadro de MARCUSCHI (2010, p. 48).

Dentre essas possibilidades poderiam ser desdobrados inúmeros exemplos concretos das operações de retextualização. No presente trabalho, tratamos da passagem de um texto escrito para outro texto escrito, já Marcuschi, em seu livro *Da fala para a escrita*, se aprofunda, em conformidade com o título de sua obra, justamente nos tipos de transformação textual que se dão na passagem do texto falado para o texto escrito conforme a alternativa (1) do quadro anterior.

No entanto, muitas das operações de retextualização analisadas pelo autor servem como um caminho para se analisarem as operações de transformação que ocorrem na passagem do comentário on-line do leitor (texto escrito) para o comentário impresso (texto escrito). Isso é possível porque não há entre a fala e a escrita uma diferença dicotômica, essa relação se funda, segundo Marcuschi (2010, p. 27), "num *continuum* e não numa dicotomia polarizada". Os termos "fala" e "escrita" são usados, de acordo com o autor, para designar formas e atividades comunicativas, sem se restringir ao plano do código, tratando-se muito mais de "processos e eventos do que de produtos" (*ibidem*). Marcuschi, portanto, sustenta a hipótese de que "as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção e não na relação dicotômica de dois polos opostos" (*ibidem*, p. 37).

Um exemplo de como esse aproveitamento teórico-metodológico pode ocorrer é a relevância das variáveis traçadas pelo autor (2010, p. 54) como ponto de partida para se pensar a formulação linguística no processo de retextualização, quais sejam:

- ✓ o *propósito* ou o objetivo da retextualização;
- ✓ a *relação entre o produtor do texto original e o transformador*;
- ✓ a *relação tipológica* entre o gênero textual original e o gênero da retextualização;
- ✓ os *processos de formulação* típicos de cada modalidade.

Para a análise da passagem de um texto escrito para outro texto escrito, é preciso considerar que, assim como a fala, a escrita é multissistêmica, isto é, constitui-se em várias dimensões expressivas. Tal como a fala serve-se da gestualidade, mímica, prosódia etc., a escrita utiliza-se da cor, do tamanho, da forma das letras, dos símbolos, dos elementos logográficos, icônicos e pictóricos, entre outros. Esses elementos expressivos serão essenciais na análise da retextualização do comentário on-line para o comentário impresso, ambos os gêneros da modalidade escrita, mas que se constroem com formas

expressivas diversas que influirão, dessa maneira, no sentido e na textualização desses textos.

> Nesse processo de reescrita (que vai além da transcodificação processada na transcrição inicial da fala), entram em ação algumas *estratégias de regularização linguística*. Estas são, em geral, as primeiras alterações e têm muito a ver com os fenômenos mais estreitamente relacionados à denominada *norma linguística padrão*, sendo assim atividades elementares ligadas à *corretude intuitiva*. Posteriormente surgem outras operações que afetam as estruturas discursivas, o léxico, o estilo, a ordenação tópica, a argumentatividade e acham-se ligadas à *reordenação cognitiva* e à transformação propriamente dita que atinge a forma e a substância do conteúdo pela via da mudança na qualidade da expressão (MARCUSCHI, 2010, p. 55).

Quando o autor fala “nesse processo de reescrita”, ele está se referindo a uma atividade interior ao processo mais amplo da retextualização do texto falado para o escrito. O autor não pode estar tomando um conceito pelo outro porque só se pode reescrever aquilo que já foi escrito, e não aquilo que foi falado. Ao falar em “reescrita”, Marcuschi está-se referindo a uma parte do processo de retextualização “fala → escrita”, pois ocorre incialmente uma transcrição *ipsis litteris* da fala e depois uma adaptação que seria uma transformação na perspectiva da modalidade requerida, no caso, a modalidade escrita. É nessa perspectiva de “reescrita” que se relacionam as ações de regularização linguística chamadas de estratégias pelo autor.

O autor não faz, portanto, uma diferenciação entre retextualização e reescrita, mas também não toma uma coisa pela outra. Mais adiante, veremos, no entanto, que mesmo não fazendo essa distinção, o autor nos fornece alguns indícios ou instrumentos que podemos utilizar no intuito de refletir acerca da diferença entre esses dois processos.

Sobre a retextualização, a primeira ação ocorrida antes desse processo é a atividade cognitiva, conforme disserta Marcuschi a respeito da operação de compreensão:

> (...) para poder transformar um texto é necessário compreendê-lo ou pelo menos ter uma certa compreensão dele. De igual modo que dois falantes só interagem na suposição de uma certa compreensão mútua, um indivíduo só pode retextualizar na suposição de compreensão do texto de origem (2010, p. 70).

Parte-se da leitura e da compreensão de um texto para que seu gênero seja identificado, com base nos meios de veiculação e nos suportes desses gêneros, nas esferas de atividades às quais o gênero pertence, nos propósitos comunicativos e na forma estrutural do texto. A atividade de retextualização demanda inúmeras ações, procedimentos e operações que vão desde a necessidade de se refletir sobre a situação de produção do texto e as esferas de atividade em que os gêneros se constituem até a implicação das condições de produção, de circulação e de recepção dos textos (DELL'ISOLA, 2007, p. 12).

Em *Retextualização de gêneros escritos*, obra em que defende esse processo como um eficiente recurso para o trabalho com o gênero e, portanto, para o exercício da escrita, Dell'Isola define a ação de retextualizar como

> (...) um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido (...). Retextualização é a refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem (2007, p. 36).

Ainda nesse contexto pedagógico, em um trabalho que investiga a retextualização do texto acadêmico para o gênero resumo, numa perspectiva que concebe essa prática de retextualizar como uma das mais frequentes estratégias na formação de professores, Matencio (2002) adota inicialmente a concepção de Marcuschi (2001, p. 46) de que retextualizar é transformar um texto em outro. A autora explica que o processo de retextualização se trata

> (...) da produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as

> estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação [...]. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade (MATENCIO, 2002, p. 111)

A autora convenciona que o modo como se (re)textualiza envolve investigar a manifestação de três tipos de operações na materialidade textual, as quais são explicitadas e explicadas:

> [operações] (i) propriamente linguísticas, ou seja, de **organização da informação** – de *construção de tópicos*, de *equilíbrio entre informações dadas/novas* –, de **formulação do texto** – de *modos de dizer* – e de **progressão referencial** – de *retomada de referentes e de remissão referentes*, explícitos ou não; (ii) textuais, já que se referem aos **tipos textuais** através dos quais as sequências linguísticas dos textos ganham vida – tipo *narrativo, dissertativo, argumentativo, injuntivo* ou *dialogal* – e à superestrutura do gênero textual – seu *esquema global*; e (iii) discursivas, uma vez que remetem ao **evento de interação** do qual o texto emerge – tanto à construção do *quadro interlocutivo*, isto é, à assunção, pelos sujeitos, de lugares e papéis sociais, à delimitação de propósitos comunicativos e do espaço e tempo da interação, quanto aos *mecanismos enunciativos*, portanto à diafonia, à polifonia e à modalização. (MATENCIO, 2002, p. 111 – grifos da autora).

Matencio demonstra, no entanto, que reescrever/revisar um texto é atividade significativamente diversa da de produzir um novo texto a partir de outro:

> A esse respeito, o pressuposto é de que, embora, de fato, a atividade de retextualização envolva **operações linguísticas similares** àquelas envolvidas no que se tem denominado reescrita – tais como as operações de acrescentamento, supressão, substituição e reordenação tópica –, no que se refere às operações textuais e discursivas, essa semelhança é muito menor; além disso, as variáveis que interferem nesses dois processos não se comportam de forma semelhante (MATENCIO, 2002, p. 112).

A autora chama a atenção para que não se confunda a retextualização do texto escrito para texto escrito com a atividade de reescrita, embora reconheça que, em muitas práticas sociais, escolares ou não, reescrita e retextualização se confundem com frequência. No entanto, ao mesmo tempo, Matencio, salienta que, do ponto de vista teórico-metodológico, a abordagem dessas atividades não é equivalente, apontando para o fato de que “as análises iniciais e seus resultados foram suficientes para demonstrar que reescrever/revisar um texto qualquer é atividade significativamente distinta de produzir um novo texto a partir de um que lhe antecede na leitura” (MATENCIO, 2002).

Para discutir as diferenças entre essas atividades, Matencio recorre às variáveis propostas por Marcuschi (2011) quando este trata da retextualização de texto falado para texto escrito, quais sejam: o propósito da retextualização, a relação entre produtor do texto-base e transformador e a relação tipológica entre texto-base e retextualização. Com isso o autor quer sugerir que a alteração dos fatores que se relacionam diretamente com as condições de produção/recepção do texto determina os resultados da retextualização (MATENCIO, 2002).

Um fator mencionado por diversos autores como relevante para a atividade e ou o processo de retextualização é o da mudança de propósito, em outros termos, a modificação do objetivo na produção de novo texto, o que difere do processo de alteração de um mesmo texto que teria como fins uma reescrita ou uma revisão.

Na construção do conceito de retextualização, Benfica (2014) lembra que se trata de um processo que envolve operações complexas

> que interferem tanto na linguagem e no gênero como no sentido, uma vez que se opera, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação interlocutiva, porque é um novo texto que será produzido: trata-se de atribuir novo propósito à interação, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, das motivações e intenções, do

> espaço e do tempo de produção e recepção.(BENFICA, 2014 – RETEXTUALIZAÇÃO)

Dessa forma, a pesquisadora ainda lembra que, nesse sentido, retextualização e reescrita são processos distintos, pois a primeira implica modificações mais profundas no texto, com alteração dos propósitos comunicativos ou dos gêneros envolvidos na atividade. Na reescrita, trabalha-se o mesmo texto, com o objetivo de aperfeiçoá-lo e adequá-lo à situação discursiva, sem alterar o propósito comunicativo.

Matencio (2002, p. 113) conceitua a reescrita como atividade na qual se materializa uma nova versão do texto, “através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original”. Dessa forma, a autora contrapõe novamente as duas atividades elaborando que na retextualização

> (...) opera-se, fundamentalmente com novos parâmetros de ação da linguagem, porque se produz novo texto: trata-se, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, assim como de motivações e intenções, de espaço e tempo de produção/recepção, de atribuir novo propósito à produção linguageira (MATENCIO, 2002, p. 113).

Sendo assim, na atividade de retextualização, pode ocorrer a alteração da modalidade textual ou do gênero de texto, o que implicaria uma modificação mais ampla do texto, enquanto que na reescrita não há alteração de uma modalidade para outra, já que esse processo somente acontece do escrito para o escrito, e, inclusive, com manutenção do gênero textual como um requisito de sucesso no resultado do processo.

Para conceituar, caracterizar e definir reescrita, é necessário, como lembra Fiad (2014 – REESCRITA), compreendê-la “no interior de uma concepção de escrita como um processo”, tal como ela é compreendida pelas teorias sociocognitivas no âmbito dos estudos linguísticos. Isto é, a reescrita seria um fator constituinte do próprio ato de escrever, na mesma perspectiva que

considera a língua como um fenômeno social, uma forma de ação e de interação entre os sujeitos. Nesse sentido, ela, necessariamente, mais uma vez, não tem como deixar de fazer parte do processo de retextualização.

A reescrita pode ser concebida, portanto, como uma ação inerente ao processo da escrita, englobando essa ação um conjunto de retomadas feitas com a finalidade de ajustar e corrigir inadequações, tanto ortográficas quanto alterações que modificam o significado do texto. Esse processo é, muitas vezes, evidenciado e marcado pelos rascunhos e rasuras que podem estar presentes em qualquer texto que ainda não circule em sua última versão ou não esteja em sua versão final para circulação (FIAD, 2014 – REESCRITA). Essas marcas podem ser vistas e notadas inclusive em exposições de originais de obras de escritores consagrados, em que se nota a presença de rasuras, cortes, retomadas e reescritas de trechos textuais.

Tanto a reescrita quanto a retextualização podem ser trabalhadas pedagogicamente e são refletidas, em muitas ocasiões, com essa finalidade. A reescrita, geralmente, é pensada como uma atividade de adequação que implica tanto a correção de problemas quanto a adequação em função dos objetivos do produtor, dos interlocutores e das condições de circulação do texto (FIAD, 2014 – REESCRITA). Já as atividades de retextualização, no contexto pedagógico, são elaboradas pensando-se na exploração dos diferentes gêneros e objetivos textuais enquanto a reescrita é ou pelo menos deveria servir para a retomada e exploração dos recursos linguísticos.

Nesse sentido, os estudos de Segury & Tauveron (1991, *apud* Menegassi, 2001, p. 50) “sobre o discurso avaliativo de alunos, tendo seus próprios textos e o texto de um colega como análise, demonstram que as observações que levam à reescrita são, na sua maioria, relacionadas a aspectos formais e correções gramaticais”. Os termos utilizados por esses alunos para evidenciar as operações de reescrita eram: “trocar, corrigir, apagar, organizar, retificar, modificar, continuar, juntar, ampliar, ordenar, desenvolver, melhorar, aumentar e precisar” (p. 134). Em outros termos, a visão de reescrita e revisão dos

alunos aponta para o fato de que essas atividades dizem respeito a reestruturações formais, a correções ortográficas.

Numa busca por estudos que tratassem da reescrita e da revisão, verificamos que Fabre (1986, p. 69) aponta para quatro operações realizadas no processo de revisão de textos: a adição, a supressão, a substituição e o deslocamento. Essas operações são descritas pelo autor da seguinte forma:

a) adição, ou acréscimo: trata-se de acréscimo de um elemento gráfico, acento, sinal de pontuação, grafema, palavra, sintagma, uma ou várias frases;
b) supressão: pode-se aplicar sobre unidades diversas, acento, grafema, sílaba, palavra, sintagma, uma ou mais frases;
c) substituição: supressão seguida de substituição por um novo termo, se aplicando sobre um grafema, uma palavra, um sintagma ou sobre conjuntos mais extensos;
d) deslocamento: troca de elementos, que tendem a modificar a ordem na cadeia sintática ou sintagmática.

O fato de que Marcuschi não propõe uma diferenciação entre retextualizar e reescrever, não faz com que ele não forneça subsídio em sua teoria para que façamos essa distinção. Marcuschi (2010, p. 74-75) propõe um modelo de operações e estratégias textuais-discursivas da passagem do texto oral para o texto escrito. Ele pode ser trabalhado tanto no ensino quanto na investigação, segundo o autor. O modelo constitui-se de nove operações mais algumas operações especiais que poderiam ser agrupadas no conjunto das regras de regularização e idealização (eliminação, completude e regularização) e no conjunto das regras de transformação (acréscimo, substituição e reordenação). As operações são as especificadas a seguir:

1. **Eliminação** de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (*estratégia de eliminação* baseada na idealização linguística).

2. **Introdução** da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas (*estratégia de inserção* em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia).

3. **Retirada** de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases, e pronomes egóticos (*estratégia de eliminação* para uma condensação linguística).

4. **Introdução** da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos (*estratégia de inserção*)

5. **Introdução** de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos (*estratégia de reformulação* objetivando explicitude)

6. **Reconstrução** de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos (*estratégia de reconstrução* em função da norma escrita).

7. **Tratamento** estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas (*estratégia de substituição* visando a uma maior formalidade)

8. **Reordenação** tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (*estratégia de estruturação* argumentativa)

9. **Agrupamento** de argumentos condensando ideias (*estratégia de condensação*)

> As nove operações mais as operações especiais constantes nesse modelo poderiam ser agrupadas em dois grandes conjuntos, ou seja:
>
> **I -** operações que seguem **regras de regularização e idealização** (que vão das operações 1-4) e se fundam nas estratégias de eliminação e inserção. Ainda não se introduz, nesses casos, uma transformação propriamente, ficando-se

> nas regras de editoração no sentido de Taylor & Cameron (1987);
>
> **II-** operações que seguem **regras de transformação** (que vão das operações 5-9) e se fundam em estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação. São propriamente as que caracterizam o processo de *retextualização* e envolvem mudanças mais acentuadas no *texto-base*. (MARCUSCHI, 2010, p. 74-76)

Transpondo algumas das operações para o âmbito da passagem de um texto-base escrito para um texto-alvo escrito, poderíamos utilizar a divisão feita por Marcuschi para uma primeira diferenciação no que se refere aos processos de reescrita e de retextualização. No entanto, como Marcuschi tratou da retextualização da fala para a escrita, e nós estamos tratando da retextualização de um texto-base escrito para um texto-alvo escrito, é necessário que façamos algumas ressalvas e separações, mesmo porque o autor não toca em uma diferenciação clara dos processos de retextextualização e de reescrita. Nós adotamos a postura de distinguir entre essas operações, ou pelo menos de partir de um pressuposto de que elas não são operações sinônimas. Desse modo, primeiro apontaremos, ainda neste item, algumas observações importantes que podem nos ajudar nesse percurso de diferenciação.

Podemos notar uma semelhança ou pelo menos um diálogo entre as operações descritas por Fabre (1986) e as de retextualização apontadas por Marcuschi (2010). Verificar isso nos fez pensar que as diferenças entre retextualização e reescrita talvez não se relacionem diretamente aos procedimentos, mas sim às estratégias empregadas a partir de determinado procedimento. Em outros termos, lembramos a hipótese de que uma classificação de estratégias de transformação textual pode nos encaminhar a uma diferenciação dos processos de reescrita e de retextualização. É importante lembrar que Marcuschi tratava da retextualização do texto oral para o escrito, o que nos leva a pensar que suas estratégias sirvam como uma inspiração, e não como um guia para a reflexão e a elaboração das operações e suas respectivas finalidades de retextualização de um texto escrito para outro texto escrito. Trata-se de objetos de natureza diferente, não estamos tomando

um pelo outro, mas apenas buscando um caminho de descrição de estratégias alcançadas num caso efetivo da língua em uso, qual seja, o do objeto de análise deste trabalho, o comentário do leitor.

Em síntese, parece-nos que, para pensarmos nas diferenças entre os dois processos, temos de nos guiar não pelos procedimentos em si, mas pela finalidade textual, discursiva ou linguística com que os procedimentos são realizados, ou seja, são as estratégias de retextualização de Marcuschi que nos forneceriam algumas pistas sobre a finalidade e os resultados das alterações.

As operações são ações mais amplas empregadas no processo de alteração de um texto em outro ou na adequação do texto a algum parâmetro linguístico, textual, discursivo ou situacional. Na verdade, podemos realizar uma eliminação de parte de um texto e outra eliminação de outro ou do mesmo texto e alcançar com isso efeitos diferentes, dependendo da parte textual que foi eliminada e do objetivo da eliminação. Esse objetivo e, mais importante, o efeito de sentido do trecho eliminado e a possível intenção de apagamento desse trecho serão mais relevantes para se pensar no processo de construção do sentido, na textualização e na produção do gênero textual implicado do que os procedimentos por si mesmos.

Dessa forma, retomamos aqui algumas das estratégias citadas por Marcuschi (2010), sem que elas estejam atreladas aos procedimentos em si: estratégias de condensação linguística para evitar repetições, redundâncias e paráfrases; estratégia de explicitude, estratégia de mudança em função da norma escrita; estratégia que visa maior formalidade. Acreditamos que essas estratégias podem ser alcançadas não só a partir de um procedimento. A não ser nos casos da explicitude que geralmente é alcançada por um procedimento de inserção e da condensação que é alcançada a partir de uma eliminação, a estratégia de mudança em função da norma escrita e a que visa maior formalidade podem ser alcançadas pelos procedimentos de eliminação ou inserção ou substituição ou reconstrução ou agrupamento ou introdução. Retomaremos as estratégias na exposição da metodologia e da análise.

Apresentados os pressupostos teóricos deste trabalho, expomos os procedimentos metodológicos empregados na concretização desta pesquisa, no próximo capítulo.

3 METODOLOGIA

No capítulo 3 tratamos das noções de gênero que embasam esta pesquisa, fizemos uma reflexão acerca do contexto das novas mídias e sua influência na construção e mudança dos gêneros e de como os entendemos. Realizamos uma discussão sobre os procedimentos de reescrita e de retextualização com o intuito de em seguida podermos fazer uma análise que leve em conta características desses processos em suas relações com o processo de textualização do comentário publicado na seção do leitor da revista Cult impressa. Neste capítulo apresentamos os passos metodológicos empregados na realização deste trabalho.

A partir da constatação da rotina editorial da revista Cult de publicar comentários on-line dos leitores em sua seção de cartas de leitores na revista impressa mensal, observamos, nessa prática, uma possibilidade interessante de estudo do gênero carta do leitor, tal como o concebemos num primeiro momento. Consideramos o material rico para tal porque um dos problemas apresentados para o estudo desse gênero de texto é a dificuldade de encontrá-lo em sua versão original, antes de ser editado pelo veículo de comunicação destinatário. Diante dessa possibilidade, no entanto, foram surgindo algumas questões que nos levaram a perguntar se o gênero de texto com o qual estávamos lidando era realmente a carta de leitor, pois, apesar de ser publicado na seção da revista dedicada a esse gênero, os textos não eram enviados pelos leitores com essa finalidade principal, mas sim eram publicados por eles mesmos nos espaços on-line de comentários do veículo de comunicação. Notando-se que os editores da revista realizam um trabalho de edição do texto on-line do leitor e o publica na revista impressa, da mesma forma que procederia se a carta de leitor propriamente dita fosse enviada por correio eletrônico ou caixa postal.

A partir dessas constatações, surgiram algumas perguntas, quais sejam: como o editor da revista modificava o texto do leitor? Em função de quais objetivos?

A transposição do comentário para a revista impressa implicava quais consequências para a produção de sentido do texto do leitor? Nossa hipótese inicial era a de que a mudança de suporte, neste caso, engendraria uma modificação do gênero textual. Desse modo, buscamos subsídio teórico para verificar essa hipótese e, a partir de então, levantamos outra hipótese, a de que se verificássemos as modificações realizadas pela edição da revista tendo por base de análise os processos de retextualização e de reescrita, poderíamos chegar a uma verificação de nossa hipótese, já que a retextualização geralmente implica modificação do gênero textual, e na reescrita, pelo contrário, mantém-se o gênero inicial e o objetivo textual. Dessa maneira, tivemos como objetivo principal analisar a textualização do texto do leitor da revista Cult, e como objetivos específicos os expostos em seguida.

3.1 Objetivos específicos:

a. descrever como se dão, de um modo geral, as condições de produção, a configuração e os modos de circulação do gênero carta do leitor na imprensa brasileira na atualidade com a finalidade de se fazer um paralelo entre essa realidade e a concepção bakhtiniana de gênero;
b. comparar a carta do leitor ao comentário do internauta, a fim de observar as diferenças entre as condições de produção, de publicação e de circulação dos textos no suporte impresso e no suporte eletrônico;
c. investigar se os mecanismos de edição dos comentários da Cult e sua publicação na revista impressa fazem parte de uma retextualização ou de uma reescrita;
d. verificar se a alteração do texto de seu suporte original (on-line) para o suporte impresso modifica o objetivo, o gênero e o processo de construção de sentidos;

3.2 Seleção, organização e tratamento do *corpus*

Os comentários de leitores que constituem o *corpus* da presente pesquisa foram retirados da seção “do leitor” da revista Cult – Revista Brasileira de Cultura. Foram selecionadas 21 edições da revista que correspondem ao período dois anos, compreendido entre maio de 2012 a maio de 2014, isto é, do número 168 o 189. Dessas edições do veículo de comunicação, foram coletados 64 comentários, os quais foram selecionados, coletados e organizados da forma descrita a seguir.

Alguns critérios foram necessários na escolha dos comentários que fazem parte do *corpus* deste trabalho. Somente foram escolhidos comentários que primeiramente haviam sido publicados em ambientes on-line do veículo de comunicação antes de serem publicados nas revistas impressas. Isso porque, para que pudesse ser feita uma análise comparativa entre os textos publicados em suporte impresso e eletrônico, era necessário colher as duas versões textuais existentes nesses diferentes ambientes para que mais adiante elas fossem cotejadas.

Podemos dizer que primeiramente houve uma apreciação do comentário na revista impressa e a seguir uma concomitante busca/pesquisa pelo mesmo comentário no ambiente on-line. Essa pesquisa pelo mesmo comentário escrito no ambiente on-line não era efetivada nos seguintes casos: i) quando o comentário não era escrito originalmente no ambiente on-line, mas sim era enviado à redação da revista por e-mail ou por caixa postal; ii) quando o comentário era originário do ambiente on-line, mas já havia sido apagado quando do momento da coleta.

A busca pelo comentário no ambiente on-line ocorreu da seguinte forma: o comentário era lido na revista impressa, logo após havia uma busca no site, no facebook e no twitter do veículo de acordo com os elementos que são oferecidos na edição impressa que nos remetiam ao texto-fonte, objeto do comentário do leitor. Esses elementos geralmente eram o título da matéria, o

autor do texto e o número da edição da revista. Eles servem também para a orientação do leitor em relação à sua leitura dos comentários que se referem a textos publicados na edição anterior da revista.

Em outros termos, foram escolhidos somente os comentários existentes tanto na versão impressa quanto em um ambiente on-line da revista, para que pudesse ser realizada uma análise contrastiva das duas versões do texto. Houve apenas uma exceção a esse caso porque selecionamos um comentário que havia sido publicado on-line pelo leitor e, posteriormente, fora publicado pelo editor na revista impressa, mas foi apagado do ambiente on-line antes de nossa coleta. Foi possível verificar esse apagamento porque havia outro comentário que se referia ao autor do texto apagado no ambiente on-line. Os dois textos, tanto o que tinha sido apagado quanto o que se referia a ele estão presentes na revista impressa.

Feita a apreciação dos comentários nos dois ambientes para que sua seleção se realizasse, em 21 revistas dos anos de 2012, 2013 e 2014, fizemos a digitalização dos textos observando cuidadosamente as diferenças inclusive de digitação entre os dois textos, visto que os editores do veículo realizam a edição do comentário para sua publicação na seção do leitor da revista impressa. Os comentários on-line foram copiados através do recurso Ctrl + c / Ctrl + v do editor de textos Word, observadas as suas devidas referências, e os respectivos comentários impressos foram digitalizados conforme se apresentavam nas revistas consultadas.

Após a transposição do *corpus*, procedemos a sua organização em um quadro no qual as duas versões se apresentavam uma do lado da outra para que se tornassem propícias para a avaliação e a consequente comparação entre os dois textos. Em uma coluna ao lado das duas versões dos textos, foram anotadas grosseiramente, num primeiro momento, as diferenças entre os comentários e os textos publicados na revista impressa. Depois de percebermos as diversas diferenças dos textos, fomos elencando e classificando as estratégias relacionadas a essas diferenças. Uma das partes mais árduas do trabalho, justamente por envolver o olhar crítico do

pesquisador, essa classificação perdurou até o momento final da análise dos dados. O quadro de apresentação do *corpus* (ANEXO A) foi sendo editado no decorrer da pesquisa, com a intenção de melhor demonstrar as alterações realizadas e os procedimentos utilizados nesse processo, por meio de uma coluna entre a versão on-line e a versão impressa do texto do leitor. A numeração dos textos foi realizada dos mais atuais aos mais antigos, isso que dizer que, do comentário 1 ao 64, o de número 1 é o mais recente enquanto que o de número 64, o mais antigo.

Para essa análise contrastiva, utilizamos como orientação algumas perguntas de Marcuschi (2010) em relação ao processo de retextualização, quais sejam: a) há algum tipo de preferência ou previsibilidade na eliminação de informações proposicionais? b) a maior mudança, perda ou diferença, acha-se no campo da informação semântica ou da força pragmática? Nesse sentido, trabalhamos com um propósito norteador de buscar regularidades na edição dos comentários para que pudéssemos elencá-las, caracterizá-las, e, finalmente organizá-las. Com esse procedimento objetivamos, ao final da pesquisa, relacionar essas práticas aos processos de reescrita e de retextualização.

A partir dessa comparação, realizamos um levantamento de padrões que possibilitassem traçar caminhos e pistas que nos permitissem uma reflexão fundamentada sobre as operações de reescrita e de retextualização. Dessa forma, buscamos uma reflexão teórica sobre esses dois conceitos, munindo-nos também da análise contrastiva dos comentários, o que significa que nosso percurso metodológico de análise foi sendo delineado tanto pelos dados do *corpus* do trabalho quanto pela orientação teórica de que nos servimos. É importante considerar que este trabalho parte de um texto “produto”, efetivamente materializado, com o intuito de interpretar, analisar e esclarecer seu processo, isto é, seus métodos e condições de produção. Não realizamos nenhum tipo de contato com leitores e editores do veículo. Realizamos uma análise pautada nos dados e nas pistas oferecidas para a interpretação das condições de produção e de interpretação dos comentários de leitores.

Para tornar possível a abrangência de todos os comentários, foi necessário restringir o campo de atuação da análise ao invés de restringir o número de exemplares analisados. Isso porque foi importante manter a quantidade dos comentários para que fossem observados padrões de comportamento na edição dos textos para suas respectivas publicações no veículo impresso. No entanto, como eram inúmeras as naturezas das estratégias adotadas na edição dos comentários, optamos por escolher aquelas que mais nos pareceram relevantes e úteis para serem relacionadas às condições de produção e de interpretação dos textos, a questões sobre a formação do gênero e ao tipo de circulação do texto. Levamos em consideração também uma separação e diferenciação para identificar o que era procedimento de reescrita e o que parecia ser mais amplo, podendo estar relacionado ao processo de retextualização.

Ao falar sobre retextualização da fala para a escrita, Marcuschi (2010, p. 55) considera que as operações relativas a esse processo são atividades conscientes que seguem variados tipos de estratégias, sendo que algumas são estratégias de regularização linguística, geralmente são as primeiras alterações e têm a ver com fenômenos mais relacionados à denominada norma linguística padrão. Outras têm relação com a reordenação cognitiva e com a transformação propriamente dita e afetam as estruturas discursivas, o léxico, o estilo, a ordenação tópica e a argumentatividade. Mantendo-se esse raciocínio para os procedimentos de retextualização do escrito para o escrito, pleiteamos uma primeira possibilidade/hipótese de diferenciação ou de separação de procedimentos de reescrita e de retextualização. Os de reescrita seriam aqueles que teriam a ver com os fenômenos mais ligados à chamada norma culta escrita, ou seja, procedimentos de higienização do texto, mais próximos a uma revisão textual escrita. Já os procedimentos relativos à retextualização, isto é, concernentes aos processos de transformação textual, implicariam a modificação de objetivos, o que por sua vez, provocaria uma mudança no plano da linguagem e da intenção argumentativa.

Realizamos uma apreciação dos procedimentos realizados na edição do comentário on-line para sua publicação na revista impressa baseando-nos

primeiramente nos procedimentos de retextualização elencados por Marcuschi (2010) e nos de reescrita apontados por Fabre (1986), quais sejam, respectivamente eliminação, inserção, substituição e reformulação na retextualização e acréscimo, supressão, substituição e deslocamento na reescrita. Entretanto, no decorrer do estudo, fomos observando que o que realmente constituía importância para nosso objeto de estudo não era exatamente o procedimento em si, mas a estratégia relacionada a determinado procedimento. A estratégia está diretamente vinculada ao motivo ou ao objetivo da transformação realizada. Buscamos verificar, assim, o efeito de sentido dos trechos textuais que eram eliminados. Por exemplo, quando se realizava o corte de uma parte do texto do leitor, procuramos interpretar o efeito de sentido daquele trecho para que pudéssemos chegar a uma interpretação do efeito de sentido pretendido pela revista na realização daquele corte.

Demonstramos aqui como realizamos essa analogia entre algumas das estratégias apontadas por Marcuschi e outras interpretadas por nós durante a análise da alteração do texto on-line do leitor para o impresso.

Estratégias de transformação do texto falado para o texto escrito (Marcuschi, 2010).	***Estratégias de transformação do escrito para o escrito (comentário on-line para texto publicado em revista impressa).***
Condensação linguística para evitar repetições, redundâncias, paráfrases.	Condensação textual com a finalidade de diminuir o texto em função da limitação de espaço imposta pela seção do leitor na revista impressa, e para evitar repetições.
Estratégia de explicitude.	Explicitação de elemento que não era necessário no contexto on-line, mas que se tornou necessário no contexto impresso.
Estratégia que visa maior formalidade.	Estratégia que visa maior formalidade e impessoalidade.
Estratégia de mudança em função da norma escrita.	Estratégia de adequação à norma culta escrita do português brasileiro.

Essas são as estratégias que nos guiaram e algumas das que elaboramos a partir da análise do *corpus*. As outras estratégias elaboradas com o estudo da edição do texto do leitor podem ser vistas no quadro 1 apresentado no início do capítulo de análise.

Num primeiro momento, elencamos os procedimentos realizados na edição. Num segundo momento, interpretamos, de forma a buscar um padrão nos procedimentos da revista, as estratégias ou finalidades com que aqueles procedimentos foram empregados na edição do texto do leitor para sua publicação na revista impressa. Em alguns casos atribuímos mais de uma operação a determinadas estratégias. E em todos os casos os procedimentos foram relacionados a mais de uma estratégia. Temos, portanto, muito mais estratégias (interpretações delas) do que procedimentos. As alterações foram relacionadas, assim, a uma interpretação do padrão de comportamento da revista na edição dos textos dos leitores. Somente a partir disso é que pudemos retomar as perguntas iniciais para que relacionássemos os procedimentos e suas estratégias aos processos de reescrita e de retextualização.

Referindo-nos às perguntas inicialmente apresentadas, avaliamos se as alterações descritas e interpretadas apontaram para uma modificação do objetivo textual no texto do leitor. Buscamos verificar se elas interferiram nos propósitos comunicativos da interação, investigando quais estratégias poderiam se relacionar a adequações em função da situação de interação e quais alterações se deram no plano da adequação linguística do texto em função de normas de publicação da revista. Assim, fomos pontuando quais alterações forneciam indícios de que ocorria uma mudança do gênero textual inicial e quais outras alterações apontavam para uma conclusão contrária.

Por fim, realizamos uma reflexão acerca das condições de produção e interpretação do texto do leitor da revista Cult, sobre a formação do gênero de texto que o constitui, sua configuração, funcionalidade e modos de circulação, partindo-se do contexto das novas tecnologias e do suporte eletrônico como espaços de circulação que imprimem novos sentidos aos textos.

3.3 Descrição do veículo

Fundada em 21 de julho de 1997, a partir do número 57 deixou de ser editada pela Lemos Editorial, e passou a ser editada pela editora Bregantini, passando também de “revista de literatura” para “revista de cultura”. Cult – Revista Brasileira de Cultura, de 17 anos, com sede em São Paulo, tem uma tiragem de 35 mil exemplares, é de distribuição nacional e de periodicidade mensal. Esta revista apresenta a maioria de seus conteúdos impressos também em ambientes on-line como o site, o facebook e o twitter da revista, apresentando também conteúdos únicos em seus ambientes on-line, isto é, que somente são disponibilizados nesses ambientes. Filosofia, psicanálise, artes, cultura, cinema, teatro e literatura são principais temas e áreas que circundam a revista. Seu conteúdo é produzido por jornalistas e acadêmicos. Por meio de um local chamado de “Espaço Revista Cult”, a revista promove palestras, cursos, seminários e oficinas[13].

A revista Cult é divida em algumas seções fixas e outras mais flexíveis. Estamos considerando seções fixas aquelas que estiveram presentes em todas ou em praticamente todas as edições utilizadas para a análise. As divisões flexíveis são novas seções ou novos colunistas que foram sendo implementados na revista durante o período de coleta dos dados. As seções presentes na revista de forma mais fixa durante o período que compreendeu a coleta dos dados são: DE CABEÇA, DO LEITOR, CULTURA EM MOVIMENTO, RÁPIDAS E LENTAS, ENTREVISTA, DOSSIÊ, MARCIA TIBURI COLUNISTA, LIVROS, INÉDITO, OFICINA LITERÁRIA.

As seções encontradas de forma mais flexível na revista são: EXCLUSIVO, VLADIMIR SAFATLE COLUNISTA, CINEMA, PRIMEIRA LEITURA, 4^0 CONGRESSO, POESIA, ALCIR PÉCORA COLUNISTA, MEMÓRIA, CRÔNICA, ELEIÇÕES, LANÇAMENTOS, FOTOGRAFIA, FICÇÃO, PERFIL, RETRATO DO ARTISTA, DVDS, DOSSIÊ REPORTAGEM,

[13] Disponível em: <http://www.revistas.com.br/revistas-de-arte-e-cultura.html>. Acesso em: jan. 2015.

ENSAIO, LIVROS DE CINEMA, DIÁLOGOS NA TRANSVERSAL ENTRE CHRISTIAN DUNKER E VLADIMIR SAFATLE, EXCLUSIVO ENTREVISTA, DEBATE, MEU FILME DE FORMAÇÃO, LABORATÓRIO DE JORNALISMO CULTURAL/TEATRO, DOSSIÊ ENTREVISTA, LABORATÓRIO DE JORNALISMO CULTURAL/MÚSICA, LABORATÓRIO DE JORNALISMO CULTURAL/ARTES PLÁSTICAS, HEITOR FERRAZ COLUNISTA, LABORATÓRIO DE JORNALISMO CULTURAL/LITERATURA, MANUEL DA COSTA PINTO, ESPECIAL, RICARDO RAMOS FILHO, CONTO INÉDITO, WELLINGTON ANDRADE, RELIGIÃO, ARTE DE RUA, TORRE DE BABEL, BLACK BLOG/GILBERTO MARINGONI, TEATRO, COPA.

Quanto ao perfil do leitor da revista, não há um estudo sobre a questão mesmo porque a Cult não está entre as revistas de maior circulação no país. Em entrevista com Marcelo Rezende, ex-editor da revista, e diante de perguntas tais como “como é o público leitor da Cult e qual é o seu perfil”, a resposta foi a de que o leitor da revista é basicamente jovem, com passagem pela universidade e/ou ainda passando por ela, seja na graduação ou na pós-graduação. Em sua resposta, o ex-editor expõe também sua impressão sobre esse leitor: “me parece ser um leitor curioso, disposto a ser apresentado a algo que não estava em seu domínio e que talvez nem desconfiasse ser de seu interesse” (REZENDE, s/d)[14].

Neste capítulo, descrevemos a motivação da pesquisa, nossos objetivos específicos e os modos de seleção e organização do *corpus*. Apresentamos o método utilizado para a realização da análise e a descrição do veículo de informação gerador dos comentários analisados. No próximo capítulo, apresentamos a análise e a discussão dos dados.

[14] Diálogo entre Marcelo Rezende e Cláudio Willer. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag42revista4.htm>. Acesso em: nov. 2014.

4 ANÁLISE

Neste capítulo expomos primeiramente uma interpretação descritivo-explicativa das modificações empregadas no comentário on-line para sua respectiva publicação pelo editor da revista Cult na seção do leitor da revista impressa. Essas modificações são associadas, neste trabalho, tanto ao processo de retextualização quanto ao de reescrita, numa busca por semelhanças e diferenças entre essas atividades. Logo após a exposição, relacionamos essa questão à formação do gênero que é publicado e que circula na referida seção, suas condições de produção, configuração e plasticidade, como se dá a formação deste gênero, sua produção de sentido e os fatores intervenientes nesse processo.

Ao verificar as modificações empregadas nos comentários on-line de leitores para a sua respectiva publicação na seção do leitor na revista impressa, diante da diversidade de natureza das alterações que foram sendo detectadas, optamos por nos guiar por um conjunto de estratégias que fossem regulares no processo de modificação dos comentários. Isso porque buscamos representatividade dos procedimentos e das estratégias, isto é, verificamos as estratégias que se repetiam, para que pudéssemos tratá-las como parte regular do tratamento editorial que é dado a esses comentários. Para traçar essas estratégias, guiamo-nos principalmente pelas seguintes perguntas: Existe um padrão de comportamento na edição do comentário pela revista? Quais são as regularidades de procedimentos encontradas na transformação de um texto em outro? Como esses procedimentos podem modificar a produção de sentido no texto do leitor?

A partir dessas perguntas, chegamos a um quadro de procedimentos e, a partir da interpretação das estratégias que se apresentaram com maior regularidade nesse processo de alteração do texto do leitor, descrevemos as modificações realizadas. O quadro a seguir resume os procedimentos encontrados, algumas das estratégias interpretadas para cada procedimento e a numeração do

comentário em que foi empregado o tipo de procedimento. Os comentários on-line assim como os textos impressos encontram-se no quadro do *corpus* (ANEXO A) deste trabalho, numerados de 1 a 64, digitados tais como em sua versão on-line e em sua versão impressa, juntamente aos procedimentos elencados na coluna do meio no quadro.

A seguir, expomos o quadro 1 com o resumo dos procedimentos e da interpretação das estratégias de intervenção no texto do leitor da revista Cult. Logo após, realizamos uma explicação mais detalhada das estratégias apontadas.

Quadro 01 – Procedimentos empregados nos textos dos leitores

PROCEDIMENTO	FRAGMENTO TEXTUAL	ESTRATÉGIA	COMENTÁRIO
Eliminação	Trecho textual ou palavra	Apagar manifestações atitudinais ou afetivas: desejo, gosto, crença, lamentação, falas de si.	7, 23, 28, 39, 40, 42, 43, 47, 60, 62
		Apagar exemplificações, explicações, explicitação de elementos de atualidade e referência temporal.	1, 29, 35, 38, 41, 46, 52, 54, 56, 57, 60, 61, 62, 64
		Apagar referência a outro comentário on-line, à ferramenta on-line de escrita de comentários ou à citação.	7/7, 31, 44, 56, 11 (trecho mantido)
		Condensação	7, 10, 25, 34/34, 38, 43, 54
		Apagar formas impessoais, expressões informais, risos, ironia e tornar o texto mais formal.	12, 28, 58, 60, 63
	Seção de despedida e Seção de contato	Apagar marca de carta pessoal e adequar ao gênero.	21, 26, 37, 55, 60, 61, 19
	Imagem	Adequação ao suporte impresso.	1, 8, 9, 10
Inserção	Título, nome, sobrenome	Contextualização e explicitação no texto impresso de elementos presentes no contexto on-line.	(todos) 4, 8, 10, 12, 50/50

Os procedimentos de maior regularidade nas alterações dos comentários foram os de eliminação e inserção. As substituições foram mais frequentes quando a alteração se relacionava às adequações à norma padrão da língua escrita. Um segundo quadro, que expomos à frente, foi construído somente para a demonstração dessas adequações linguístico-gramaticais.

4.1 Procedimentos encontrados e respectivas estratégias

4.1.1 Eliminação de trecho textual ou de palavra

a) Apagamento de manifestações atitudinais ou afetivas: desejo, gosto, crença, lamentação, falas de si.

Exemplos:

"amo de paixão essa gente" (trecho eliminado de comentário 7 A, referindo-se a mulheres como Judith Butler, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt).

"que venham muitas outras matérias como esta" (trecho eliminado de comentário 23 A, referindo-se ao dossiê publicado na edição 179 sobre o pensamento filosófico de Kierkegaard).

"que artigo ótimo! Adorei a forma que você expôs as suas ideias" (trecho eliminado de comentário 28 A sobre texto da colunista Marcia Tiburi)

"não sei dizer quem ficou no lugar dele, acho que está vago" (trecho eliminado de comentário 39 A, referindo-se ao cargo de Ministro da Cultura após o período em que o cargo foi ocupado por Celso Furtado).

"Só tivemos refugo. Ainda hoje é assim. Sai um, entra outro... e assim vai! Lamentável." (trecho eliminado de comentário 40 A, referindo-se ao cargo de Ministro da Cultura após Celso Furtado ter sido o Ministro).

"Sou nordestino. Então aqui vai a pergunta com o meu sotaque ond'é qu'eu vô comprá o livro?" (trecho eliminado de comentário 42 A, sobre trecho de obra do autor Marcelo Mirisola disponibilizada na revista 172).

"sempre com suas 'pósmodernidades'... sempre sem dizer onde vai parar o CAPITALISMO GLOBALIZADO e mundial? (...)" (trecho eliminado de comentário 43 A, sobre texto que apresenta novo livro de Zygmunt Bauman).

“voltarei sempre!” (trecho eliminado de comentário 47 A, ao dizer que gostou do texto de Edgard Scandurra sobre o novo disco dos Beach Boys).

“Que pena, é lamentável” (trecho eliminado de comentário 60 A, sobre entrevista de professor da USP denunciando problemas da instituição).

“pq. raramente vemos revistas destinadas a um público mais intelectualizado, fazer matérias sobre esses temas que citei sem qualquer tipo de preconceito enrustido e mostrando que tem pessoas intelectualizadas que acreditam em tudo isso e tem sólidos argumentos” (trecho eliminado de comentário 62 A, sobre entrevista em que o ator Matheus Nachtergaele afirma estar lendo a bíblia).

Esses trechos dos comentários on-line que foram apagados para a sua respectiva publicação na seção do leitor na revista impressa apresentam em comum uma espécie de atitude psicológica (KOCH, 2011) em relação ao texto-fonte ou aos fatos e temas dos textos-fonte, os quais são comentados pelos leitores. Koch (2000) cita expressões adjetivas e formas intensificadoras como alguns dos recursos que são utilizados pelo locutor para se referir aos indicadores de atitude ou estado psicológico com que o locutor se representa diante dos enunciados que produz (KOCH, 2000). Na realidade, além desses, outros fatores podem intervir no alcance desse efeito de sentido, fatores relacionados ao contexto e ao tempo da enunciação.

Dentre os exemplos anteriores, o comentário 62 A expressa a subjetividade da leitora, que, mesmo sem utilizar uma expressão específica que direcione à construção dessa subjetividade, demonstra crenças e desejos. Fica subentendido por seu comentário que ela crê em Deus e que, pela sua visão, num primeiro momento, imagina que essa crença seja incompatível com um pensamento intelectualizado, mas ela demonstra seu desejo de mostrar que esse tipo de pensamento não tem fundamento, já que, como diz, existem “pessoas intelectualizadas que acreditam em tudo isso [referindo-se aos temas Deus, religião, fé] e tem sólidos argumentos”.

Em outros exemplos de manifestações psicológicas que foram cortadas da revista impressa, temos aquelas que demonstram entusiasmos por parte do leitor, manifestados principalmente por expressões como “amo de paixão”, “que venham”, “voltarei sempre”. Mas mesmo quando essas expressões não são utilizadas, como é o caso do comentário 42 A, é notável a manifestação

psicológica de gosto do leitor-autor, quando ele diz ser nordestino, simulando seu sotaque por meio da escrita da pergunta “ond’é qu’eu vô comprá o livro?”, numa demonstração emocional de quanto ele gostou do trecho textual apresentado no texto-fonte e de quanto ele está interessado na obra do autor.

Além de demonstrações de crenças, desejos e entusiasmos, esses trechos eliminados apresentam um tom de lamento em suas proposições, como são os casos dos comentários 39 A, 40 A, 43 A, 60 A. Nos textos publicados na revista impressa, não é eliminada a crítica que o leitor faz a alguma situação, pessoa ou obra, mas são apagados trechos que se limitam ao tom de lamentação sem a inserção de alguma outra informação ou conteúdo, por exemplo, em “que pena, lamentável” e “e assim vai, lamentável”. Não se apagou, portanto, o conteúdo anterior aos comentários em tom de lamento, mas somente os próprios lamentos em si. Vejamos os textos 39 e 40 (A e B) que se referem ao mesmo texto-fonte:

Texto on-line	Procedimentos	Texto impresso
39 A		**39 B**
• **Waldemir Toledo |** 13/09/2012 Gilberto Gil um dos melhores ministros da cultura que o Brasil já teve? Será? Acho que não. Mas o economista Celso Furtado nos deixa um legado precioso. Suas idéias, por vezes inexequíveis, nem por isso desinteressantes, nos punham a refletir e flexibilizar nossos valores. Não sei dizer quem ficou no lugar dele, acho que está vago. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/09/o-ultimo-interprete-do-brasil/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- ANPE[15] → acentuação - Eliminação de trecho textual (manifestação afetiva)	Gilberto Gil, um dos melhores ministros da cultura que o Brasil já teve? Será? Acho que não. Mas o economista Celso Furtado nos deixa um legado precioso. Suas ideias, por vezes inexequíveis, nem por isso desinteressantes, nos punham a refletir e flexibilizar nossos valores. Cult 173
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
40 A		**40 B**
• **maria Elvira Vivi Pavarini |** 13/09/2012 A verdade é uma só, o trabalho de Celso Furtado é uma preciosidade. Talvez seja essa a razão de não termos encontrado , ainda, alguém à sua altura para preencher o posto máximo da cultura no país. Só tivemos refugo. Ainda hoje é assim. Sai um, entra outro….e assim vai ! Lamentável. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/09/o-ultimo-interprete-do-brasil/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- Eliminação de trecho textual (manifestação afetiva)	A verdade é uma só, o trabalho de Celso Furtado é uma preciosidade. Talvez seja essa a razão de não termos encontrado, ainda, alguém à sua altura para preencher o posto máximo da cultura no país. Cult 173

No comentário 39 A, o leitor é irônico ao dizer que não sabe quem ocupou o lugar de Celso Furtado no Ministério da Cultura, pois o próprio texto-fonte fornece essas informações, citando Juca Ferreira como sucessor de Gilberto Gil. Ou seja, o cargo não está vago e o leitor sabe disso. Mas ele afirma achar que o cargo está vago, justamente para dizer que não há outro ministro à altura do economista Celso Furtado que, segundo o leitor, nos deixou um legado precioso. Em 40 também a revista corta os trechos que representam de forma mais explícita a expressão do lamento da leitora.

O que haveria de comum então na estratégia de *apagamento de manifestações atitudinais ou afetivas: desejo, gosto, crença, lamentação, falas de si*? Apagar

[15] Abreviação para Adequação à Norma Padrão Escrita (ANPE), procedimento analisado em outra seção do capítulo.

essas manifestações de desejo, crença, lamento e falas de si aproximaria a voz do leitor à voz almejada pela revista em questão. Essas manifestações se distanciam de uma linguagem considerada jornalística no âmbito do jornalismo cultural que intenciona se aproximar também do domínio acadêmico. Interpretamos que, por isso, esses trechos são eliminados da versão impressa, objetivando uma maior adesão entre a voz dos leitores e a linguagem da publicação. Não desconsideramos, no entanto, que junto a essa estratégia podem estar outras relacionadas ao efeito de sentido pretendido pela revista, ao realizar o corte de trechos que denotam essa atitude psicológica por parte do leitor produtor do comentário. Vejamos o inteiro teor do comentário 23 para que possamos visualizar de forma um pouco mais contextualizada a ação do veículo de comunicação:

Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
23 A		**23 B**
• **Marcello Peixoto Bax | 19/05/2013** Parabéns pelo Dossiê. É uma alegria encontrar numa revista de grande circulação tão profundas reflexões. Em especial se o fato se dá no Brasil. Existe público para a filosofia de boa qualidade. Fantástico. É a esperança que vocês transformaram em vontade! que venham muitas outras matérias como esta. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/05/bicentenario-de-nascimento-de-kierkegaard/> Acesso em 30 jul. 2013.	- Eliminação de trecho textual (manifestação afetiva)	Parabéns pelo Dossiê. É uma alegria encontrar numa revista de grande circulação tão profundas reflexões. Em especial se o fato se dá no Brasil. Existe público para a filosofia de boa qualidade. Fantástico. É a esperança que vocês transformaram em vontade! Cult 180

O leitor produz um texto muito elogioso em relação à revista. Notamos também que a revista não realiza o corte da palavra “fantástico” que vem logo antes do trecho escolhido por ela para finalizar o comentário do leitor, “é a esperança que vocês transformaram em vontade!”, trecho referente ao veículo de comunicação. Logo em seguida, temos o trecho cortado pela revista, “que venham muitas outras matérias como esta”, trecho mais propriamente relacionado a um desejo do leitor, isto é, a uma manifestação atitudinal do leitor. A revista, portanto, prefere finalizar o comentário do leitor com o trecho que focaliza o enaltecimento do seu projeto editorial, em vez de terminar com

um trecho que focaliza um desejo do leitor, o que, por sua vez, enfraqueceria o efeito de sentido alcançado pelo texto final 23 B, publicado na revista impressa.

b) Apagar exemplificações, explicações, explicitação de elementos de atualidade.

Exemplos:

"Oportuno, num momento em que o STF pisa o texto constitucional, a exemplo do que fez em relação ao Congresso Nacional." (Trecho eliminado de comentário 29 A).

"como prevê a Lei do Piso do Magistério" (Trecho eliminado de comentário 35 A).

"como é exemplo essa divulgação do sempre atual legado de Celso Furtado" (trecho eliminado de comentário 38 A).

"e hoje só temos Malans (malas), Mantega (mantega) e quejanos, Gustavos Francos (francamente...) que revelam que o Brazyl não conhece o Brasil" (trecho eliminado do comentário 41 A).

"'Você e eu não somos marcas. Nossos pais não nos criaram para sermos marcas'. Essa frase é de um livro muito interessante que estou traduzindo para o Português (Doc Searls – The Intention Economy, When Customers Take Charge)." (Trecho eliminado do comentário 52 A).

"o famoso 'Maria vai com as outras', porém, desvirtuada." (Trecho eliminado do comentário 54 A).

"os quais já estamos acostumados" (Trecho eliminado do comentário 57 A).

"no século XXI" (Trecho eliminado do comentário 60 A).

"como abrir espaço sobre o suicídio de índios na reserva indígena de Dourados" (trecho eliminado do comentário 61 A).

"e um caso explícito disso, é como ela aborda o tema Deus, religião, fé e etc, dando até capas aos temas, como podemos ver na parte das edições anteriores. Capas que tiveram o tema: Cristianismo e Modernidade, Deus no pensamento contemporâneo, sobre Agostinho e etc, entrevistando teólogos e religiosos sérios, que na maioria das vezes são professores universitários." (trecho eliminado do comentário 62 A).

"apenas pelo dinheiro" (Trecho eliminado do comentário 64 A).

A estratégia de eliminar as partes dos comentários que expressam explicações, dão exemplos e citam elementos da atualidade é uma forma de tornar o comentário mais atemporal, de modo que seu significado possa ser relacionado

a um conhecimento mais universal e não somente relacionado a um determinado fato de um determinado lugar e em um determinado tempo. Algumas das explicações podem ser consideradas desnecessárias e outras, excessivas. Com essa prática de apagar os exemplos, podemos dizer que a revista prefere um discurso sem maiores vínculos com a atualidade imediata. Como podemos ver, foram eliminados nomes de políticos, ministros, referência a fatos recentes relacionados ao Supremo Tribunal Federal, à lei de piso do magistério entre outros. Esse fato ocorreria em função de os temas políticos estarem geralmente muito ancorados na situação, fazendo com que a leitura desses temas dependesse de vários fatores além do que está de fato escrito, como de onde, quando, por quem e para quem foi escrito (NEUSA TRAVAGLIA, 2013, p. 124).

Outro fator que faz com que exemplos, explicações e outras explicitações sejam eliminados pode ser visto na edição do texto 1 A para 1 B.

Texto on-line	Procedimentos	Texto impresso

1 A		1 B
Gildson Gomes Dos Santos – um mês atrás Essa mulher é fantástica: inteligente, honesta, ousada e bela. Em meus 40 e uns anos, é a primeira entrevista sincera que leio. Embora não o seja, não vejo o fato de Ivana declarar-se petista como algo que possa depreciar suas ideias. Pelo contrário, Bentes fizera o que pouco se faz no Mundo: explicitar a própria identidade. A única ressalva que faço às opções de Ivana diz respeito a seu silêncio sobre a desbragada corrupção do seu partido. Concordo com a Brava Cabocla a respeito dos avanços sociais da Era petista e dos retrocessos também. Na verdade, o que me constrange é ver Lula e Dilma abraçando e cochichando nos ouvidos pútridos de correligionários e aliados políticos como Maluf, Sarney, Fernando Collor e de Renan Calheiros. Isso de fato me dá nojo. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2014/03/respeitosamente-vandala/ >. Acesso em: mar. 2014	- Eliminação de imagem[16] - Eliminação de trecho textual (exemplo e elementos de atualidade) - Eliminação de imagem	ENTREVISTA IVANA BENTES Essa mulher é fantástica: inteligente, honesta, ousada e bela. Em meus 40 e uns anos, é a primeira entrevista sincera que leio. Embora não o seja, não vejo o fato de Ivana declarar-se petista como algo que possa depreciar suas ideias. Pelo contrário, Bentes fizera o que pouco se faz no Mundo: explicitar a própria identidade. A única ressalva que faço às opções de Ivana diz respeito a seu silêncio sobre a desbragada corrupção do seu partido. *Gidson Gomes dos Santos* Cult 189

A eliminação de trecho do texto do leitor em 1 A é exemplo de uma entre outras supressões que modificaram a textualização do comentário. O comentário on-line 1 A permite um desenvolvimento do raciocínio do leitor, de forma que fica mais explícito a que o leitor se refere quando menciona “a desbragada corrupção do seu partido”. A opção pelo corte final do comentário para sua publicação na revista impressa (texto 1 B) tende a seguir uma lógica de higienização de trechos que se relacionam a digressões presentes em comentários de leitores. Isso ocorre quando o leitor tende a exemplificar muito sua ideia, citando nomes, utilizando muitos adjetivos.

Outro motivo para o apagamento de explicações e exemplos pode ter relação com as previsões de compartilhamento de conhecimentos por parte do leitor autor do comentário e do editor da revista. Se ao escrever qualquer texto, o produtor cria a expectativa de um tipo de leitor, podemos notar, por meio da

[16] A imagem será exposta mais adiante quando falarmos do procedimento de eliminação de imagem.

escrita e do apagamento dessas explicações e explicitações, que a construção do leitor ideal pelo leitor-autor e pelo editor coautor do comentário é diferente. Essa diferença se dá, entre outras possibilidades, primeiro, porque o leitor-autor do comentário pode prever como leitor ideal de seu texto o autor do texto-fonte, o editor do veículo de comunicação ou outro leitor desse veículo. Já o editor, quando edita o comentário de seu leitor, tem em vista, sobretudo, o público leitor do seu veículo.

c) Apagar referência a outro comentário on-line ou à ferramenta on-line de escrita de comentários.

Exemplos:

“Faço minhas as belas palavras do Decastro, tb” e “que como ele diz, é milenar.” (Trechos eliminados do comentário 7 A).
“Postei ontem em meu facebook a seguinte questão: O que eu entendo com ‘sentido’ da vida, onde fiz a seguinte observação:” (Trecho eliminado do comentário 31 A).
“no simples clique de um link.” (Trecho eliminado do comentário 44 A).
“(...) portanto, pode ser chamado de qualquer coisa menos de piegas” (Trecho eliminado do comentário 56 A).

Em relação ao apagamento da referência à ferramenta on-line de escrita de comentários, temos os exemplos 31 A e 44 A. No primeiro, 31 A, o leitor faz referência ao local (facebook) no qual ele primeiramente escreveu o texto que cita em seu comentário on-line. O leitor cita a si próprio, por já ter escrito o texto em outro ambiente on-line. Podemos notar, portanto, com essa atitude do leitor, que ele considera que a mudança de ambiente e de contexto de um texto modifica o próprio texto, já que aquele não é o mesmo texto que ele escreveu no facebook, por isso a tentativa de deixar claro com a citação que se trata de um outro texto. Esse fato não é considerado pela revista que, para publicar esse comentário na versão impressa, considera necessário cortar as referências que o leitor faz ao ambiente on-line e as aspas que no caso estavam sendo usadas para marcar a citação que o leitor fez de si mesmo.

No caso do apagamento de referência a outro comentário, para além do fato de o comentário do leitor já ser um diálogo com o texto-fonte, temos, no caso dos comentários on-line, o diálogo entre os próprios leitores, que comentam não só o texto-fonte, mas também os comentários de outros leitores. Esse diálogo não é, no entanto, explicitado nos textos dos leitores após a edição e a sua publicação na revista impressa. Muda-se o contexto de exposição dos textos dos leitores, nem todos os comentários referidos estarão no ambiente impresso e, além disso, um diálogo entre leitores numa mesma edição da revista impressa poderia gerar uma incoerência temporal, na medida em que, para o contexto impresso, o diálogo não poderia vir pronto na seção do leitor tal como ela é concebida pela revista, pois um texto publicado na revista impressa de um mês só poderia ser respondido na edição do mês seguinte.

Dessa maneira, somente seria possível reproduzir o diálogo dos leitores na seção do leitor na revista impressa se o veículo avisasse que aquela seção reproduz os comentários que são escritos no ambiente on-line pelos leitores. Essa atitude não é tomada pela revista, que não deixa de nomear e conceber aquela seção como a seção de cartas de leitores, tanto é que o nome da seção que se chamava “do leitor” mudou para “cartas” nas últimas edições que constituem o *corpus* deste trabalho. Portanto, podemos notar uma tentativa da revista de manter o gênero relacionado ao espaço do leitor, que sempre foi a carta do leitor, mas que agora não se trata mais de cartas, e sim de comentários que os leitores fazem no ambiente on-line e que são publicados na revista impressa de um modo meio alheio à mudança desse gênero por causa dos novos ambientes e ferramentas on-line de escrita. A revista não explicita a origem do comentário, continua concebendo a seção como de cartas de leitores, e para isso precisa apagar as marcas que demonstram o contrário disso, ou seja, realiza um apagamento de indícios de que os comentários não foram produzidos e destinados originalmente àquela seção.

No comentário 56 B houve um corte de um trecho que se referia a outro comentário do ambiente on-line, em que outro leitor criticava o texto da colunista Marcia Tiburi.

Texto on-line	Procedimentos	Texto impresso
56 A		**56 B**
• **Jennifer De Lai |** 20/05/2012 Eu acho difícil meia dúzia da sociedade ter a mesma opinião do texto, portanto, pode ser chamado de qualquer coisa menos de piegas. Existe sim uma ditadura intelectual em que se reproduz opiniões prontas. As pessoas são incapazes de uma reflexão mínina sobre qualquer assunto, não apenas academicos ou de teor filosófico, sociológico que seja, mas qualuqer coisa.E só pontuando, melancolia é característica da colunista. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2012/05/coronelismo-intelectual/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- Eliminação de trecho textual que faz referência a outro comentário on-line - ANPE → pontuação - ANPE → concordância verbal - ANPE → digitação - ANPE → acentuação - Eliminação de trecho textual (exemplo) - ANPE → digitação - ANPE → pontuação	MARCIA TIBURI Existe, sim, uma ditadura intelectual em que se reproduzem opiniões prontas. As pessoas são incapazes de uma reflexão mínima sobre qualquer assunto, não apenas acadêmicos ou de teor filosófico, mas qualquer coisa. E, só pontuando, melancolia é a característica da colunista. Cult 169

O comentário da leitora inicia como uma espécie de resposta a outro comentário que também foi publicado na revista impressa com os devidos cortes, o comentário 58 A. No entanto, a leitora não explicita que está respondendo ao leitor do comentário 58 A. Ela apenas mostra que não concorda com a crítica feita ao texto da colunista, dizendo "(...) [o texto] pode ser chamado de qualquer coisa, menos de piegas". Como pode ser visto em 56 B, a revista corta essa marca de diálogo com o texto 58 A. Não corta, entretanto, o último trecho do comentário que também está relacionado ao que se disse em 58 A, em que o leitor se refere ao texto dizendo que ele é "moralista e melancólico, fatalista e senso comum". A leitora autora do texto 56 A "responde" "E, só pontuando, melancolia é a característica da colunista".

O trecho cortado do texto 7 A refere-se a um comentário que foi apagado do ambiente on-line. Dessa forma, esse texto não deveria fazer parte do *corpus* deste trabalho, já que na metodologia explicamos que o critério de escolha e de colhimento dos comentários a serem analisados era justamente haver as duas versões para que a comparação fosse possível de ser realizada. No entanto, decidimo-nos por apresentar o texto 6B justamente para demonstrar uma das grandes diferenças entre os dois tipos de circulação textual, on-line e impresso.

A constatação de que tinha havido um texto on-line publicado anteriormente à sua publicação impressa, apesar de o texto não estar mais disponível no ambiente eletrônico, foi possível devido à existência do texto 7 A, que traz referências explícitas ao texto 6A (apagado). O comentarista produtor do texto 7 A menciona inclusive o nome do comentarista do texto apagado do ambiente on-line, mas publicado na revista impressa. As referências feitas ao texto e ao produtor do texto 6 A na produção do texto 7 A foram apagadas para a respectiva publicação do texto 7 B. Vejamos os textos:

Texto impresso
6 B
DOSSIÊ: JUDITH BUTLER, FEMINISMO COMO PROVOCAÇÃO Amo cada vez mais gente, sobretudo mulheres que recusam enquadramentos banais, propostas emburrecedoras e maniqueístas, sejam elas seculares ou religiosas. Amo cada vez mais gente como Judith Butler e cada vez mais, gente como Simone de Beauvoir, mulheres contemporâneas que não abandonam suas potências, força, inteligência e vontade própria em nome de uma bobagem qualquer posta pelas "modinhas" ou o que valha. Se me permitem, genuinamente, não dizer amém aos dogmas medievais, medianos, tão ao gosto dos que querem manter – a qualquer custo – ladainhas calcificadas nas mentiras, justificadoras de injustiças e opressão milenares. E que ainda hoje nos são vendidas – com novas roupagens – como destinos e verdades supostamente irrecusáveis. W*ladmir Decastro* Cult 186

Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
7 A		**7 B**
Rui Marangoni Faço minhas as belas palavras do Decastro, tb sou um entusiasta pelo "ser humano mulher", me encanta e me enche de orgulho sempre que me defronto com mulheres maravilhosas e encantadoras como; Judith Butler, Lou Andreas-Salomé, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt e tantas outras que tanto contribuíram e continuam contribuindo para o fortalecimento diante de tanta opressão e injustiças, que como ele diz, é milenar. Amo de paixão esta gente! 17 de novembro de 2013 às 18:30 · Curtir · 1 Disponível em: <https://www.facebook.com/revistacult?fref=ts>. Acesso em: fev. 2014.	- Eliminação de trecho textual que dialoga com o comentário (6 A) do leitor Wladmir Decastro. - ANPE → regência nominal - Eliminação de trecho (condensação) - Eliminação trecho textual que faz referência/dialoga com o comentário (6 A) do leitor Wladmir Decastro - Eliminação de trecho (manifestação afetiva)	Sou um entusiasta do "ser humano mulher", me encanta e me enche de orgulho sempre que me defronto com mulheres maravilhosas e encantadoras como Judith Butler, Lou Andreas-Salomé, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt e tantas outras que tanto contribuíram para o fortalecimento diante de tanta opressão e injustiças. *Rui Marangoni* Cult 186

A primeira e a última partes tarjadas de cinza, que foram as que nos permitiram constatar a existência de um texto 6 A, foram eliminadas do texto 7 B para sua publicação impressa. Mesmo que a revista tenha se decidido por publicar na revista impressa os dois textos (6 e 7), ela exclui em seu processo de edição os trechos textuais em que há referência explícita ao comentário de outros internautas. O texto de Rui Maragoni dialoga diretamente com o texto de Wladmir Decastro. A revista Cult os publica na seção de cartas, entretanto, como textos independentes, apagando as marcas explícitas do diálogo.

Para uma melhor visualização da questão, vejamos o comentário 7 A em seu primeiro contexto de publicação, como um comentário no facebook.

O ambiente on-line é mais fluido e mais dinâmico, no sentido de que mais ações podem ser realizadas nos textos que circulam nesse ambiente, ao passo que o texto após sua publicação num suporte impresso carece dessa característica, dessa disponibilidade para a alteração e até mesmo para o seu desaparecimento. O texto impresso não desaparece, a não ser que o seu suporte físico desapareça, enquanto no ambiente on-line o leitor comentarista tem a opção de apagar o seu texto quando bem entender, pois esta é uma opção de ferramenta constante dos ambientes on-line de escrita. O internauta geralmente pode escrever seu texto nas caixas de comentários dos sites de notícias, do twitter, do facebook, podendo também retirar seu texto de circulação daquele ambiente específico quando bem entender, o que não

significa, entretanto, que esse texto não será reproduzido ou mencionado por outros sujeitos.

d) Condensação

A diferença de um corte com fins de condensação para um corte que muda o discurso veiculado pelo texto é que o trecho cortado para fins de condensação geralmente funciona como um desfecho, como uma paráfrase do que já foi dito ou do que será dito, dependendo se esse corte é inicial ou final. Outra forma de diferenciar o corte por condensação é que ele geralmente ocorre em comentários mais longos. Um comentário longo ocuparia todo o espaço dedicado aos textos dos leitores na revista impressa. Esse espaço equivale a uma página da revista, ou menos, quando são os casos em que esse espaço é dividido com o editorial ou com outras informações da edição. Existem, no entanto, exceções para este último caso, pois a revista também publica comentários mais longos em sua versão impressa, geralmente comentários críticos e que precisam ser reproduzidos por inteiro para o alcance de uma coerência global. A limitação de espaço imposta pelo ambiente impresso não acontece no ambiente on-line, no qual o leitor pode escrever o quanto quiser comentando os textos da revista, como observado anteriormente.

No comentário 10 A, exposto em seguida, opta-se por fazer um grande corte inicial de um trecho que funciona como uma explicação e exemplificação do que o leitor diz a partir de “Quando os ditos intelectuais, (...)”. Esse trecho, por sua vez, funciona como uma síntese de sentido de tudo que o leitor disse anteriormente e que foi cortado, não aparecendo, portanto, no comentário 10 B.

Texto on-line	Procedimentos	Texto impresso
10 A		**10 B**
José Expedito Dos Santos • 7 meses atrás Excelente matéria! Este debate pode facilmente se tornar ponta de lança contra o "mal maior" das sociedades em geral, qual seja a indiferença ao outro diferente! D'onde resulta todo tipo de violência de indivíduos contra indivíduos, desde o mais sutil preconceito, até a maioria dos latrocínios. A situação se agrava a cada dia, das indiferenças individuais - onde pessoas "normais" matam suas famílias, companheiros de atividades ou se suicidam sem qualquer sinal de fracasso social - até às indiferenças sociais, quando observamos atônitos, embora tantos avanços a todas as instâncias culturais, ainda convivemos com a existência da falta de saneamento básico em riquíssimas cidades e suas consequências para a saúde, a corrupção como processo endêmico e a violência gratuita como catarse justamente a essa indiferença generalizada. Quando os ditos intelectuais, formadores de opinião pública, vêem 'classes de outros' como mera função sócio antropológica, deixam de ser intelectuais e formadores de opinião, para se tornarem indecentes perpetuadores do mal; logo porque o mal da civilização não se divide em melhor ou pior. É isso aí, Revista Cult, não basta ser brava, limitada a um conceito excludente. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/fora-do-canone/>. Acesso em: 17 out. 2013	- Inserção de título da matéria referenciada (identificação de referente) - Grande corte inicial (condensação) - ANPE → ortografia - Normalização gráfica - ANPE → pontuação - Marcação de parágrafos - Eliminação de imagem	Excelente matéria “Fora do Cânone”! Quando os ditos intelectuais, formadores de opinião pública, veem “classes de outros” como mera função sócio antropológica, deixam de ser intelectuais e formadores de opinião, para se tornarem indecentes perpetuadores do mal; logo porque, o mal da civilização não se divide em melhor ou pior. É isso aí, Revista CULT, não basta ser brava, limitada a um conceito excludente. *José Expedito Dos Santos* 184

No comentário 25 A houve um corte médio ao final do texto que pode ser atribuído à finalidade de condensação, porque a segunda parte do texto, a qual foi eliminada após a edição, veiculava o mesmo discurso da primeira parte, ou seja, concorria para a mesma conclusão da primeira parte do texto, qual seja, a supervalorização do consumo em detrimento do ser.

Texto on-line	Procedimentos	Texto impresso
25 A		**25 B**
• **Stanley Constantino |** 18/04/2013 Sociedade infestada por ideias de consumo compulsivo, onde você é o que você possui, como se isso fosse uma lei, uma forma de poder sobre os que não possuem, atitudes como eu posso mais porque meu carro é mais caro e mais potente que o seu são vista todos os dias no transito, e ai de alguém ir contra e querer medir forças, são capazes de matar pra provar isso, sai da frente!!	- ANPE → uso do pronome - Eliminação de palavra (repetição) - ANPE → Pontuação - Inserção de aspas (marcar voz ou discurso do outro)	Sociedade infestada por ideias de consumo compulsivo, em que você é o que possui, como se isso fosse uma lei, uma forma de poder sobre os que não possuem. Atitudes como “eu posso mais porque meu carro é mais caro e mais potente que o seu” são vistas todos os dias no trânsito, e ai de alguém for contra e querer medir forças.

Aleijados incapazes de saírem das suas cadeiras de rodas motorizadas e irem na padaria da esquina a pé ou usarem a bicicleta como meio de transportes, isto seria humilhante demais?? Pois como irão mostrar o que são sem um bem para intimidar. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/04/mania-de-carrao/> Acesso em 17 ago. 2013.	- ANPE → concordância - ANPE → emprego de forma verbal - Eliminação de trecho textual (condensar)	Cult 179

No comentário 34 A podemos notar que foi empregada a eliminação com fins de condensar o texto porque o editor elimina somente ideias repetidas ou que contribuem para uma mesma conclusão do que já havia sido dito.

Texto on-line	Procedimentos	Texto impresso
34 A		**34 B**
• **Leandro dos Santos Dias |** 22/10/2012 Eu não acho que a existência do preconceito em Lobato deva ser o objeto de discussão. Que ele era preconceituoso fica claro em sua biografia (basta verificar sua troca de correspondências com Renato Kehl e Arthur Neiva, numa das quais chega a exaltar a Ku Klux Klan) e também, por consequência, em sua obra (basta ler com atenção o controverso "Caçadas de Pedrinho" ou o romance adulto "O Presidente Negro"). Creio que o preconceito de Lobato é ponto pacífico. A grande discussão, essa sim digna de atenção, é se o preconceito presente nessas obras deve ser motivo de censura ou mote para a discussão da questão racial no Brasil. Meu pendor é para a segunda opção. A censura não deve ser uma opção. A presença do racismo na obra de Lobato e sua escolha e manutenção na lista de indicações para leitura escolar dá uma excelente oportunidade aos professores de colocar o assunto na ordem do dia. Isso é importantíssimo no país que tem "o preconceito de não ter preconceito". Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/10/28054/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- Eliminação de pronome pessoal desnecessário - ANPE → pontuação - Eliminação de qualificador (condensar) - Normalização - Eliminação de trecho (condensação) - Eliminação de trecho textual (explicação) - Substituição (o preconceito presente nessas obras – esse preconceito)	Não acho que a existência do preconceito em Lobato deva ser o objeto de discussão. Que ele era preconceituoso fica claro em sua biografia (basta verificar sua troca de correspondências com Renato Kehl e Arthur Neiva, numa das quais chega a exaltar a Ku Klux Klan) e também em sua obra (basta ler com atenção o controverso *Caçadas de Pedrinho* ou *O Presidente Negro*). A grande discussão é se esse preconceito deve ser motivo de censura ou mote para a discussão da questão racial no Brasil. Meu pendor é para a segunda opção. A censura não deve ser uma opção. A presença do racismo na obra de Lobato e sua escolha e manutenção na lista de indicações para leitura escolar dá uma excelente oportunidade aos professores de colocar o assunto na ordem do dia. Isso é importantíssimo no país que tem "o preconceito de não ter preconceito". Cult 174

O trecho "creio que o preconceito de Lobato é ponto pacífico", fragmento textual eliminado, refere-se exatamente ao que o leitor argumentou no início do comentário, demonstrando indícios de que o escritor era preconceituoso, mas

que essa não era a grande discussão a ser realizada. O leitor diz “a grande discussão, essa sim digna de atenção, é...”. A revista corta o trecho “essa sim digna de atenção”, que, na verdade, retoma a mesma ideia iniciada em “a grande discussão”. Dessa forma, com a eliminação, busca-se apagar repetições ou elementos desnecessários para a textualização do texto do leitor, condensando-o. No entanto, além de eliminar paráfrases ou repetições desnecessárias, a revista procede no intuito de diminuir trechos textuais que não possuem essas características, mas que constituem comentários muito longos para o ambiente impresso.

e) Alterações relacionadas à busca por maior impessoalidade e maior formalidade nos textos dos leitores

Exemplos:

“Márcia, (...).” (vocativo eliminado do comentário 28 A).
“Gilson” (eliminado do comentário 12 A)
“rs Ai de mim ser coronelista-conservador que reproduz e inveja (não é isso?)! rs” (trecho eliminado do comentário 58 A).
“ ‘Ao correr da pena’ ” e “desafortunadamente” (Expressões eliminadas do comentário 60 A).

No comentário 28 A, a leitora inicia o texto na primeira pessoa do singular e dialoga com a colunista da revista por meio do vocativo “Márcia”. No comentário 28 B, não aparece o vocativo nem a estrutura que demonstra que o texto foi iniciado na primeira pessoa do singular, o que lhe confere um tom bem mais impessoal, sem diálogo, sem primeira pessoa.

Texto on-line	Procedimentos	Texto impresso
28 A		**28 B**
• **Andressa Monteiro | 29/12/2012** Márcia, que artigo ótimo! Adorei a forma que você expôs as suas ideias. Ler livros é sempre bom. Mas, ler livros de qualidade, redigidos por quem realmente se importa com o conteúdo, é ainda melhor. É de suma importância que cada vez mais as pessoas desenvolvam o hábito de ler, porém de forma crítica. Parabéns! Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/12/a-lista-dos-mais-vendidos/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- Eliminação do vocativo (tornar mais impessoal) - Eliminação de trecho textual (manifestação afetiva) - ANPE → pontuação	Ler livros é sempre bom. Mas ler livros de qualidade, redigidos por quem realmente se importa com o conteúdo, é ainda melhor. É de suma importância que cada vez mais as pessoas desenvolvam o hábito de ler, porém de forma crítica. Parabéns!

Em 12 A e 12 B temos:

Texto on-line	Procedimentos	Texto impresso
12 A		**12 B**
• **Flávio Bertelli |** 11/07/2013 Gilson. Magnífico texto. A genialidade e a extensão do texto de Freud não se esgota nas discussões de seus discípulos mais próximos, ou de Lacan. Ela se evidencia, ainda bem, pela sua profundidade em atingir várias áreas do conhecimento, visto que Freud, com sua obra, é cada vez mais chamado para os debates na contemporaneidade. Nesse ponto, a analogia com Marx é notável, quando comparamos 'o sonho é a realização do desejo', com o 'a prática é o único critério da verdade'. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/a-lingua-de-freud-e-a-nossa/>. Acesso em 16 set. 2013	- Substituição de palavra - Inserção de sobrenome do autor referido no comentário - Reformulação (tornar mais formal e menos pessoal) - Normalização gráfica	Magnífico o artigo de Gilson Iannini. A genialidade e a extensão do texto de Freud não se esgota nas discussões de seus discípulos mais próximos, ou de Lacan. Ela se evidencia, ainda bem, pela sua profundidade em atingir várias áreas do conhecimento, visto que Freud, com sua obra, é cada vez mais chamado para os debates na contemporaneidade. Nesse ponto, a analogia com Marx é notável, quando comparamos "o sonho é a realização do desejo" com "a prática é o único critério da verdade". *Flávio Bertelli* Cult 182

No texto 12 A, é relevante notar que o leitor-autor do comentário se reporta ao próprio autor do artigo (texto-fonte), por meio de um vocativo, elogiando seu texto. Na edição, apaga-se essa marca de diálogo com o autor, além de se inserir o sobrenome do autor do artigo comentado, o qual não havia sido explicitado pelo leitor em seu comentário de origem. Dessa forma, faz-se com que o comentário figure como se tivesse sido escrito na terceira pessoa, tornando-o mais formal.

A eliminação dos risos, da ironia e das marcas de conversação ocorridas no comentário 58 A colabora com a mesma intenção de deixar o texto do leitor mais impessoal e o menos informal possível, já que o registro formal estaria mais adequado ao discurso cultural e acadêmico intencionado pela revista. No mesmo sentido, são eliminados dos comentários 60 A os articuladores textuais “ao correr da pena” e “desafortunadamente”, deixando o texto bem mais impessoal sem a presença desses articuladores que denotam maior subjetividade de quem o escreveu.

4.1.2 Eliminação de seção de despedida e de seção de contato

a) apagamento de marca de carta pessoal e adequação ao gênero

Exemplos:

“Olá Caros amigos da Revista Cult” (trecho eliminado de comentário 19 A).
“Obrigado” (eliminado de comentário 21 A).
“Atenciosamente” (eliminado de comentário 26 A).
“Um grande abraço” (eliminado do comentário 37 A).
“Obrigado pela contribuição” (eliminado do comentário 55 A).
“abs do Sílvio Medeiros.” (eliminado do comentário 60 A).
“abraços a todos” (eliminado do comentário 61 A).

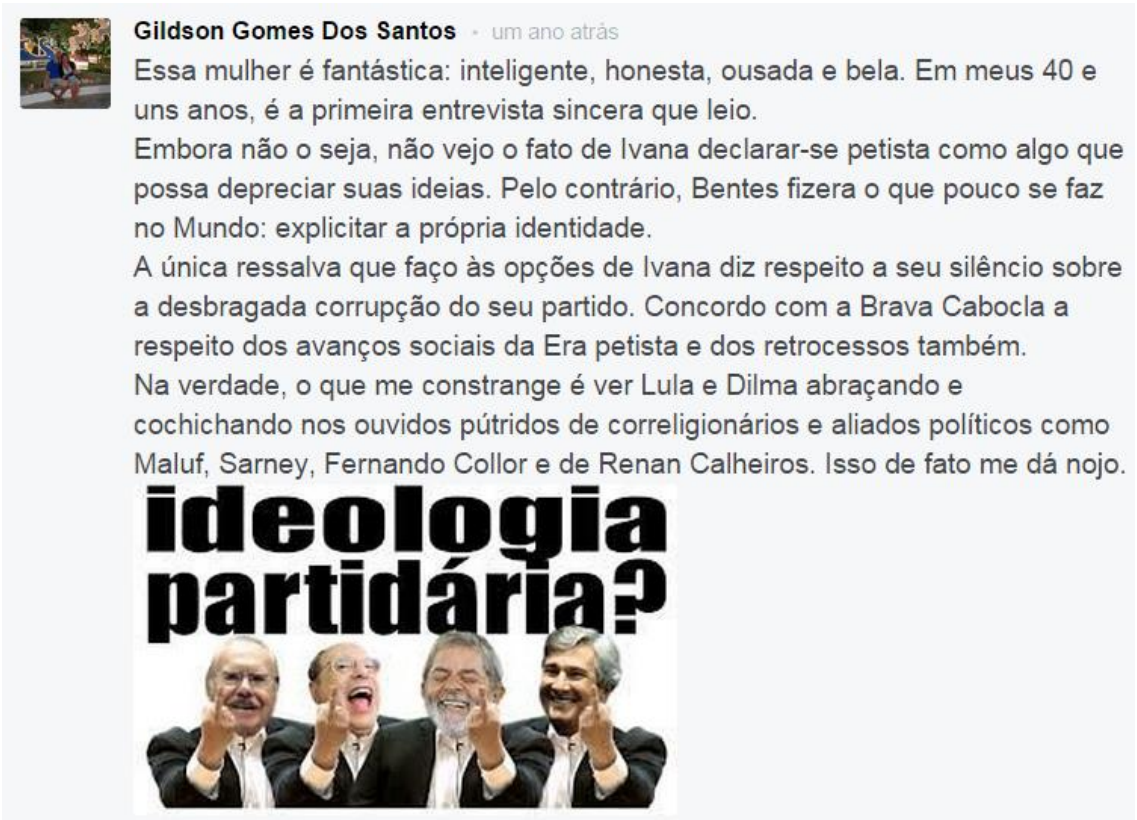
Nos comentários referidos nos exemplos anteriores, de números 19, 21, 26, 37, 55, 60, 61, evidenciam-se elementos que geralmente são encontrados em cartas, inclusive em cartas de leitores antes de suas publicações por diversos veículos de comunicação que, como vimos, têm, em suas rotinas de edição, a eliminação desses elementos antes da publicação do texto do leitor na seção de cartas de leitores. Alguns comentários on-line são iniciados ou finalizados com esses elementos que são chamados por Paredes Silva (1988) de seção de contato e seção de despedida do gênero carta. Essa prática sempre ocorreu nas cartas de leitores que, em um tempo não muito remoto, eram colocadas

em caixas postais e endereçadas aos seus veículos de comunicação. Os editores dos veículos jornalísticos, por sua vez, já realizavam o corte das seções de contato e de despedida das cartas para publicá-las no espaço dedicado ao leitor. Essa prática se repete agora no caso de alguns comentários on-line, em que o leitor cumprimenta e se despede ao escrever em ambientes on-line da revista Cult.

A retomada desses traços (seção de contato e de despedida) da carta e a edição (corte) desses traços contribuem para o raciocínio de que há uma espécie de relação entre esses gêneros, já que essa alteração não pode deixar de ser associada a uma mudança de relação genérica com o texto do leitor.

4.1.3 Eliminação de imagem

a) Adequação ao gênero e ao suporte impresso



Como podemos observar, o leitor Gildson inseriu uma imagem em seu comentário on-line que retoma personagens políticos citados no seu texto. A imagem é claramente uma montagem em que Lula, Collor, Sarney e Maluf aparecem rindo e fazendo um gesto obsceno embaixo da pergunta “ideologia partidária?”. A imagem diante da pergunta e do que é dito pelo leitor no final de seu comentário funciona como uma sátira que contribui para a mesma direção argumentativa do que é dito pelo leitor, que elogia a entrevistada Ivana Bentes, mas critica o silêncio da professora em relação ao que ele chama de desbragada corrupção do partido dela. A revista exclui a imagem inserida por Gildson para a publicação de seu comentário na seção do leitor na revista impressa. A eliminação da imagem pode ser atribuída tanto ao fato de a revista não querer veicular determinada ideologia por meio de uma figura que apela para um gesto obsceno, quanto a uma questão de adequação do texto do leitor ao suporte impresso. Isso porque a publicação da imagem ocuparia um espaço maior da seção destinada aos leitores, geraria um custo diferenciado para a revista e também não teria, provavelmente, relação com os objetivos do veículo e da seção, pois a sátira não é um gênero que tenha presença na revista Cult, que, como dito anteriormente, apresenta um discurso mais voltado para a formalidade condizente com o jornalismo cultural e com o discurso acadêmico. Além disso, não é característica do gênero carta do leitor o uso de linguagem não verbal.

As outras imagens eliminadas são as fotos dos próprios comentaristas que circulam normalmente nos ambientes on-line, mas não são transferidas para a seção do leitor na revista impressa. A diferença de textualização aqui pode se dar de modo que no ambiente on-line, além da imagem que necessariamente projetamos do produtor do texto que estamos lendo, temos a foto ou imagem de perfil do autor do comentário que contribui para uma criação/formação de imagem do sujeito empírico produtor do texto. A seguir expomos a título de exemplos essas imagens juntamente aos comentários em seus ambientes de origem.

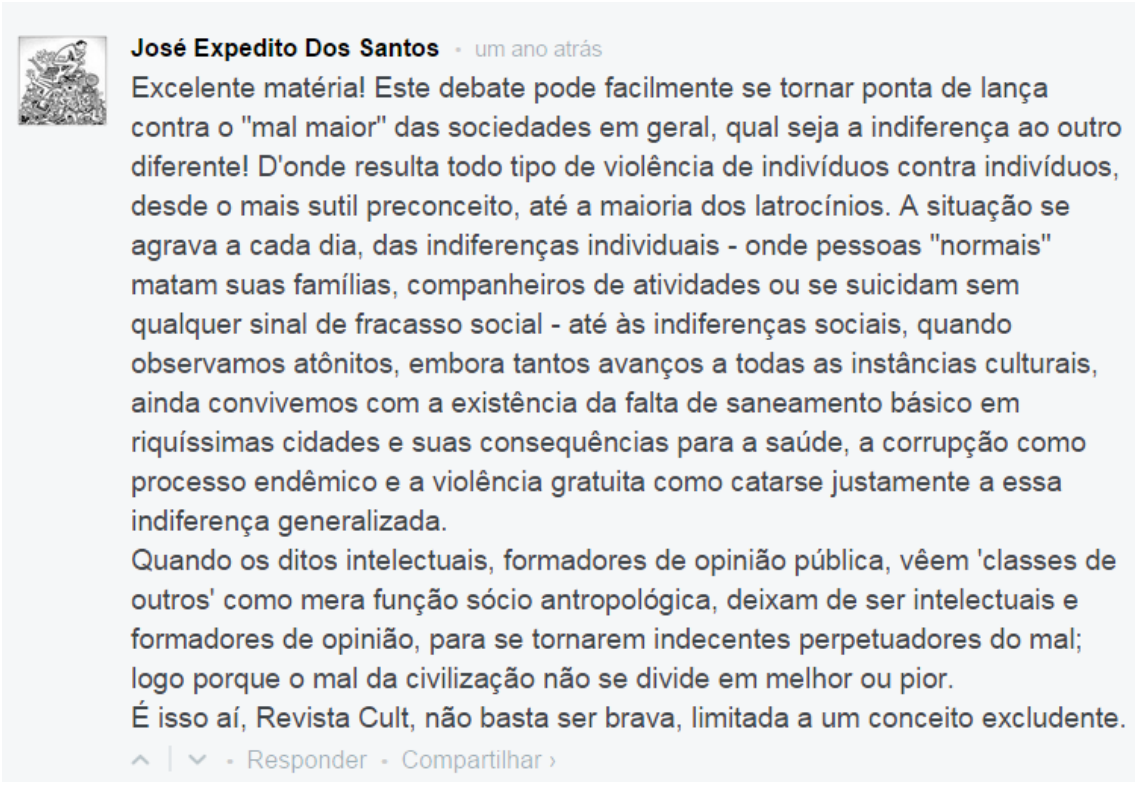
Texto 8 A

Leandro Bastos
Follow
Recent Activity
Comments 1
Recommends
Followers 0
Following 0
Discussion on Revista Cult • 14 comments
O poder da psiquiatria
Leandro Bastos • um ano atrás
Gostei muito do artigo, explica exatamente a situação que a psiquiatria chegou atualmente. Hoje, qualquer desvio comportamental é classificado como uma síndrome. Se uma criança é ativa, feliz, falante, deve ser tratada. Se ela é tímida e quieta, deve ser tratada, entre outros

Texto 9 A

Cristian Korny
Follow
8
Recent Activity
Comments 4
Recommends
Followers 0
Following 0
Discussion on Revista Cult • 14 comments
O poder da psiquiatria
Cristian Korny • um ano atrás
Essa edição 184 da CULT foi a primeira que comprei e fiquei de olho nas banca para a chegada dela. Isso sim é um tema de interesse público e cultural também. Não apenas na
see more

Texto 10 A



José Expedito Dos Santos • um ano atrás

Excelente matéria! Este debate pode facilmente se tornar ponta de lança contra o "mal maior" das sociedades em geral, qual seja a indiferença ao outro diferente! D'onde resulta todo tipo de violência de indivíduos contra indivíduos, desde o mais sutil preconceito, até a maioria dos latrocínios. A situação se agrava a cada dia, das indiferenças individuais - onde pessoas "normais" matam suas famílias, companheiros de atividades ou se suicidam sem qualquer sinal de fracasso social - até às indiferenças sociais, quando observamos atônitos, embora tantos avanços a todas as instâncias culturais, ainda convivemos com a existência da falta de saneamento básico em riquíssimas cidades e suas consequências para a saúde, a corrupção como processo endêmico e a violência gratuita como catarse justamente a essa indiferença generalizada.

Quando os ditos intelectuais, formadores de opinião pública, vêem 'classes de outros' como mera função sócio antropológica, deixam de ser intelectuais e formadores de opinião, para se tornarem indecentes perpetuadores do mal; logo porque o mal da civilização não se divide em melhor ou pior.

É isso aí, Revista Cult, não basta ser brava, limitada a um conceito excludente.

Responder • Compartilhar ›

4.1.4 Inserção de título, nome, sobrenome

a) <u>Contextualização e explicitação no texto impresso de elementos presentes no contexto on-line</u>

A inserção de título do texto-fonte antes das cartas dos leitores é essencial para a textualização desse texto fora de seu contexto de produção original, que é o ambiente on-line. A inserção desse título é realizada na revista impressa da seguinte forma: insere-se o título da matéria, artigo, entrevista ou texto literário ao qual o comentário se refere e, a seguir, dispõem-se todos os comentários (de interesse do editor de publicar na revista impressa) referentes àquele título na página do leitor. Em outros termos, os títulos não são repetidos antes de cada comentário que se refere a um mesmo texto-fonte; a revista insere o título uma vez e os comentários referentes àquele texto-fonte em seguida.

Essa estratégia se relaciona aos fatores de contextualização que ancoram o texto em uma situação comunicativa, que, segundo Marcuschi (1983), podem ser de duas espécies: a) contextualizadores propriamente ditos, que ajudam a ancorar o texto na situação comunicativa: assinatura, local, data e elementos gráficos, b) perspectivos, que ajudam no avanço de expectativas a respeito do texto: título, início do texto, autor etc. No caso específico da estratégia de explicitação no contexto impresso de elementos presentes no contexto on-line, estamos lidando principalmente com os fatores de contextualização perspectivos. Vejamos alguns exemplos de inserções realizadas pela revista com a estratégia em questão.

"Norval cada vez mais lúcido, (...)" → "Norval **Baitello Júnior** cada vez mais lúcido, (...)" (trecho do comentário 2 B).

"Gostei muito do artigo." → "Gostei muito do artigo **de Vladimir Safatle**." (trecho do comentário 8 B).

"Excelente matéria!" → "Excelente matéria **"Fora do Cânone"**!" (trecho do comentário 10 B).

"Magnífico texto" → "Magnífico o artigo **de Gilson Iannini**." (trecho do comentário 12 B).

"(...) discordo do conceito de esquerda dado pelo professor." → "(...) discordo do conceito de esquerda dado pelo professor **[Leonardo Avritzer]**." (trecho do comentário 50 B).

"(...) do que com a esquerda clássica de Bobbio (...)" → "(...) do que com a esquerda clássica de **Norberto** Bobbio (...)" (trecho do comentário 50 B).

Como podemos notar, em quatro dos cinco exemplos de inserção de nome, sobrenome e título, não se marca esse procedimento como algo feito pela revista, exceto apenas no caso do comentário 50 B, em que o nome do professor mencionado é inserido dentro de colchetes, numa demonstração clara de que aquela inserção não foi feita pelo leitor/autor do comentário, mas, sim, foi uma inserção da própria revista para ajudar na retomada de um referente que está de certo modo longe do leitor atual desse comentário, contribuindo para a textualização do mesmo. Ao contrário da maioria dos casos, em que a partir da edição podemos notar uma aproximação entre as vozes dos leitores e a linguagem do veículo, neste caso, deixa-se marcado o que foi escrito pelo leitor e o que foi inserido pela revista.

Nesse sentido, a inserção do sobrenome do professor Norval no comentário 2 A pode ser considerada como uma estratégia de contextualização necessária ao contexto da publicação impressa, que se encontra distante do contexto on-line em que a matéria é lida na página do site da revista pelo leitor que comenta, neste mesmo ambiente, a matéria publicada. Dessa forma, o comentário do leitor e a sua forma de se referir ao professor no contexto on-line estão totalmente adequados ao contexto de escrita desse ambiente, não sendo necessárias maiores informações, o que não significa que o texto continue adequado no caso de se modificar o seu modo de circulação.

Vejamos o exemplo a seguir:

Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
14 A		**14 B**
Lílian Martins Escritor excepcional que mantém a simplicidade e a gentileza em cada gesto!! 11 de julho de 2013 às 12:45 · Curtir · 2 Disponível em: <https://www.facebook.com/revistacult?fref=ts>. Acesso em 17 ago. 2013	- Reformulação com inserção de nome do escritor referido (transforma frase nominal em frase verbal) - ANPE → pontuação	Ronaldo Correia de Brito é um escritor excepcional, que mantém a simplicidade e a gentileza em cada gesto! *Lílian Martins* Cult 182

A partir do curto comentário publicado originalmente no facebook 14 A, a revista inseriu dois fatores de contextualização para sua publicação na seção do leitor na versão impressa, quais sejam: a introdução do título da seção “Perfil” que se dedica a falar sobre uma personalidade cultural (escritores, tradutores, curadores de eventos literários entre outros, músicos, artistas plásticos, pintores, cantores, diretores de cinema, de teatro, roteiristas etc.) ou sobre um momento específico dessa personalidade; e a substituição de “escritor excepcional” pelo nome do escritor. Essas estratégias servem, portanto, para que o leitor da revista impressa possa retomar essas informações essenciais à textualização do comentário num contexto diverso do on-line, em que essas informações não eram necessárias de serem explicitadas porque elas já faziam parte do contexto da ferramenta utilizada. Ou seja, um comentário no facebook se refere usualmente à postagem que se posiciona acima desse comentário. Desse modo, as informações necessárias

para que um outro leitor textualize aquele comentário naquele contexto estão todas ali coladas a ele. Por isso, essa situação comunicativa dispensa a referência e a explicitação de algumas informações que num outro contexto (o impresso) se tornam necessárias.

Para além das alterações realizadas na materialidade textual, temos outros elementos diferenciadores desses textos, pois o comentário impresso não contém mais a data que geralmente figura no comentário on-line. A disposição gráfica dos comentários impressos é totalmente diversa da do comentário em contexto eletrônico porque o texto impresso recebe, além da edição textual, um tratamento gráfico. Em outros termos, além dos procedimentos explicitados até aqui, a revista não reproduz as datas na seção impressa do leitor, os comentários são apresentados com formatação conveniente a esse suporte, são justificados e disponibilizados com espaçamentos padronizados.

Tivemos poucas substituições e acréscimos em casos que podem ser mais relacionados a retextualização do que à reescrita. A maioria desses casos de acréscimos e substituições se deu no âmbito da adequação do texto do leitor ao padrão culto da língua escrita. Estamos relacionando essa adequação ao processo de reescrita, primeiro porque é uma ação que ocorre do texto escrito para o texto escrito e segundo porque essa ação por si só não costuma alterar o objetivo do texto, mas sim adequá-lo a uma situação comunicativa e/ou a um domínio discursivo.

4.2 Adequação ao padrão culto da língua escrita

Na edição dos comentários on-line para suas publicações na revista impressa, ocorre uma grande quantidade de modificações com a intenção de adequar o texto do leitor ao padrão culto da língua portuguesa escrita. Essa estratégia pode ser relacionada à estratégia de mudança em função da norma escrita, apontada por Marcuschi conforme demonstramos anteriormente. Focalizamos, neste caso, a intenção de padronização da escrita a partir de adequações

gramaticais, em detrimento dos procedimentos em si, que seriam os de acréscimo, supressão, substituição e deslocamento. Para a análise, separamos essas alterações de acordo com a natureza dos pontos gramaticais, por considerarmos mais uma vez que o que tem relevância mesmo é a intenção, a estratégia utilizada para a alteração do texto do leitor, qual seja, a de adequar esse texto à norma padrão escrita para que ele possa circular na revista impressa. Essas adequações dizem respeito a questões ortográficas, de emprego de formas verbais, de concordância nominal e verbal, de regência, de uso e colocação dos pronomes, de pontuação, de marcação de parágrafos, e até mesmo de normalizações gráficas e de formatação.

Quadro 02 – Procedimentos de adequação à norma padrão escrita

ADEQUAÇÃO À NORMA PADRÃO ESCRITA – ANPE	
Ortografia (acentuação, hífen, reduções e digitação)	3, 5/5, 9, 10, 17, 22/22/22/22/22, 24, 25, 26, 27, 31, 39, 41/41/41, 42/42, 43/43/43/43/43/43, 44, 45/45/45/45/45, 49, 50/50/50, 51/51, 57, 61, 62, 63/63, 64
Emprego de formas verbais	25, 27/27, 37, 45
Concordância verbal e nominal	9, 17, 25, 35, 44, 59
Regência verbal e nominal e uso da crase	7, 37 44, 61
Uso e colocação pronominal	25, 27, 34, 61
Pontuação (ponto-final, vírgula, reticências, interrogação, exclamação, travessão)	5, 8/8, 10, 11, 13/13, 14, 17, 18, 22, 25/25/25, 27, 28, 29, 34, 38, 41, 42/42, 43/43, 45/45/45, 46, 51/51, 53/53, 54/54, 55, 57/57, 58, 62/62/62/62/62, 63/63/63/63
Marcação de parágrafos	10, 53, 54, 57
Normalização (caixa-alta, caixa-baixa, itálico, aspas, formatação, espaçamentos)	10, 15, 24, 26, 29, 34, 38, 43/43/43, 44, 48, 54, 62, 63/63,

As correções ortográficas se devem não só ao desacordo com as normas da nova ortografia do português, incluindo a acentuação das palavras, o uso do hífen e de maiúsculas, mas também ao uso de formas reduzidas, ou à presença de problemas de digitação.

Exemplos de adequação à ortografia vigente oficial:

i) Acentuação: vêem, idéias, essencia, transito, substituídas respectivamente por veem, ideias, essência e trânsito.
ii) Uso do hífen: ante-mão, dia-a-dia, auto suficiência, produto mercadoria, social democracia, substituídas por antemão, dia a dia, autossuficiência, produto-mercadoria, social-democracia.
iii) Emprego de maiúscula em início de período, após ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação e reticências, no lugar de formas.
iv) Formas reduzidas: pra, vc, substituídas por para a, você.
v) Problemas de digitação: á, psicalíticas, qualuquer, mínina, substituídas por à, psicanalíticas, qualquer, mínima.

No caso do emprego de formas verbais, ocorreram algumas substituições, em função de problemas de redação que interferem na construção da coesão textual:

Exemplos:

i) Trecho de comentário 25. (...) e ai de alguém IR contra e querer medir forças → (...) e ai de alguém FOR contra e querer medir forças.
ii) Trecho de comentário 27. Não seria esta leitura um modo, uma chance de a beleza das palavras CONVENCESSE, INCENTIVASSE uma massa a ler (...) → Não seria esta leitura um modo, uma chance de a beleza das palavras CONVENCER, INCENTIVAR uma massa a ler (...).
iii) Trecho de comentário 45. O deputado Marighella FOI o único político brasileiro que realmente amava o Brasil. → O deputado [federal] Marighella ERA o único político brasileiro que realmente amava o Brasil.

No primeiro exemplo, há a troca da forma verbal IR por FOR, uma vez que em orações imprecativas, como a em que essa forma verbal é usada, emprega-se o subjuntivo por meio do qual se expressa o fato incerto ou hipotético de “alguém ir contra e querer medir forças”. Vale observar, que nessa tentativa de

adequação à norma padrão, o resultado soa estranho, já que estaria mais adequada ao nosso uso a expressão “ai de QUEM for contra...” do que “ai de ALGUÉM for contra...”. No segundo exemplo, trata-se de uma alteração para o infinitivo devido à presença da preposição “de”, da expressão “uma chance de”.

No terceiro exemplo, em que se troca a forma verbal do verbo “ser” do pretérito perfeito para o pretérito imperfeito, indica-se não só uma continuidade no tempo passado, mas atenua-se o seu sentido, tornando a generalização do que se diz um pouco mais modalizada, pois o pretérito imperfeito faz referência ao passado retomado, e não ao passado como um todo que abrangeria todo o tempo daquela época até hoje.

Em relação ao uso de pronomes, ocorreram substituições do pronome “onde” por “em que”, possivelmente atendendo às prescrições de nossas gramáticas tradicionais que consideram que onde possui um valor semântico de localização física (MARINHO, 2005). Foram realizadas algumas eliminações do pronome pessoal “eu” quando a primeira pessoa já era denotada pela desinência verbal. Nossas gramáticas tradicionais, muito consideradas pelos revisores e editores, avaliam ser optativo o uso do pronome pessoal sujeito, visto que as desinências flexionais das formas verbais já indicariam o seu sujeito. Houve também exemplos em que algumas retomadas foram alteradas utilizando-se pronomes demonstrativos (o preconceito presente nessas obras → esse preconceito) e pronomes pessoais para retomar nomes próprios, a fim de se evitarem repetições.

Em alguns casos, mesmo após a edição, algumas inadequações gramaticais passam desapercebidamente e acabam circulando no texto impresso também. Nas alterações relacionadas às concordâncias verbal e nominal, ocorre um desses casos. No comentário 17A a leitora diz “esse culto ao vazio, a luz do celular substituindo o ‘calor’ da chama de uma vela, a promessa de ‘interação’ pessoal na auto suficiência da pessoa-celular, tem sido fontes de muito sofrimentos da ‘alma’”. A revista modifica o comentário, adequando o núcleo do predicativo para “fonte” para concordar com o sujeito “esse culto ao vazio”, mas não efetua todas as adequações, mantendo a falta de concordância nominal

em “muito sofrimentos”, como podemos ver no texto editado: “esse culto ao vazio, a luz do celular substituindo o ‘calor’ da chama de uma vela, a promessa de ‘interação’ pessoal na autossuficiência da pessoa-celular, tem sido fonte de muito sofrimentos da ‘alma’”. Um exemplo de concordância nominal corrigida pela revista está em 9, em que se substitui “fiquei de olho nas banca para a chegada dela”, por “fiquei de olho nas bancas para a chegada dela”. Em 44, temos mais um dos exemplos de concordância verbal, em que se substitui “(...) dizeres e pautas feministas que tem marcado as nossas vidas”, por “(...) dizeres e pautas feministas que têm marcado as nossas vidas”. Também em 59, ocorre alteração na forma verbal “vem”, de modo que haja a concordância com o sujeito posposto no plural: “Não sei bem a que vêm tantos convênios e pomposidades institucionais, mas...".

Algumas alterações se deveram às inadequações referentes à regência verbal e à regência nominal. Um exemplo de alteração relacionada à regência nominal está em 7, em que se troca “sou um entusiasta pelo ser humano” por “sou um entusiasta do ser humano”, apesar de que o *Dicionário prático de regência nominal* de Celso Pedro Luft aceita as duas formas, “entusiasta de” e “entusiasta por”. Um outro exemplo de correção de regência verbal pode ser vista em 44, em que se substitui “nos fazer mover em nossas posições” por “nos fazer mover de nossas posições”.

Muitas alterações foram feitas em relação à pontuação dos comentários: inserções de vírgulas, substituições de vírgulas por ponto-final, supressão de pontos de exclamação repetidos, inserção de pontos de interrogação em estruturas interrogativas, substituição de exclamação por ponto-final e eliminação de reticências. Além disso, a revista inseriu parágrafos, ou, melhor dizendo, fez com que os parágrafos fossem marcados no caso de alguns comentários. Um bom exemplo de alteração na pontuação dos comentários está nas alterações efetuadas em 45. De “o deputado marighella foi o unico politico brasileiro que realmente amava o brasil,havia outros que também amavam o país mas estão vivos até hoje e na verdade são uns verdadeiros farsantes modernos…fazer o quê!!!!” resultou “O deputado [federal] Marighella era o único político brasileiro que realmente amava o Brasil. Havia outros que

também amavam o país, mas estão vivos até hoje e, na verdade, são uns verdadeiros farsantes modernos... Fazer o quê!". Percebemos alterações que se deveram à adequação à estrutura sintático-semântica do comentário, constituído de mais de uma frase, ou seja, de mais de um segmento capaz de transmitir informações. Houve a substituição da vírgula pelo ponto final demarcando o fim da primeira frase do comentário, e a inserção de vírgulas, primeiro na separação da oração adversativa "mas estão vivos até hoje" e depois na separação da expressão "na verdade", destacando-a. Também ocorre no exemplo a supressão de dois dos três pontos de exclamação usados no comentário, possivelmente empregados para a expressão de indignação do autor.

Muitas das modificações dos comentários se associam a uma normalização gráfica e a uma formatação desses textos. Dentre essas alterações temos: inserção de aspas para marcar título de dossiê da revista; substituição de aspas por itálico para marcar nome de obra citada por leitor (ex. "Caçadas de Pedrinho" → *Caçadas de Pedrinho*); correção de aspas simples para aspas duplas etc. Um dos padrões que a revista utiliza, e faz com que ocorra uma adequação contínua, é no nome da revista que aparece na seção do leitor na versão impressa sempre em caixa-alta. Outra intervenção em relação ao nome do veículo é que sempre que o leitor o cita como "revista Cult", o editor muda a citação para apenas "CULT", suprimindo o substantivo "revista". O comentário 24 A, digitado pelo leitor no ambiente on-line todo em caixa-alta, é passado para caixa-baixa, mantendo-se a caixa-alta apenas para o nome da revista. Outro exemplo se encontra em 62, onde a autora do comentário escreve "...que mais aprecio na Revista Cult..." e a revista publica "...que mais aprecio na CULT..."

Ainda em relação a essas normalizações, não se mantêm as abreviaturas utilizadas pelos leitores, preferindo-se utilizar a palavra completa, como é o caso de "págs." que é mudado para "páginas" em 32.

No que diz respeito à formatação, podemos dizer que os textos se apresentam de formas diversas nos ambientes on-line e no impresso. A disposição gráfica

em cada um desses suportes exibe características próprias, mostrando-se visualmente diferente. Isso provoca diferenças na produção de sentido porque interfere nas expectativas criadas no processo de textualização.

Após a apresentação de exemplos da análise realizada, passamos a uma discussão visando relacionar as estratégias empregadas na modificação dos textos aos processos de retextualização e de reescrita, refletindo sobre como esses procedimentos podem ser associados à configuração e ao funcionamento do gênero em questão, na busca por ponderações a respeito das perguntas de pesquisa.

5 DISCUSSÃO

Considerando as análises apresentadas no capítulo anterior, iniciamos a discussão propondo que as estratégias do quadro 1 se associam mais ao processo de retextualização enquanto o quadro 2 sugere uma estratégia mais próxima e pertinente ao processo de reescrita. Isso porque as eliminações e inserções do quadro 1 dizem respeito a fatores aliados à relação entre texto e gênero, que são as adequações em função da mudança de contexto, da troca de suporte textual, da interação e da imagem de leitor pretendida pela revista, em função da construção da imagem da própria revista. Já o quadro 2 demonstra alterações muito mais próximas ao trabalho da revisão e portanto da reescrita, pois são modificações que interferem de forma objetiva em fatos linguísticos que fogem da norma gramatical tradicional, ou do uso socialmente aceito como padrão de linguagem para veiculação de textos na mídia escrita e de normas relacionadas à própria edição, ao tratamento estilístico e visual dado aos produtos editoriais vendáveis.

Em relação às estratégias de (a) apagar manifestações atitudinais ou afetivas, (b) apagar exemplificações, explicações, elementos de atualidade e referência temporal, (c) apagar referência a outro comentário on-line, à ferramenta de escrita de comentários on-line ou à citação, (d) condensar, (e) apagar formas pessoais, expressões informais, risos e ironia, podemos dizer, de forma segura, que esses apagamentos trazem modificações relevantes para a produção de sentido do texto do leitor e para a construção da imagem de leitor e do próprio veículo de comunicação.

Quanto às eliminações das seções de despedida e de contato, às eliminações das imagens e às inserções de título, nome e sobrenome, elas se relacionam, como vimos, muito mais a questão da formação do gênero e às adaptações referentes à mudança do suporte e de contexto do ambiente on-line para o contexto impresso.

De forma diferente, as alterações linguísticas se relacionam predominantemente a adequações linguísticas em função da norma escrita. Não estamos dizendo com isso que essas alterações não interfiram no efeito de sentido do texto do leitor. Elas interferem na produção de sentido na medida em que deixam uma estrutura mais fácil de ser textualizada e reconhecida pelo leitor. Certamente, essas modificações também interferem na imagem que se constrói para o leitor da revista e, associadamente, para a imagem da própria revista.

Retomando algumas perguntas que motivaram este trabalho, a mudança contextual que se dá pela alteração do texto de seu suporte original on-line para o suporte impresso é capaz de alterar o objetivo, o gênero e o processo de construção do sentido do texto do leitor da revista Cult? As alterações empregadas pela edição da revista se relacionam mais ao processo de retextualização ou ao de reescrita?

Vejamos algumas características dos dois processos mencionados e como elas podem ser relacionadas ao nosso objeto de trabalho na busca de repostas para as perguntas de pesquisa.

Quadro 3 - Retextualização e reescrita

Características predominantes	Retextualização	Reescrita
Objetivo	Transformação	Adequação a algum parâmetro
Gênero textual	Não necessariamente mantido	Mantido
Autor	Mais de um autor	Um só autor
Procedimentos	~Tradução	~ Revisão
Modalidade	Fala ou escrita	Escrita

Quanto às características predominantes dos processos de retextualização, portanto, temos a mudança de objetivo do texto retextualizado, a modificação do gênero textual, o fato de que geralmente a retextualização é feita por outro

autor, os procedimentos podem se aproximar mais de uma situação de tradução do que de revisão textual e as modalidades dos textos tanto de partida quanto de chegada podem ser a fala e a escrita.

Já na reescrita predomina o objetivo de adequação do texto a algum parâmetro, o gênero textual tende a ser mantido, e geralmente o texto, tanto a versão de partida quanto a de chegada, pertence a um mesmo autor. Os procedimentos da reescrita estão mais próximos de procedimentos de uma revisão do que de uma tradução textual. A modalidade em que se dá esse processo é somente o da escrita. Entendemos, portanto que reescrita seria resultado da revisão e a retextualização, resultado da produção de um texto a partir de outro já existente, mas de outra modalidade ou gênero.

Retextualização ou Reescrita?					
Passagem do comentário on-line para o comentário impresso na seção do leitor da revista Cult	Transformação (retextualização)	Gênero não mantido	Mais de um autor	~ Tradução	Fala ou escrita
	?	?	Sim	Não	Não
	Adequação a algum parâmetro (reescrita)	Gênero mantido	Um só autor	~ Revisão	Escrita
	Sim	?	Não	Sim	Sim

Analisando-se a passagem do comentário on-line para o texto impresso na seção do leitor na revista impressa Cult, o fator que aponta com maior evidência para uma retextualização seria o de que o texto publicado na seção do leitor da Cult tem mais de um autor, o responsável pela edição seria coautor nesse processo de construção do texto que de fato é publicado na revista impressa. As interrogações no quadro ocorrem porque não é possível afirmar nem que ocorre nem que não ocorre transformação no texto do leitor, pois, além das adequações à norma padrão escrita, as modificações realizadas por eliminação e por inserção não são suficientes para se dizer que elas apontariam para um novo objetivo textual, nem são poucas ou insignificantes a ponto de não atingirem a produção de sentido dos textos e não se relacionarem a questões referentes ao gênero e ao suporte textual a que pertenceriam.

O fato de que tanto as adequações ao padrão culto da língua escrita quanto as eliminações e inserções que relacionamos, neste trabalho, ao processo de retextualização poderem também ser analisadas como procedimentos de adequação a algum parâmetro, dá maior força à ideia de que esses procedimentos estejam mais próximos de um processo de reescrita do que de retextualização.

Os fatores que apontam com mais força para uma reescrita seriam os de que o processo de alteração do texto do leitor da Cult tem relação com o processo de revisão textual e faz parte de um procedimento que ocorre na passagem de um texto da modalidade escrita para um texto de modalidade também escrita, ou seja, não implica mudança de modalidade.

Em relação à pergunta se o gênero é mantido ou não, deixamos a interrogação nos dois casos, justamente por essa ser uma das questões desta pesquisa, e antecipamos também que não apresentaremos uma resposta fechada a essa questão. Para continuar na busca por proposições acerca dessa reflexão, lembramos as variáveis como intervenientes no processo de retextualização, citadas por Marcuschi (2010).

- ✓ o *propósito* ou o objetivo da retextualização;
- ✓ a *relação entre o produtor do texto original e o transformador*;
- ✓ a *relação tipológica* entre o gênero textual original e o gênero da retextualização;
- ✓ os *processos de formulação* típicos de cada modalidade

Em relação ao propósito ou ao objetivo da passagem do texto on-line do leitor para a seção do leitor na publicação impressa, podemos supor que, como a seção do leitor já faz parte da tradição da publicação impressa, e como os leitores têm-se manifestado muito mais por comentários no site e nas redes sociais do que enviando e-mails ou cartas, pode ter havido a decisão pela publicação na revista impressa, conforme o gênero carta de leitor, dos comentários de seus leitores que se manifestaram nos ambientes on-line do veículo de comunicação. Isso porque o espaço do leitor funciona como um

retorno e uma espécie de legitimação do produto editorial do veículo de informação.

Quanto à relação entre a produção e a transformação, podemos dizer que essa é uma relação assimétrica, em que os responsáveis pela revista têm muito mais poder sobre o texto do que o próprio autor-leitor. No entanto, cabe diferenciar essa relação no contexto on-line do contexto impresso. Nesse ponto ela se modifica, pois no site e nas redes sociais os leitores publicam seus comentários e, mesmo que os responsáveis pela revista tenham o poder de apagar algum comentário que seja considerado ofensivo, a produção e a publicação estão nas mãos do leitor. Dessa maneira, o texto que o leitor escreve é publicado on-line, sem moderação, tal como escrito por ele, enquanto na revista impressa não é ele quem detém todas essas prerrogativas, não é ele quem seleciona qual texto deseja publicar, quem emprega as modificações que julga necessárias e quem o publica na seção do leitor.

Conforme Marcuschi (2010) aponta, se a alteração do texto for feita pela mesma pessoa que o produziu, geralmente ela apresentará mudanças mais drásticas do que quando feita por outra pessoa, caso em que ocorrerá maior respeito pelo texto original quanto ao conteúdo, o que não impede mais interferências na forma. De fato, as alterações realizadas na edição dos comentários não apresentam grandes modificações de conteúdo, mas as diversas mudanças na forma, por vezes, podem modificar a produção de sentido naquele texto. Isso quer dizer que não se separa a produção linguística situada de seu efeito de sentido, o efeito de sentido também se dá pela expressão da forma linguística do texto.

“(...) No caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem” (MARCUSCHI, 2010, p. 49). Se na retextualização ocorrem mudanças na linguagem, e a edição da Cult emprega algum tipo de modificação na linguagem dos textos dos leitores para suas publicações na revista impressa, com a finalidade de aproximar a escrita do leitor da linguagem empregada e intencionada pela revista, o que ocorre parece não deixar de fazer parte de um processo de retextualização.

Algumas realizações linguísticas se relacionam a situações e contextos específicos que, por sua vez, protagonizam a formação do gênero, como são exemplos as seções de contato e de despedida como partes constituintes do gênero carta (ações de linguagem). Na passagem do comentário on-line para o texto impresso na seção do leitor, o que muda é o suporte, a temporalidade, os autores envolvidos e o contexto da publicação. O texto passa do suporte eletrônico para o suporte impresso, do tempo real de leitura e escrita realizado pelo leitor para a leitura realizada por um outro leitor que acessa a revista impressa, e que lê o comentário na edição do mês seguinte. O tempo de textualização para cada uma das versões do texto do leitor é diferente.

No caso do texto impresso, as modificações feitas para sua publicação podem envolver a participação de mais um sujeito, que no caso seriam os editores da revista que procedem às adaptações que consideram necessárias à publicação do texto do leitor, levando-se em conta o veículo, o suporte, a seção e o público-alvo da revista.

Enfim, apresentamos a seguir um quadro que resume algumas das diferenças entre o comentário on-line e o comentário impresso, publicado na seção do leitor.

Quadro 04 – Contexto on-line e impresso do texto do leitor

	Comentário on-line	**Comentário impresso**
Contexto de produção	Produção concomitante à publicação on-line, sem moderação.	Após publicação on-line, edição, publicação impressa.
Contexto de interpretação	Site da revista (após o texto-fonte) ou outros ambientes on-line do veículo.	Revista impressa (mês seguinte à publicação do texto-fonte).
Interação	Leitor e revista, leitor e autor do texto-fonte, **leitor e leitor**.	Leitor e revista, leitor e autor do texto-fonte.
Temporalidade	Produção e publicação imediata.	Após publicação on-line, edição e nova publicação.
Temática	Pode fugir da temática do texto-fonte (discussão entre leitores).	Em torno do texto-fonte e de sua temática.
Disposição gráfica	Comentários expostos um abaixo do outro, sem formatação e sem limitação de espaço.	Textos formatados para caber no espaço específico reservado à seção do leitor.
Fatores de contextualização	Desnecessário retomá-los	Necessário retomá-los
Nome da seção	Comentários	Do leitor → Cartas
Data	Presente	Ausente
Seção de contato (vocativos e saudações)	Presente	Ausente
Seção de despedida	Presente	Ausente

Em síntese, algumas especificidades são diversas dependendo do contexto de produção e de interpretação on-line e impresso dos comentários. Além do tratamento editorial dado aos comentários antes de sua publicação impressa, verificamos que no ambiente on-line, como mencionado anteriormente, ocorre também interação entre os leitores da revista, que podem iniciar um debate e até mesmo mudar de assunto, fugindo da temática do texto-fonte, fomentador inicial do texto do leitor. Esses debates e alguns dos indícios de que eles ocorreram são geralmente apagados na composição da seção do leitor da revista impressa. É interessante notar que os comentários produzidos no

ambiente on-line retomam algumas características do gênero carta, como a data, a seção de contato e de despedida. Esses elementos também são apagados da seção do leitor na revista impressa.

Dessa forma, diante do grande crescimento de textos que circulam em ambientes on-line, observamos uma migração desses textos para os suportes impressos. Junto a essa nova necessidade de contemplar o que circula no contexto eletrônico também nos materiais impressos, pudemos notar um esforço dos editores para a adaptação dos textos a esses diferentes contextos. Ou seja, as novas práticas não somente fazem emergir novos textos e novas formas de interação, mas interferem também nos velhos textos e nos seus modos de constituição.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação buscamos compreender uma nova prática de publicação e circulação de textos de leitores na mídia escrita, em que leitores da revista Cult produzem comentários on-line sobre os textos acessados e lidos no ambiente eletrônico da revista que, por sua vez, seleciona alguns desses comentários, e os publica, com alterações, na seção destinada a cartas de leitores da revista impressa. Ao longo dos capítulos, buscamos verificar se a mudança desses textos de seu suporte original para o ambiente impresso modificaria seu objetivo, seu gênero e o processo de construção de seu sentido. Para tanto, realizamos análises dos comentários on-line bem como dos comentários impressos e procedemos a uma discussão acerca das estratégias envolvidas nas atividades de retextualização ou de reescrita desses textos, a fim de averiguarmos qual dos dois processos predominaria na passagem de um texto para outro.

As alterações observadas nos comentários impressos na Cult parecem estar mais próximas de adequações do que de transformações textuais propriamente ditas, na medida em que podemos identificar a maioria dos procedimentos como ações realizadas em revisões ou mais próximas a revisões textuais. Sabemos também que a modalidade trabalhada é somente a escrita, trata-se da passagem do escrito para o escrito, o que poderia nos levar a pensar que se trata do processo de reescrita. Mas, num sentido diverso, temos a participação de mais de um autor no processo de produção, o leitor autor da versão original do texto e os editores responsáveis pelas alterações realizadas e pela publicação da versão impressa do texto, o que nos encaminharia a um processo de retextualização. Sendo assim, observamos que os procedimentos da passagem do comentário on-line para o texto publicado na seção de cartas da revista impressa abrangem tanto algumas estratégias de retextualização quanto outras de reescrita, mostrando-nos também que esses processos, apesar de suas diferenças, não se excluem, pelo contrário, eles se mesclam e se completam.

Podemos, assim, confirmar a postulação teórica de Fiad (2014), que concebe a reescrita como uma ação inerente ao processo da escrita, englobando essa ação um conjunto de retomadas feitas com a finalidade de ajustar e corrigir inadequações, tanto ortográficas quanto alterações que modificam o significado do texto. A reescrita também modifica o sentido de um texto na medida em que essas adequações proporcionam um texto em que se terá uma nova imagem do produtor desse texto. Entendemos, assim, que tanto a reescrita quanto a retextualização produzem novos efeitos de sentido no texto, sendo que a reescrita seria mais um resultado da revisão, e a retextualização, mais um resultado da produção de um texto a partir de outro já existente, mas de outra modalidade e/ou gênero.

A respeito da hipótese de que a mudança do texto do ambiente on-line para o ambiente impresso modificaria o gênero textual e também de que os procedimentos empregados poderiam ser responsáveis pela modificação do objetivo e do gênero de texto, entendemos que não seria somente a edição realizada ou a mudança de suporte por si só que transformaria o gênero, mas sim toda a nova situação comunicativa possibilitada e realizada por meio da rede eletrônica que provoca novas situações, engendrando novas rotinas que movimentam e motivam a transformação do gênero textual.

Sobre o gênero carta do leitor, entendemos que a sua origem pode ser relacionada, na perspectiva de sua estrutura e de algumas de suas rotinas, ao gênero carta. E, na perspectiva de seu domínio discursivo, ao domínio jornalístico, isto é, ao contexto de surgimento da imprensa. Ainda sobre esse gênero, avaliamos que o texto apresentado na seção de cartas da revista Cult não mais se trata exatamente do gênero carta do leitor. No entanto, mantém-se sua estrutura e suas ações verbais, próprias das cartas de leitores. Apesar de não ser carta de leitor, o texto que compõe a seção de cartas da revista Cult figura como tal, ou seja, interpretamos que a revista utiliza o comentário on-line com a intenção de que ele figure como gênero carta do leitor, numa espécie de atuação deste gênero. O que ocorre é uma tentativa de manutenção da seção da revista destinada à publicação do gênero carta de leitor.

Essa ação, no entanto, não deve ser notada como artificial ou estranha para o processo de produção e compreensão dos gêneros, já que se trata de uma situação real da vida cotidiana de leitores e profissionais do texto. Atuar no sentido de manter o gênero é algo que fazemos pelo simples fato de que conhecemos e agimos textualmente por meio dos gêneros. Nossas ações de linguagem estão relacionadas e, de certa forma, enquadradas pelo conhecimento que possuímos dos gêneros textuais nos quais nos movimentamos linguageiramente, nos relacionamos, nos dizemos, isto é, a nossa vida e o próprio viver se dão por meio da linguagem e pelo modo como a utilizamos, e fazemos isso por meio dos gêneros. Por esse motivo, eles são plásticos, dinâmicos, modificam-se de acordo com nossas atividades (MARCUSCHI, 2010).

As práticas cotidianas podem ser vistas como um encadeamento de reformulações, estamos sempre partindo de uma fala anterior para a produção linguageira corriqueira, atualizando formas e conteúdos referidos. Como bem diz Marcuschi (2010), são vários os eventos linguísticos praticamente corriqueiros em que atividades de retextualização, reformulação, reescrita e transformação de textos estão envolvidas. Com a manifestação do uso real da língua nessa situação discursiva de passagem de um texto para outro, podemos confirmar que a transformação, de acordo com Marcuschi (2010), não é uma questão artificial promovida somente para fins didáticos, mas sim uma atividade comum na vida diária.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979]. p. 261-306.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.).Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Prefácio. In: BAWARSHI, Mary Anis S. *Gênero*: história, teoria, pesquisa, ensino. Tradução Benedito Gomes Bezerra *et al*. São Paulo: Parábola, 2013.

BENFICA, Maria Flor de Maio Barbosa. Retextualização. In: FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M.; BREGUNCI, M. G. C. (Orgs.). *Glossário Ceale*. Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Faculdade de Educação: Belo Horizonte, 2014.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor em sala de aula. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros Textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BONINI, Adair. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. *D.E.L.T.A*., 19: 1, 2003, p. 65-89.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: BRANDÃO, H. N. (Coord.) *Gêneros do discurso na escola*: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2000. – (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 5).

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. 2. ed. Tradução Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2012.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro*: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CORDEIRO, Isabel Cristina. *Argumentação e leitura*: uma relação de complementaridade. 2007. 312 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

CORRÊA, Zulmar Teresinha Barbosa. *O gênero carta do leitor*: análise de exemplares publicados no jornal Folha de S. Paulo. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2008.

D'ANDREA, C. F. B.; RIBEIRO, A. E. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. *Veredas online* – atemática. PPG Linguística. Juiz de Fora, 1/2010, p. 64-74. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-5.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2013.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FABRE, Claudine. Des variantes de brouillon au cours préparatoire. *Études de Linguistique Appliquée*, 62, p. 59-79, Avril-Jun. 1986.

_____. Des variantes du brouillon au cours préparatoire. *Revista Études de Linguistique Appliquée* (E.L.A), n. 62, p. 59-79, 1986. Tradução Cristina Felipeto, Eduardo Calil, Eudes Santos, Kall Anne Amorim.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo:* as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIAD, Raquel Salek. Reescrita. In: FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M.; BREGUNCI, M. G. C. (Orgs.). *Glossário Ceale*. Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Faculdade de Educação: Belo Horizonte, 2014.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pesamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FOLHA DE S. PAULO. *Novo Manual de Redação*. 8. ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1992.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). *Letramento digital* aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M.; BREGUNCI, M. G. C. (Orgs.). *Glossário Ceale*. Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Faculdade de Educação: Belo Horizonte, 2014.

GÊNERO DE DISCURSO. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). *Letramento digital* aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A inter-ação pela linguagem. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, Luis Carlos. *A coerência textual*. 18 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística do texto: o que é como se faz*. Recife: UFPE, 1983, Série Debates 1.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Da fala para a escrita*. Atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Gêneros textuais**:** definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros Textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. *A questão do suporte dos gêneros textuais.* Disponível em: <http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf>. Acesso em: 11 set. 2012.

MARINHO, Janice Helena Chaves. A atuação do onde na articulação discursiva. In: SARAIVA, M.E.F; MARINHO, J. H. C. (Org.). *Estudos da língua em uso: relações inter e intra-sentenciais*. Belo Horizonte: NELU/GREF/FALE/UFMG, 2005.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2^0 sem. 2002.

_____. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*, mar. 2003.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *"Cartas à redação"*: uma abordagem discursiva. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

MENEGASSI, Renilson José. Da revisão a reescrita: operações lingüísticas sugeridas e atendidas na construção do texto. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 49-68, 2001.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Linguística Textual. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas*: a variação do sujeito na escrita informal. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualização, multimodalidade e ensino do português. *III Encontro Nacional sobre Hipertexto*. Belo Horizonte, 29 a 31 de outubro de 2009.

_____. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). *Letramento digital* aspectos

sociais e possibilidades pedagógicas. 3 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

SALGADO, Luciana Salazar. *Ritos genéticos no mercado editorial:* autoria e práticas de textualização. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas 2007.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012. (Coleção linguagem & ensino)

SILVA, Jane Quintiliano G. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta*. Belo Horizonte: Editora PucMinas, v. 1, n. 1, 1999, p. 87-106.

_____. *Um estudo do gênero carta pessoal*: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 2002. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução retextualização*: a tradução numa perspectiva textual. 2 ed. Uberlândia: EDUFU, 2013.

VAN DIJK, Teun A. & KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983 *apud* KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 18 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ANEXO A
Quadro – comentários nas versões on-line e impressa
e procedimentos adotados antes da publicação impressa

* ANPE = abreviação de “Adequação à norma padrão escrita”.

Texto on-line	Procedimentos	Texto impresso
1 A		**1 B**
Gildson Gomes Dos Santos – um mês atrás Essa mulher é fantástica: inteligente, honesta, ousada e bela. Em meus 40 e uns anos, é a primeira entrevista sincera que leio. Embora não o seja, não vejo o fato de Ivana declarar-se petista como algo que possa depreciar suas ideias. Pelo contrário, Bentes fizera o que pouco se faz no Mundo: explicitar a própria identidade. A única ressalva que faço às opções de Ivana diz respeito a seu silêncio sobre a desbragada corrupção do seu partido. Concordo com a Brava Cabocla a respeito dos avanços sociais da Era petista e dos retrocessos também. Na verdade, o que me constrange é ver Lula e Dilma abraçando e cochichando nos ouvidos pútridos de correligionários e aliados políticos como Maluf, Sarney, Fernando Collor e de Renan Calheiros. Isso de fato me dá nojo. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2014/03/respeitosamente-vandala/ >. Acesso em: mar. 2014	- Eliminação de imagem - Eliminação de trecho textual (exemplo e elementos de atualidade) - Eliminação de imagem	ENTREVISTA IVANA BENTES Essa mulher é fantástica: inteligente, honesta, ousada e bela. Em meus 40 e uns anos, é a primeira entrevista sincera que leio. Embora não o seja, não vejo o fato de Ivana declarar-se petista como algo que possa depreciar suas ideias. Pelo contrário, Bentes fizera o que pouco se faz no Mundo: explicitar a própria identidade. A única ressalva que faço às opções de Ivana diz respeito a seu silêncio sobre a desbragada corrupção do seu partido. *Gidson Gomes dos Santos* Cult 189
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
2 A		**2 B**
Leusa Araujo – 2 meses atrás Norval cada vez mais lúcido, daí as idéias claras e as escolhas certas. Há muito se dedica a pensadores fora do "eixo". Parabéns. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2014/02/a-caixa-preta/>. Acesso em: mar. 2014	- Inserção de sobrenome do professor citado no comentário	DOSSIÊ VILÉM FLUSSER Norval Baitello Júnior cada vez mais lúcido, daí as idéias claras e as escolhas certas. Há muito se dedica a pensadores fora do “eixo”. Parabéns. *Leusa Araujo* Cult 188
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
3 A		**3 B**

Guilherme Diniz O Flusser era um autodidata que, por não ter diploma de filosofia, não foi aceito no seleto círculo de intelectuais uspianos. Aí foi pra Alemanha e foi reconhecido como uma das mentes filosóficas mais originais das últimas décadas. Isso mostra bem o que é o ensino superior no Brasil. **4 de fevereiro às 18:48 · Curtir · 11** Disponível em: <https://www.facebook.com/revistacult>. Acesso em: mar. 2014	- (ANPE) → ortografia	DOSSIÊ VILÉM FLUSSER O Flusser era um autodidata que, por não ter diploma de filosofia, não foi aceito no seleto círculo de intelectuais uspianos. Aí foi para a Alemanha e foi reconhecido como uma das mentes filosóficas mais originais das últimas décadas. Isso mostra bem o que é o ensino superior no Brasil. *Guilherme Diniz* Cult 188
Texto on-line **4 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **4 B**
Tamara Mekhitarian Primeira vez que vejo o Flusser sendo reconhecido em um meio de comunicação mais abrangente! Uma pena que os estruturalistas franceses não tenham dado espaço para ele na Usp. 4 de fevereiro às 21:39 · Curtir · 3 Disponível em: <https://www.facebook.com/revistacult>. Acesso em: mar. 2014	- Inserção de título do dossiê - Sem alteração textual	DOSSIÊ VILÉM FLUSSER Primeira vez que vejo o Flusser sendo reconhecido em um meio de comunicação mais abrangente! Uma pena que os estruturalistas franceses não tenham dado espaço para ele na USP. *Tamara Mekhitarian* Cult 188
Texto on-line **5 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **5 B**
José Expedito Dos Santos • 4 meses atrás De ante-mão, sou leigo, mas pude perceber que, até "Originalidade do Pensamento Franciscano" havia o urgente equilíbrio entre fé e razão. Depois, nem sei que nome doar; prezo pela preocupação quanto ao preço que pode custar para a razão receber essa doação. À parte, até onde citei, o texto é impecável. Apontar a covardia do eu condicionado á existência do não eu, foi um grande gesto de coragem; algo que deveria ser muito comum. Responder Compartilhar › Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/12/na-fonte-do-pensamento-franciscano/>. Acesso em: fev. 2014	- ANPE → ortografia - ANPE → pontuação - ANPE → digitação	De antemão, sou leigo, mas pude perceber que até "Originalidade do Pensamento Franciscano" havia o urgente equilíbrio entre fé e razão. Depois, nem sei que nome doar; prezo pela preocupação quanto ao preço que pode custar para a razão receber essa doação. À parte, até onde citei, o texto é impecável. Apontar a covardia do eu condicionado à existência do não eu, foi um grande gesto de coragem; algo que deveria ser muito comum. *José Expedito dos Santos* Cult 187
Texto on-line **6 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **6 B**
Não mais disponível no ambiente on-line no momento da consulta para	O comentário foi apagado do facebook. Foi possível verificar isso porque outro leitor fez	DOSSIÊ: JUDITH BUTLER, FEMINISMO COMO PROVOCAÇÃO

coleta do *corpus*.	referência ao comentário do leitor Wladmir Decastro no ambiente on-line.	Amo cada vez mais gente, sobretudo mulheres que recusam enquadramentos banais, propostas emburrecedoras e maniqueístas, sejam elas seculares ou religiosas. Amo cada vez mais gente como Judith Butler e cada vez mais, gente como Simone de Beauvoir, mulheres contemporâneas que não abandonam suas potências, força, inteligência e vontade própria em nome de uma bobagem qualquer posta pelas "modinhas" ou o que valha. Se me permitem, genuinamente, não dizer amém aos dogmas medievais, medianos, tão ao gosto dos que querem manter – a qualquer custo – ladainhas calcificadas nas mentiras, justificadoras de injustiças e opressão milenares. E que ainda hoje nos são vendidas – com novas roupagens – como destinos e verdades supostamente irrecusáveis. *Wladmir Decastro* Cult 186
Texto on-line **7 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **7 B**
Rui Marangoni Faço minhas as belas palavras do Decastro, tb sou um entusiasta pelo "ser humano mulher", me encanta e me enche de orgulho sempre que me defronto com mulheres maravilhosas e encantadoras como; Judith Butler, Lou Andreas-Salomé, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt e tantas outras que tanto contribuíram e continuam contribuindo para o fortalecimento diante de tanta opressão e injustiças, que como ele diz, é milenar. Amo de paixão esta gente! 17 de novembro de 2013 às 18:30 · Curtir · 1 Disponível em: <https://www.facebook.com/revistacult?fref=ts>. Acesso em: fev. 2014.	- Eliminação de trecho textual que dialoga com o comentário (6 A)do leitor Wladmir Decastro. - ANPE → regência nominal - Eliminação de trecho (condensação) - Eliminação trecho textual que faz referência/dialoga com o comentário (6 A) do leitor Wladmir Decastro - Eliminação de trecho (manifestação afetiva)	Sou um entusiasta do "ser humano mulher", me encanta e me enche de orgulho sempre que me defronto com mulheres maravilhosas e encantadoras como Judith Butler, Lou Andreas-Salomé, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt e tantas outras que tanto contribuíram para o fortalecimento diante de tanta opressão e injustiças. *Rui Marangoni* Cult 186
Texto on-line **8 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **8 B**
Leandro Bastos • 7 meses atrás Gostei muito do artigo, explica	- Inserção do nome do autor do artigo	Gostei muito do artigo de Vladimir Safatle. Explica exatamente a situação que a psiquiatria chegou

exatamente a situação que a psiquiatria chegou atualmente. Hoje, qualquer desvio comportamental é classificado como uma síndrome. Se uma criança é ativa, feliz, falante, deve ser tratada. Se ela é tímida e quieta, deve ser tratada, entre outros exemplos. E afinal, fica a pergunta: a quem tanto interessa a indicação de tratamentos com medicamentos que não tem previsão de conclusão? Às pessoas ditas "doentes" ou aos laboratórios farmacêuticos? Responder Compartilhar › Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/10/o-poder-da-psiquiatria/>. Acesso em: 20 nov.. 2013.	- ANPE → pontuação - ANPE → pontuação - Eliminação de imagem	atualmente. Hoje, qualquer desvio comportamental é classificado como uma síndrome. Se uma criança é ativa, feliz, falante, deve ser tratada. Se ela é tímida e quieta, deve ser tratada, entre outros exemplos. E, afinal, fica a pergunta: a quem tanto interessa a indicação de tratamentos com medicamentos que não têm previsão de conclusão? Às pessoas ditas "doentes" ou aos laboratórios farmacêuticos? *Leandro Bastos* Cult 185
Texto on-line **9 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **9 B**
Cristian Korny • 7 meses atrás Essa edição 184 da CULT foi a primeira que comprei e fiquei de olho nas banca para a chegada dela. Isso sim é um tema de interesse público e cultural também. Não apenas na distinção e discussão entre Símbolo (expressão objetiva artística) e Sintoma (linguagem pragmática e funcional do dia-a-dia), mas também em se levar em conta como, nos dias de hoje, todos têm medo de sentir, de ter sentimentos, de se mostrarem sensíveis, pois corremos o risco de testemunharmos sobre nós essa criação performativa nas quais um sujeito se insere ao ser sabido de seu estigma ("doença")... ...e ao qual poucos têm coragem de confrontar. Ao contrário, ninguém está livre desses dispositivos de controle, apenas não se dão conta por que esperam que a televisão dê a notícia para acreditarem. Coisa que nunca será feita. No âmbito do quem interessados. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/10/o-poder-da-psiquiatria/>. Acesso em: 23 dez. 2014	- ANPE → concordância - ANPE → ortografia - Idem - Eliminação de estrutura truncada - Eliminação de imagem	Essa edição 184 da CULT foi a primeira que comprei e fiquei de olho nas bancas para a chegada dela. Isso sim é um tema de interesse público e cultural também. Não apenas na distinção e discussão entre Símbolo (expressão objetiva artística) e Sintoma (linguagem pragmática e funcional do dia a dia), mas também em se levar em conta como, nos dias de hoje, todos têm medo de sentir, de ter sentimentos, de se mostrarem sensíveis, pois corremos o risco de testemunharmos sobre nós essa criação performativa na qual um sujeito se insere ao ser sabido de seu estigma ("doença")... ...e ao qual poucos têm coragem de confrontar. Ao contrário, ninguém está livre desses dispositivos de controle, apenas não se dão conta porque esperam que a televisão dê a notícia para acreditarem. Coisa que nunca será feita. *Cristian Korny* Cult 185
Texto on-line **10 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **10 B**
José Expedito Dos Santos • 7 meses atrás Excelente matéria! Este debate pode facilmente se tornar ponta de lança contra o "mal maior" das sociedades	- Inserção de título da matéria referenciada (identificação de referente)	Excelente matéria "Fora do Cânone"! Quando os ditos intelectuais, formadores de opinião pública, veem "classes de outros" como mera função sócio

em geral, qual seja a indiferença ao outro diferente! D'onde resulta todo tipo de violência de indivíduos contra indivíduos, desde o mais sutil preconceito, até a maioria dos latrocínios. A situação se agrava a cada dia, das indiferenças individuais - onde pessoas "normais" matam suas famílias, companheiros de atividades ou se suicidam sem qualquer sinal de fracasso social - até às indiferenças sociais, quando observamos atônitos, embora tantos avanços a todas as instâncias culturais, ainda convivemos com a existência da falta de saneamento básico em riquíssimas cidades e suas consequências para a saúde, a corrupção como processo endêmico e a violência gratuita como catarse justamente a essa indiferença generalizada. Quando os ditos intelectuais, formadores de opinião pública, vêem 'classes de outros' como mera função sócio antropológica, deixam de ser intelectuais e formadores de opinião, para se tornarem indecentes perpetuadores do mal; logo porque o mal da civilização não se divide em melhor ou pior. É isso aí, Revista Cult, não basta ser brava, limitada a um conceito excludente. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/foa-do-canone/>. Acesso em: 17 out. 2013	- Grande corte inicial (condensação) - ANPE → ortografia - Normalização gráfica - ANPE → pontuação - Marcação de parágrafos - Eliminação de imagem	antropológica, deixam de ser intelectuais e formadores de opinião, para se tornarem indecentes perpetuadores do mal; logo porque, o mal da civilização não se divide em melhor ou pior. É isso aí, Revista CULT, não basta ser brava, limitada a um conceito excludente. *José Expedito Dos Santos* 184
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
11 A		**11 B**
Fernando Teixeira Barbosa Teba • 8 meses atrás Esse tipo de entrevista está um nível acima da compreensão de muitos extremistas. Creio que antes de criticar ou elogiar devíamos fazer um quadro de como ainda existe vida inteligente pensando o Brasil. Independentemente de visão filosófica ou política, deve-se saber apreciar e re conhecer a inteligência alheia. Essa mulher tem o meu respeito! Responder Compartilhar › Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/08/marilena-chaui-fala-sobre-o-pt/>. Acesso em 16 set. 2013	- ANPE → pontuação - Manutenção de trecho referente ao diálogo/embate que se deu nos comentários on-line	Esse tipo de entrevista está um nível acima da compreensão de muitos extremistas. Creio que antes de criticar ou elogiar, devíamos fazer um quadro de como ainda existe vida inteligente pensando o Brasil. Independentemente de visão filosófica ou política, deve-se saber apreciar e reconhecer a inteligência alheia. Essa mulher tem o meu respeito! *Fernando Teixeira Barbosa Teba* 183
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**

12 A		12 B
• **Flávio Bertelli |** 11/07/2013 Gilson. Magnífico texto. A genialidade e a extensão do texto de Freud não se esgota nas discussões de seus discípulos mais próximos, ou de Lacan. Ela se evidencia, ainda bem, pela sua profundidade em atingir várias áreas do conhecimento, visto que Freud, com sua obra, é cada vez mais chamado para os debates na contemporaneidade. Nesse ponto, a analogia com Marx é notável, quando comparamos 'o sonho é a realização do desejo', com o 'a prática é o único critério da verdade'. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/a-lingua-de-freud-e-a-nossa/>. Acesso em 16 set. 2013	- Substituição de palavra - Inserção de sobrenome do autor referido no comentário - Reformulação (tornar mais formal e menos pessoal) - Normalização gráfica	Magnífico o artigo de Gilson lannini. A genialidade e a extensão do texto de Freud não se esgota nas discussões de seus discípulos mais próximos, ou de Lacan. Ela se evidencia, ainda bem, pela sua profundidade em atingir várias áreas do conhecimento, visto que Freud, com sua obra, é cada vez mais chamado para os debates na contemporaneidade. Nesse ponto, a analogia com Marx é notável, quando comparamos "o sonho é a realização do desejo" com "a prática é o único critério da verdade". *Flávio Bertelli* Cult 182
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
13 A		**13 B**
• **Carlos Eduardo O.Gouveia |** 17/07/2013 A tradução de Freud precisa ser estudada profundamente pois sua obra é complexa e mesmo sendo uma literatura excelente não podemos nos esquecer de que é dedicada à compreensão da alma humana. Sua tradução não pode ser feita por quem apenas domina o alemão. O dossiê está correto. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/%E2%80%9Cesperando-freud%E2%80%9D-ou-%E2%80%9Cpsicanalistas-a-procura-de-um-autor%E2%80%9D/>. Acesso em: 16 set. 2013.	- ANPE → pontuação - Idem	A tradução de Freud precisa ser estudada profundamente, pois sua obra é complexa e mesmo sendo uma literatura excelente, não podemos nos esquecer de que é dedicada à compreensão da alma humana. Sua tradução não pode ser feita por quem apenas domina o alemão. O dossiê está correto. Cult 182
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
14 A		**14 B**
Lílian Martins Escritor excepcional que mantém a simplicidade e a gentileza em cada gesto!! 11 de julho de 2013 às 12:45 · Curtir · 2 Disponível em: <https://www.facebook.com/revistacult?fref=ts>. Acesso em 17 ago. 2013	- Reformulação com inserção de nome do escritor referido (transforma frase nominal em frase verbal) - ANPE → pontuação	Ronaldo Correia de Brito é um escritor excepcional, que mantém a simplicidade e a gentileza em cada gesto! *Lílian Martins* Cult 182
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
15 A		**15 B**
• **José Rada Neto |** 21/06/2013	- Normalização	15 Finalmente a CULT "descobriu"

Finalmente a Cult “descobriu” que o Agamben existe!! Antes tarde do que nunca… Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/06/agamben-e-a-indiferenca/> Acesso em: 17 ago. 2013	- Pontuação	que o Agamben existe! Antes tarde do que nunca... Cult 181
Texto on-line **16 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **16 B**
Marilene Penha um pensador que traz a filosofia em todos as dimensões do humano! 11 de junho de 2013 às 16:28 · Curtir · 1 Disponível em: <https://www.facebook.com/revistacult?fref=ts>. Acesso em 17 ago. 2013	- ANPE → ortografia - ANPE → digitação	Dossiê Um pensador que traz a filosofia em todas as dimensões do humano! Cult 181
Texto on-line **17 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **17 B**
• **Ana Laura G. Kovács |** 25/06/2013 Excelente texto, e com certeza, uma profunda reflexão de nosso comportamento atual. Esse culto ao vazio, a luz do celular substituindo o “calor”da chama de uma vela, a promessa de “interação” pessoal na auto suficiência da pessoa-celular, tem sido fontes de muito sofrimentos da “alma”! Ainda estamos ‘engatinhando” nessa era digital, tal como crianças, ainda não conseguimos usufruir do brinquedo novo, dosando o lado bom e o lado ruim!Assim caminha a humanidade! Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/06/celular-e-reza/> Acesso em: 17 ago. 2013.	- ANPE → ortografia - ANPE → concordância (mesmo com a correção, falta concordância) - ANPE → Pontuação	17 Excelente texto, e com certeza uma profunda reflexão sobre nosso comportamento atual. Esse culto ao vazio, a luz do celular substituindo o “calor” da chama de uma vela, a promessa de “interação” pessoal na autossuficiência da pessoa-celular, tem sido fonte de muito sofrimentos da “alma”! Ainda estamos “engatinhando” nessa era digital; tal como crianças, ainda não conseguimos usufruir do brinquedo novo, dosando o lado bom e o lado ruim! Assim caminha a humanidade! *Ana Laura G. Kovacs* Cult 181
Texto on-line **18 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **18 B**
• **Cleusa Rizério |** 25/06/2013 É a exata dimensão do que estamos vivendo no momento: a reprodução do nada nas comunicações entre pessoas. Como é possível você estar com alguém, e os celulares e suas teclas terem som e reprodução maior que sua voz, sua presença física, sua alma; estou cansada de ser substituída por esses aparelhinhos estéreis; sim, estéreis mesmo porque não produzem contato com ninguém,	- ANPE → pontuação	É a exata dimensão do que estamos vivendo no momento: a reprodução do nada nas comunicações entre pessoas. Como é possível você estar com alguém, e os celulares e suas teclas terem som e reprodução maior que sua voz, sua presença física, sua alma? – estou cansada de ser substituída por esses aparelhinhos estéreis; sim, estéreis mesmo porque não produzem contato com ninguém, só um afastamento abissal.

só um afastamento abissal. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/06/celular-e-reza/> Acesso em: 17 ago. 2013		Cleusa Rizério Cult 181
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
19 A		**19 B**
• **Julio Cesar Bastianik Alves |** **20/05/2013** Olá Caros amigos da Revista Cult. Gostaria de parabenizá-los pelo excelente conteúdo da nova revista publicada. O trabalho da Cult mostra-se como um jornalismo cultural de excelente qualidade, tendo sempre como fundamento artigos escritos por intelectuais gabaritados, que reforçam o enorme prestígio dessa publicação. Parabéns pelo grandioso trabalho!! Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/05/bicentenario-de-nascimento-de-kierkegaard/> Acesso em 30 jul. 2013.	- Eliminação de seção de contato - ANPE → pontuação	Gostaria de parabenizá-los pelo excelente conteúdo da nova revista publicada. O trabalho da Cult mostra-se como um jornalismo cultural de excelente qualidade, tendo sempre como fundamento artigos escritos por intelectuais gabaritados, que reforçam o enorme prestígio dessa publicação. Parabéns pelo grandioso trabalho! Cult 180
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
20 A		**20 B**
• **Pedro R. Lyon |** **13/05/2013** Um dossiê acadêmico.Percebo que cada vez mais é esse o caminho da revista e apoio a coragem de colocar em bancas artigos tão densos.Espero que exista gente preparada pra tanto conteúdo! Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/05/bicentenario-de-nascimento-de-kierkegaard/> Acesso em 30 jul. 2013.	- Sem alteração textual	Um dossiê acadêmico. Percebo que cada vez mais é esse o caminho da revista e apoio a coragem de colocar em bancas artigos tão densos. Espero que exista gente preparada pra tanto conteúdo! Cult 180
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
21 A		**21 B**
• **Alex Pinheiro |** **14/05/2013** Alguém poderia presentear, Marcos Feliciano e Silas Malafaia, com a edição desse mês. Belíssimo artigo de Jonas Roos. Agradável e esclarecedor texto sobre fé. Um alento em tempos em que esses irresponsáveis deturpam a fé. Obrigado. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/05/bicentenario-de-nascimento-de-kierkegaard/> Acesso em 30 jul. 2013.	- ANPE → pontuação - Eliminação de seção de despedida	Alguém poderia presentear Marco Feliciano e Silas Malafaia com a edição desse mês. Belíssimo artigo de Jonas Roos. Agradável e esclarecedor texto sobre fé. Um alento em tempos em que esses irresponsáveis deturpam a fé. Cult 180
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
22 A		**22 B**
• **SIEGFRIED FUCHS |** **26/05/2013** Para mim, a arte tem os valores	- Eliminação de trecho textual (tornar impessoal)	A arte tem os valores considerados padrão. Se você expressa seus valores, você é

considerados padrão. Se vc expressa seus valores vc é honesto. Mas aí há um problema, o "homem" atual não é mais o domesticado humanizado, mas o produto mercadoria. Nos tornamos a mercadoria que se compra e vende. O gosto é comercial. E ficou tudo falso. A nossa essencia sofre para se manifestar. A crueldadeszinhas fazem a festa emocionalista. Pra que ser racional, se o dominante é o empirismo irracional? Nós somos levados pela cultura e pela economia. Nesse meio, no entanto, ainda podemos nos expressar. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/05/esteticamente-correto/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- ANPE → ortografia Idem - ANPE → pontuação - ANPE → ortografia Idem - ANPE → concordância - ANPE → ortografia	honesto. Mas aí há um problema, o "homem" atual não é mais o domesticado humanizado, mas o produto-mercadoria. Nos tornamos a mercadoria que se compra e vende. O gosto é comercial. E ficou tudo falso. A nossa essência sofre para se manifestar. As crueldadezinhas fazem a festa emocionalista. Pra que ser racional, se o dominante é o empirismo irracional? Nós somos levados pela cultura e pela economia. Nesse meio, no entanto, ainda podemos nos expressar. Cult 180
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
23 A		**23 B**
• **Marcello Peixoto Bax | 19/05/2013** Parabéns pelo Dossiê. É uma alegria encontrar numa revista de grande circulação tão profundas reflexões. Em especial se o fato se dá no Brasil. Existe público para a filosofia de boa qualidade. Fantástico. É a esperança que vocês transformaram em vontade! que venham muitas outras matérias como esta. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/05/bicentenario-de-nascimento-de-kierkegaard/> Acesso em 30 jul. 2013.	- Eliminação de trecho textual (manifestação afetiva)	Parabéns pelo Dossiê. É uma alegria encontrar numa revista de grande circulação tão profundas reflexões. Em especial se o fato se dá no Brasil. Existe público para a filosofia de boa qualidade. Fantástico. É a esperança que vocês transformaram em vontade! Cult 180
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
24 A		**24 B**
• **Tahan Y Badowi |** 17/04/2013 FELICITO A TODOS PELA CAPA MARAVILHOSA E POR TRAZEREM À PAUTA O POETA RIMBAUD.SÓ A CULT PODE FAZER ISSO.VIDA LONGA Á REVISTA! Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/04/e-hora-de-ler-rimbaud/> Acesso em: 17 ago. 2013.	- Normalização gráfica - Idem - ANPE → digitação	24 Felicito a todos pela capa maravilhosa e por trazerem à pauta o poeta Rimbaud. Só a CULT pode fazer isso. Vida longa à revista! Cult 179
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
25 A		**25 B**
• **Stanley Constantino |** 18/04/2013 Sociedade infestada por ideias de consumo compulsivo, onde você é o que você possui, como se isso fosse uma lei, uma forma de poder sobre os que não possuem, atitudes como eu posso mais porque meu carro é	- ANPE → uso do pronome - Eliminação de palavra (repetição) - ANPE → Pontuação	Sociedade infestada por ideias de consumo compulsivo, em que você é o que possui, como se isso fosse uma lei, uma forma de poder sobre os que não possuem. Atitudes como "eu posso mais porque meu carro é mais caro e mais potente que o seu" são

mais caro e mais potente que o seu são vista todos os dias no transito, e ai de alguém ir contra e querer medir forças, são capazes de matar pra provar isso, sai da frente!! Aleijados incapazes de saírem das suas cadeiras de rodas motorizadas e irem na padaria da esquina a pé ou usarem a bicicleta como meio de transportes, isto seria humilhante demais?? Pois como irão mostrar o que são sem um bem para intimidar. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/04/mania-de-carrao/> Acesso em 17 ago. 2013.	- Inserção de aspas (marcar voz ou discurso do outro) - ANPE → concordância - ANPE → emprego de forma verbal - Eliminação de trecho textual (condensar)	vistas todos os dias no trânsito, e ai de alguém for contra e querer medir forças. Cult 179
Texto on-line **26 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **26 B**
• **Cinthya N.Ferrari	15/01/2013** Parabenizo a revista pelo edição do Dossiê A alma humana e o alto nível dos textos publicados. Atenciosamente professora Cinthya Noblask Ferrari. Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2013/01/a-nada-santa-alma-freudiana/>. Acesso em: 30 jul. 2013.	- ANPE → digitação - Normalização gráfica - Eliminação de seção de despedida	Parabenizo a revista pela edição do Dossiê "A alma humana" e o alto nível dos textos publicados. *Profª Cinthya Noblask Ferrari* Cult 176
Texto on-line **27 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **27 B**
• **Vinícius Parenza	21/12/2012** Acredito que há diversos motivos para que as massas busquem comprar os best sellers. O consumismo sim é um dos principais fatores impulsivos para esta compra desenfreada. Porém, gostaria eu de questionar àquelas pessoas que têm a leitura como uma forma de evoluir e pensar, não apenas na tentativa de saciar seu desejo humano de fazer parte da audiência, quanto ao lado positivo desta leitura. Não seria esta leitura um modo, uma chance de a beleza das palavras convencesse, incentivasse uma massa a ler e assim, com o passar do tempo criasse gosto, um hábito de leitura? Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/12/a-lista-dos-mais- vendidos/>. Acesso em: 30 jul. 2013	- ANPE → ortografia - ANPE → pontuação - ANPE → uso do pronome - ANPE → emprego de forma verbal - Idem	Acredito que há diversos motivos para que as massas busquem comprar os best-sellers. O consumismo, sim, é um dos principais fatores impulsivos para esta compra desenfreada. Porém, eu gostaria de questionar àquelas pessoas que têm a leitura como uma forma de evoluir e pensar, não apenas na tentativa de saciar seu desejo humano de fazer parte da audiência, quanto ao lado positivo desta leitura. Não seria esta leitura um modo, uma chance de a beleza das palavras convencer, incentivar uma massa a ler e assim, com o passar do tempo criasse gosto, um hábito de leitura? Cult 176
Texto on-line **28 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **28 B**
• **Andressa Monteiro	29/12/2012** Márcia, que artigo ótimo! Adorei a forma que você expôs as suas	- Eliminação de trecho textual (manifestação afetiva)	Ler livros é sempre bom. Mas ler livros de qualidade, redigidos por quem realmente se importa com o conteúdo, é ainda melhor. É de

ideias. Ler livros é sempre bom. Mas, ler livros de qualidade, redigidos por quem realmente se importa com o conteúdo, é ainda melhor. É de suma importância que cada vez mais as pessoas desenvolvam o hábito de ler, porém de forma crítica. Parabéns! Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/12/a-lista-dos-mais-vendidos/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- ANPE → pontuação	suma importância que cada vez mais as pessoas desenvolvam o hábito de ler, porém de forma crítica. Parabéns!
Texto on-line **29 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **29 B**
• **Álder Teixeira	20/12/2012** Há tempos não lia um artigo tão lúcido, destituído de vícios ideológico-partidários e voltado para a raiz da 'discussão', como no caso em que levanta a questão "ser ou não ser" da Democracia! Oportuno, num momento em que o STF pisa o texto Constitucional, a exemplo do que fez em relação ao Congresso Nacional. Que bom, seria, se o texto alcançasse um número maior de leitores! Parabéns à CULT e ao articulista! Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/12/a-democracia-que-nao-veio/> Acesso em: 30 jul. 2013	- Normalização - ANPE → pontuação - Eliminação de trecho textual (exemplo e atualidade)	Há tempos não lia um artigo tão lúcido, destituído de vícios ideológico-partidários e voltado para a raiz da "discussão", como no caso em que levanta a questão "ser ou não ser" da Democracia. Que bom, seria, se o texto alcançasse um número maior de leitores! Parabéns à CULT e ao articulista! Cult 176
Texto on-line **30 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **30 B**
• **Cinthya N.Ferrari	20/11/2012** O dossiê está excelente. Meus alunos aproveitaram bastante, assim como os outros professores. Parabéns. Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2012/11/o-real-e-a-verdade-do-sofrimento/ > Acesso em: 30 jul. 2013.	- Sem alteração textual	O dossiê está excelente. Meus alunos aproveitaram bastante, assim como os outros professores. Parabéns. Cult 175
Texto on-line **31 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **31 B**
• **Bob Siqueira	19/11/2012** Postei ontem em meu facebook a seguinte questão: O que eu entendo com "sentido" da vida, onde fiz a seguinte observação: "O sentido mais próximo e imediato de nossa vida é o sofrimento. Nossa receptividade para a dor é quase infinita. É a infelicidade em geral que é a regra. O caminho da felicidade é estreito".	- Eliminação de trecho textual (referência a próprio comentário feito em ambiente on-line) - ANPE → Digitação	O sentido mais próximo e imediato de nossa vida é o sofrimento. Nossa receptividade para a dor é quase infinita. É a infelicidade em geral que é a regra. O caminho da felicidade é estreito. No meu entender, muitas interpretações psicanalíticas, lacanianas ou não, tentam explicar, mas não são conclusivas sobre o sofrimento e a miserável condição humana (dos que

No meu entender, muitas interpretações psicalíticas lacanianas ou não tentam explicar, mas não são conclusivas sobre o sofrimento e a miserável condição humana (dos que sofrem). Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2012/11/o-real-e-a-verdade-do-sofrimento/ > Acesso em: 30 jul. 2013.		sofrem). Cult 175
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
32 A		**32 B**
• **Bernadete Maia | 10/11/2012** Ótima resenha. Aumentou minha ansiedade para ler essas 422 págs! Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/11/barbas-de-molho/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- ANPE → ortografia	Ótima resenha. Aumentou minha ansiedade para ler essas 422 páginas! Cult 175
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
33 A		**33 B**
• **Lucas Petry Bender | 20/11/2012** Parabéns pela resenha, bem equilibrada. Estou prestes a iniciar a terceira e última parte, e sinto cada vez mais prazer com a leitura, densa, nítida, segura, íntima, e gradualmente tensa. Há um sabor pra lá de especial para quem, como tantos gaúchos, conhece o litoral catarinense; Garopaba é destino frequente no verão, e vê-la tão nitidamente retratada, bem como o seu universo cultural, é coisa que amplifica o prazer da leitura. Além disso, é o primeiro romance que leio em que o personagem consulta o facebook, inclusive com a reprodução das mensagens, o que tem lá o seu charme, pra fincar forte os pés na cultura atual. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/11/barbas-de-molho/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- Sem alteração textual	Parabéns pela resenha, bem equilibrada. Estou prestes a iniciar a terceira e última parte, e sinto cada vez mais prazer com a leitura, densa, nítida, segura, íntima, e gradualmente tensa. Há um sabor pra lá de especial para quem, como tantos gaúchos, conhece o litoral catarinense; Garopaba é destino frequente no verão, e vê-la tão nitidamente retratada, bem como o seu universo cultural, é coisa que amplifica o prazer da leitura. Além disso, é o primeiro romance que leio em que o personagem consulta o facebook, inclusive com a reprodução das mensagens, o que tem lá o seu charme, pra fincar forte os pés na cultura atual. Cult 175
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
34 A		**34 B**
• **Leandro dos Santos Dias |** 22/10/2012 Eu não acho que a existência do preconceito em Lobato deva ser o objeto de discussão. Que ele era preconceituoso fica claro em sua biografia (basta verificar sua troca de correspondências com Renato Kehl e Arthur Neiva, numa das quais chega a exaltar a Ku Klux Klan) e também, por consequência, em sua	- Eliminação de pronome pessoal desnecessário - ANPE → pontuação - Eliminação de qualificador (condensar) - Normalização - Eliminação de trecho	Não acho que a existência do preconceito em Lobato deva ser o objeto de discussão. Que ele era preconceituoso fica claro em sua biografia (basta verificar sua troca de correspondências com Renato Kehl e Arthur Neiva, numa das quais chega a exaltar a Ku Klux Klan) e também em sua obra (basta ler com atenção o controverso *Caçadas de Pedrinho* ou *O Presidente Negro*). A grande

obra (basta ler com atenção o controverso "Caçadas de Pedrinho" ou o romance adulto "O Presidente Negro"). Creio que o preconceito de Lobato é ponto pacífico. A grande discussão, essa sim digna de atenção, é se o preconceito presente nessas obras deve ser motivo de censura ou mote para a discussão da questão racial no Brasil. Meu pendor é para a segunda opção. A censura não deve ser uma opção. A presença do racismo na obra de Lobato e sua escolha e manutenção na lista de indicações para leitura escolar dá uma excelente oportunidade aos professores de colocar o assunto na ordem do dia. Isso é importantíssimo no país que tem "o preconceito de não ter preconceito". Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/10/28054/> Acesso em: 30 jul. 2013.	(manifestação afetiva) - Eliminação de trecho textual (explicação) - Substituição (o preconceito presente nessas obras – esse preconceito)	discussão é se esse preconceito deve ser motivo de censura ou mote para a discussão da questão racial no Brasil. Meu pendor é para a segunda opção. A censura não deve ser uma opção. A presença do racismo na obra de Lobato e sua escolha e manutenção na lista de indicações para leitura escolar dá uma excelente oportunidade aos professores de colocar o assunto na ordem do dia. Isso é importantíssimo no país que tem "o preconceito de não ter preconceito". Cult 174
Texto on-line **35 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **35 B**
• **Elizangela Tiago da Maia |** 11/10/2012 Por que não se discute uma política nacional efetiva de formação continuada permanente aos professores e bibliotecários, de forma que contribuam para a formação de leitores críticos? Garantir formação em serviço,incentivo financeiro e mais tempo para estudo e planejamento, já que em grande parte dos estados, nem sequer a redução da jornada, como prevê a Lei do Piso do Magistério foi implanda.Com certeza censurar, que é um retrocesso e notinhas de rodapé, não seriam o caminho. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/10/28054/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- Inserção (modalizar) - Eliminação de trecho textual (exemplo, explicação,) - Eliminação de trecho textual (explicação) ANPE → concordância verbal ANPE → emprego verbal	Por que não se discute uma política nacional efetiva de formação continuada permanente aos professores e bibliotecários, de forma que contribuam para a formação de leitores críticos? É preciso garantir formação em serviço, incentivo financeiro e mais tempo para estudo e planejamento, já que em grande parte dos estados nem sequer a redução da jornada foi implantada. Com certeza censurar não é o caminho. Cult 174
Texto on-line **36 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **36 B**
• **Henrique Szklo |** 19/10/2012 Com relação à inscrição gratuita, existe uma praxe no mercado de eventos que é considerar que apenas metade dos inscritos comparecerão. Ministrando palestras em todo o Brasil pude comprovar com assombro que a estatística está correta. Certa vez realizei uma	- Eliminação de trecho textual (tornar mais formal)	Com relação à inscrição gratuita, existe uma praxe no mercado de eventos que é considerar que apenas metade dos inscritos comparecerão. Ministrando palestras em todo o Brasil pude comprovar com assombro que a estatística está correta. Certa vez realizei uma experiência: solicitar

experiência: solicitar o cancelamento da inscrição caso não pudesse comparecer. O argumento era o número limitado de vagas. “Se você não puder comparecer nos avise para que possamos oferecer sua vaga para outra pessoa interessada”. Resultado: não mudou nada. Só veio metade dos inscritos. Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2012/10/cultura-do-logro/ > Acesso em: 30 jul. 2013.		o cancelamento da inscrição caso não pudesse comparecer. O argumento era o número limitado de vagas: não mudou nada. Só veio metade dos inscritos.
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
37 A		**37 B**
• **Camila Chagas Simões Delgado |** 18/10/2012 Ler Márcia Tiburi é o gozo do pensamento. Que bom que você existe nesse mundo! Que maravilhoso podermos compartilhar da sua existência! Muito obrigada por acrescentar, e muito, a nossa sociedade. Um grande abraço. Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2012/10/cultura-do-logro/ > Acesso em: 30 jul. 2013.	- ANPE → emprego verbal - ANPE → regência verbal - Eliminação de seção de despedida	Ler Márcia Tiburi é o gozo do pensamento. Que bom que você existe nesse mundo! Que maravilhoso poder compartilhar da sua existência! Muito obrigada por acrescentar, e muito, à nossa sociedade. Cult 174
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
38 A		**38 B**
• **Jóis Alberto da Silva |** 11/09/2012 Excelente resenha! Ótimo lançamento literário! Parabéns à revista “Cult” pelo elogiável nível do jornalismo cultural, como é exemplo essa divulgação do sempre atual legado de Celso Furtado. A notícia me deixou ainda mais entusiasmado, como leitor e interessado no assunto, pela edição da foto pouco conhecida desse encontro de Celso Furtado e Gilberto Gil, os dois melhores ministros da cultura desde que o MinC foi criado em 1985. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/09/o-ultimo-interprete-do-brasil/> Acesso em: 30 jul. 2013	- Eliminação de palavra (apagar elemento desnecessário) - Normalização - Eliminação de trecho textual (exemplo) - ANPE → pontuação	Excelente resenha! Ótimo lançamento literário! Parabéns à CULT pelo elogiável nível do jornalismo cultural. A notícia me deixou ainda mais entusiasmado, como leitor e interessado no assunto, pela edição da foto pouco conhecida desse encontro de Celso Furtado e Gilberto Gil, os dois melhores ministros da cultura desde que o MinC foi criado, em 1985. Cult 173
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
39 A		**39 B**
• **Waldemir Toledo |** 13/09/2012 Gilberto Gil um dos melhores ministros da cultura que o Brasil já teve? Será? Acho que não. Mas o	- ANPE → acentuação - Eliminação de trecho textual (manifestação afetiva)	Gilberto Gil, um dos melhores ministros da cultura que o Brasil já teve? Será? Acho que não. Mas o economista Celso Furtado nos deixa um legado precioso. Suas ideias, por vezes

economista Celso Furtado nos deixa um legado precioso. Suas idéias, por vezes inexequíveis, nem por isso desinteressantes, nos punham a refletir e flexibilizar nossos valores. Não sei dizer quem ficou no lugar dele, acho que está vago. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/09/o-ultimo-interprete-do-brasil/> Acesso em: 30 jul. 2013.		inexequíveis, nem por isso desinteressantes, nos punham a refletir e flexibilizar nossos valores. Cult 173
Texto on-line **40 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **40 B**
• **maria Elvira Vivi Pavarini |** 13/09/2012 A verdade é uma só, o trabalho de Celso Furtado é uma preciosidade. Talvez seja essa a razão de não termos encontrado , ainda, alguém à sua altura para preencher o posto máximo da cultura no país. Só tivemos refugo. Ainda hoje é assim. Sai um, entra outro….e assim vai ! Lamentável. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/09/o-ultimo-interprete-do-brasil/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- Eliminação de trecho textual (manifestação afetiva)	A verdade é uma só, o trabalho de Celso Furtado é uma preciosidade. Talvez seja essa a razão de não termos encontrado, ainda, alguém à sua altura para preencher o posto máximo da cultura no país. Cult 173
Texto on-line **41 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **41 B**
• **Ireleno benevides |** 16/09/2012 como faz falta o tempo em que existiam economistas,que eram também pensadores de nosso cultura e interpretes do Brasil, e hoje só temos Malans(malas),Mantega(mantega) e quejanos,Gustavos Francos(francamente…) que relevam que o Brazyl não conhece o Brasil Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/09/o-ultimo-interprete-do-brasil/> Acesso em: 30 jul. 2013.	- ANPE → ortografia - ANPE → pontuação - ANPE → digitação - ANPE → acentuação - Eliminação de trecho textual (exemplos, atualidade e jogo de palavras)	Como faz falta o tempo em que existiam economistas que eram também pensadores de nossa cultura e intérpretes do Brasil. Cult 173
Texto on-line **42 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **42 B**
• **Valdetário Ferreira Rocha |** 16/09/2012 tem estilo. E um humor particular. A gente ri pensando: “ele planejou esse tipo de riso…” E cria climas: criou Montevidéu como ele a vê, ameaça-nos com a noite na Ciudad Vieja, com o retorno do gordinho e outras. Sou nordestino. Então aqui vai a pergunta com o meu sotaque: ond’é qu’eu vô comprá o livro?	- ANPE → ortografia - ANPE → pontuação - Eliminação trecho textual (manifestação afetiva)	Tem estilo e um humor particular. A gente ri pensando: “Ele planejou esse tipo de riso...”. E cria climas: criou Montevidéu como ele a vê, ameaça-nos com a noite na Ciudad Vieja, com o retorno do gordinho e outras. Cult 173

Valdetário. valdtr@ig.com.br Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/08/mirisola/> Acesso em: 30 jul. 2013.		
Texto on-line **43 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **43 B**
• **jose pedro renzi |** 13/09/2012 …um Sociólogo e acadêmico que fala fala e não diz nada!!! sempre com suas "pósmodernidades"…sempre sem dizer onde vair parar o CAPITALILSMO GLOBALIZADO e Mundial ?…com suas Misérias,riquezas epos-modernidades da "sociedade produtora de mercadorias"…em todo caso VALE A PENA a Leitura de BAUMAN…! Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/09/zygmunt-bauman-investiga-o-cotidiano/>. Acesso em: 30 jul. 2013	- ANPE → pontuação - Idem - Idem - Eliminação parte textual (condensação) - ANPE → acentuação - Normalização - ANPE → pontuação	Um sociólogo e acadêmico que fala, fala e não diz nada! Com suas misérias, riquezas e pós-modernidades da "sociedade produtora de mercadorias"... Em todo caso, vale a pena a leitura de Bauman. Cult 173
Texto on-line **44 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **44 B**
Felipe Fernandes | 21/08/2012 Se o papel da antropologia é colocar em dúvida e nos fazer mover em nossas posições confortaveis seu texto é eminentemente antropológico. Este texto traz a tona o papel preponderante do corpo nas manifestações feministas contemporâneas, possibilitando uma nova leitura sobre essa chuva de imagens, dizeres e pautas feministas que tem marcado as nossas vidas. Uma aula de feminismo nos é dada assim, de graça, no simples clique de um link. Obrigado! Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2012/08/o-velho-e-bom-feminismo/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- ANPE → regência verbal - ANPE → acentuação - ANPE → pontuação - Inserção de título textual (contextualização) - Substituição (este texto – ele) - ANPE → Concordância verbal - Eliminação de trecho textual (referência à ferramenta on-line)	Se o papel da antropologia é colocar em dúvida e nos fazer mover de nossas posições confortáveis, o texto "O velho e o bom feminismo?" é eminentemente antropológico. Ele traz a tona o papel preponderante do corpo nas manifestações feministas contemporâneas, possibilitando uma nova leitura sobre essa chuva de imagens, dizeres e pautas feministas que têm marcado as nossas vidas. Uma aula de feminismo nos é dada assim, de graça. Obrigado! Cult 172
Texto on-line **45 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **45 B**
• **FRANPEMIR BARRA DE OLIVEIRA |** 20/08/2012 o deputado marighella foi o unico politico brasileiro que realmente amava o brasil,havia outros que também amavam o país mas estão vivos até hoje e na verdade são uns verdadeiros farsantes	- ANPE → ortografia - Inserção (federal) - ANPE → ortografia - ANPE→ emprego de forma verbal	O deputado [federal] Marighella era o único político brasileiro que realmente amava o Brasil. Havia outros que também amavam o país, mas estão vivos até hoje e, na verdade, são uns verdadeiros farsantes modernos... Fazer o quê!

modernos…fazer o quê!!! Disponível em< http://revistacult.uol.com.br/home/2012/08/marighella-quem-e-voce-afinal/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- ANPE → acentuação - Idem - ANPE → pontuação - Idem - Idem - Idem	Cult 172
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
46 A		**46 B**
• **Carlos Theobaldo |** 14/08/2012 A HISTÓRIA DIRÁ: A manipulação das forças políticas por uma parte (camada) da sociedade (com algumas classes envolvidas políticos, militares, empresários) ainda impera. Onde houver interesses econômicos envolvidos há clima para golpes, tradicionais aqui na América Latina, como citado. O Paraguai, com sua cultura agrícola, experimenta a nova fase de crescimento industrial, de forma gradual. A recente decisão de não mais ceder energia ao Brasil faz parte desse esquema de interesses, em que todos (o novo "politiburo") na cúpula saem ganhando, direta ou indiretamente. O século XXI mal começa agora, mas já se vislumbra a união dos países, cada vez uns mais necessitados dos outros, em que a Comunidade Econômica Europeia é o grande exemplo. Não há mais espaço para golpes de estado: o tempo irá mostrar, como sempre faz, que os erros que se repetem ao longo da História terão um preço, mesmo a longo prazo. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/07/%E2%80%9Ca-destituicao-do-presidente-paraguaio-abre-brechas-perigosas%E2%80%9D/ Acesso em: 01 ago. 2013	- Eliminação de trecho textual (atribuição de discurso) - Eliminação de termo entre parênteses (explicação) - ANPE → pontuação - Eliminação de trecho textual (condensação)	A manipulação das forças políticas por uma parte da sociedade (com algumas classes envolvidas, políticos, militares, empresários) ainda impera. Onde houver interesses econômicos envolvidos, há clima para golpes, tradicionais aqui na América Latina. O Paraguai, com sua cultura agrícola, experimenta a nova fase de crescimento industrial, de forma gradual. A recente decisão de não mais ceder energia ao Brasil faz parte desse esquema de interesses, em que todos (o novo "politiburo") na cúpula saem ganhando, direta ou indiretamente. Cult 172
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
47 A		**47 B**
• **Jéssica Tavares |** 21/08/2012 Que delícia de ler o seu texto! Gosto de textos assim, que me fazem sentir. Gostei muito, voltarei sempre! Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2012/07/the-beach-boys-por-edgard-scandurra/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- Eliminação de trecho (manifestação atitudinal)	THE BEACH BOYS POR EDGAR SCANDURRA Que delícia de ler, o seu texto! Gosto de textos assim, que me fazem sentir. Gostei muito! Cult 172
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
48 A		**48 B**
• **Bruno Latorre |** 21/07/2012	- Sem alteração textual	Nós beletristas somos, no mínimo, retrôs. A era das letras

Nós beletristas somos, no mínimo, retrôs. A era das letras morreu com o nascimento da imagem e desde então a sociedade é imagética. E a imagem, hiper nas suas potencialidades, virou um espetáculo: a sociedade do espetáculo. Um escritor é mais a imagem de escritor, suas publicações, sua fama, do que o seu texto, com significado tão amplo, mas com significante pela face sem graça da tipografia. E os fotógrafos e tumblrs e instagr.am's povoam o sucesso da web pelo discurso de que imagens dizem mais que mil palavras. Mas é claro, eles não sabem dizer. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/07/esteticomania/> Acesso em: 01 ago. 2013.		morreu com o nascimento da imagem e desde então a sociedade é imagética. E a imagem, hiper nas suas potencialidades, virou um espetáculo: a sociedade do espetáculo. Um escritor é mais a imagem de escritor, suas publicações, sua fama, do que o seu texto, com significado tão amplo, mas com significante pela face sem graça da tipografia. E os fotógrafos e tumblrs e instagr.ams povoam o sucesso da web pelo discurso de que imagens dizem mais que mil palavras. Mas, é claro, eles não sabem dizer. Cult 171
Texto on-line **49 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **49 B**
• **Marcelo guedes |** 21/07/2012 O Capital tritura tudo! como diz Marcia, o mundo já acabou faz tempo, não se preocupem! Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/07/esteticomania/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- ANPE → ortografia	O Capital tritura tudo! Como diz Marcia, o mundo já acabou faz tempo, não se preocupem! Cult 171
Texto on-line **50 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **50 B**
• **Pedro Lira |** 20/06/2012 Boa análise. porém, discordo do conceito de esquerda dado pelo professor.Parece-me que sua descrição de esquerda flerta muito mais com a social democracia do que com a esquerda clássica de bobbio, por exemplo. Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2012/06	- ANPE → ortografia - Inserção de nome de professor citado entre colchetes - ANPE → ortografia - Inserção de primeiro nome de autor citado pelo sobrenome - ANPE → ortografia	Boa análise. Porém, discordo do conceito de esquerda dado pelo professor [Leonardo Avritzer]. Parece-me que sua descrição de esquerda flerta muito mais com a social-democracia do que com a esquerda clássica de Norberto Bobbio, por exemplo. Cult 170
Texto on-line **51 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **51 B**
• **Leandro RQ |** 19/06/2012 Só um adendo. A Direita ganhou as eleições da Grécia. E o "colapso Espanhol" foi causado pela esquerda. O atual governo de direita espanhol assumiu o governo já com o país quebrado.	- ANPE → pontuação - Idem - ANPE → acentuação - Inserção da conjunção "nem" - Supressão da conjunção "e" (reconstrução)	Só um adendo: a direita ganhou as eleições da Grécia. E o "colapso espanhol" foi causado pela esquerda – o atual governo de direita espanhol assumiu o governo já com o país quebrado. A crise europeia não poupou governos nem de esquerda, nem de direita. Cult 170

A crise européia não poupou governos de esquerda e nem de direita. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2012/06/crise-da-ideologia/		
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
52 A		**52 B**
• **Edson Luís Rosa |** 17/06/2012 Gostei muito do artigo, bem interessante e incisivo! Em um mundo em que a publicidade, as marcas e o culto à imagem imperam, alguma coisa está errada. "Você e eu não somos marcas. Nossos pais não nos criaram para sermos marcas". Essa frase é de um livro muito interessante que estou traduzindo para o Português (Doc Searls – The Intention Economy, When Customers Take Charge). Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/06/o-culto-as-marcas/> Acesso em: 01 ago. 2013	- Eliminação de trecho textual (explicação, exemplo, citação e falas de si)	Gostei muito do artigo, bem interessante e incisivo! Em um mundo em que a publicidade, as marcas e o culto à imagem imperam, alguma coisa está errada. Cult 170
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
53 A		**53 B**
• **Thomas Antõnio |** 12/06/2012 ...Que discurso inflamado de dogmatismo. Como se fosse possível avaliar esse panorama jogando proposições objetivas ao debate sobre o fenômeno consumista. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/06/o-culto-as-marcas/> Acesso em: 01 ago. 2013	- ANPE → pontuação - Marcação de parágrafo - ANPE → pontuação (a inserção da exclamação funciona para justificar o uso do "que" no início da frase)	Que discurso inflamado de dogmatismo! Como se fosse possível avaliar esse panorama jogando proposições objetivas ao debate sobre o fenômeno consumista. Cult 170
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
54 A		**54 B**
• **Ivan de Castro |** 12/06/2012 É muito curioso e pertinente pensar em religião do capitalismo quando a essência do termo remete a algo que religa, neste caso, religação ao capital. A ferramenta publicitária também explora uma das características do ser humano que, inclusive, proporciona a vida em sociedade: o comportamento de grupo, o famoso "Maria vai com as outras", porém, desvirtuada. Os que são capturados e influenciados pela mídia publicitária marcham na direção do que a propaganda promete, transformados em fiéis soldados com um objetivo	- Marcação de parágrafos - Eliminação de trecho textual (exemplo) - Eliminação de trecho textual de desenvolvimento (condensação) - Normalização gráfica - ANPE → pontuação	É muito curioso e pertinente pensar em religião do capitalismo quando a essência do termo remete a algo que religa – neste caso, religação ao capital. A ferramenta publicitária também explora uma das características do ser humano que, inclusive, proporciona a vida em sociedade: o comportamento de grupo. Os que são capturados e influenciados pela mídia publicitária marcham na direção do que a propaganda promete, transformados em fiéis soldados com um objetivo comum: consumir. Os que não se juntam

comum: consumir. Os que não se juntam à tropa são considerados baixas de guerra nessa cruzada do consumo. Esquecidos, desprezados por não serem do grupinho. Mas se o culto às grifes é uma característica da sociedade contemporânea, em que momento histórico teria aflorado essa seita macabra que prega a autodestruição da subjetividade? Provavelmente a semente do consumismo foi plantada antes do surgimento do capitalismo, com a ascensão da burguesia que, de certa forma, cobiçava o estilo de vida dos nobres já na Idade Média. Inclusive foram os burgueses que se dedicaram ao comércio que tanto influenciou e transformou a cultura ocidental a partir de então. E no Brasil atualmente, será que essa supervalorização das marcas é exacerbada, dado o processo histórico de colonização que tanto marcou o comportamento de autodesvalorização do povo em geral? Se Gil Vicente escrevesse o Auto da Barca do Inferno hoje, certamente não poderia faltar a figura do publicitário do consumo. Mas se a religião vigente é do Capitalismo, este seguiria com o anjo, infelizmente. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/06/o-culto-as-marcas/> Acesso em: 01 ago. 2013		à tropa são considerados baixas de guerra nessa cruzada do consumo. Se Gil Vicente escrevesse o *Auto da Barca do Inferno* hoje, certamente não poderia faltar a figura do publicitário do consumo. Mas, se a religião vigente é do capitalismo, este seguiria com o anjo, infelizmente. Cult 170
Texto on-line **55 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **55 B**
• **Estevão Moreira |** 14/06/2012 O texto, apesar das e justamente pelas ressonâncias ou dissonâncias acadêmicas, propicia um incômodo interessante e provocativo, sobretudo para se instaurar um debate e provocar em poucas linhas. Como não se trata de um livro, tese, dissertação etc., mas de um texto de poucas linhas, ele consegue sintetizar com felicidade as principais ideias da teoria crítica frankfurtiana, sem tocar nesse nome, mas convidando à averiguar. Achei interessante para trabalhar com estudantes, sobretudo os secundaristas. Obrigado pela contribuição!	- ANPE → pontuação - ANPE → crase - Eliminação de seção de despedida	O texto, apesar das – e justamente pelas – ressonâncias ou dissonâncias acadêmicas, propicia um incômodo interessante e provocativo, sobretudo para se instaurar um debate e provocar em poucas linhas. Como não se trata de um livro, tese, dissertação etc., mas de um texto de poucas linhas, ele consegue sintetizar com felicidade as principais ideias da teoria crítica frankfurtiana, sem tocar nesse nome, mas convidando a averiguar. Achei interessante para trabalhar com estudantes, sobretudo os secundaristas. Cult 170

Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/06/o-culto-as-marcas/> Acesso em: 01 ago. 2013		
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
56 A		**56 B**
• **Jennifer De Lai |** 20/05/2012 Eu acho difícil meia dúzia da sociedade ter a mesma opinião do texto, portanto, pode ser chamado de qualquer coisa menos de piegas. Existe sim uma ditadura intelectual em que se reproduz opiniões prontas. As pessoas são incapazes de uma reflexão mínina sobre qualquer assunto, não apenas academicos ou de teor filosófico, sociológico que seja, mas qualuqer coisa.E só pontuando, melancolia é característica da colunista. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2012/05/coronelismo-intelectual/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- Eliminação de trecho textual que faz referência a outro comentário on-line - ANPE → pontuação - ANPE → concordância verbal - ANPE → digitação - ANPE → acentuação - Eliminação de trecho textual (exemplo) - ANPE → digitação - ANPE → pontuação	MARCIA TIBURI Existe, sim, uma ditadura intelectual em que se reproduzem opiniões prontas. As pessoas são incapazes de uma reflexão mínima sobre qualquer assunto, não apenas acadêmicos ou de teor filosófico, mas qualquer coisa. E, só pontuando, melancolia é a característica da colunista. Cult 169
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
57 A		**57 B**
• **marcuss souza |** 19/05/2012 Muitas vezes é da universidade que esperamos o debate teórico, mas quando lá estamos o que ouvimos é: sempre utiize os mesmos teóricos os quais já estamos acostumados, é melhor assim, é certo que a margem de erro cai a quase zero, mas o debate e a possibilidade de novas ideias também. Se a universidade não é o lugar para o debate, devemos caminhar para a sociedade, mas lá tão pouco há interesse nisso tudo. Resta por vezes, falar sozinho, mas mesmo assim, o debate morre logo e as novas ideias ficam restritas. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2012/05/coronelismo-intelectual/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- ANPE → digitação - ANPE → pontuação - Eliminação de trecho textual (explicação) - Marcação de parágrafos - ANPE → pontuação	Muitas vezes é da universidade que esperamos o debate teórico, mas quando lá estamos o que ouvimos é: sempre utilize os mesmos teóricos; é melhor assim, é certo que a margem de erro cai a quase zero, mas o debate e a possibilidade de novas ideias também. Se a universidade não é o lugar para o debate, devemos caminhar para a sociedade, mas lá tão pouco há interesse nisso tudo. Resta por vezes, falar sozinho, mas, mesmo assim, o debate morre logo e as novas ideias ficam restritas. Cult 169
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
58 A		**58 B**
• **Marcondes Bondes |** 18/05/2012 Achei seu texto acima coronelista e conservador. Mais que isso é moralista e melancólico, fatalista, senso comum. Mas respeito seu argumento. rs Ai de mim de ser coronelista-conservador que	- Substituição de “seu texto acima” por “o texto” em função de mudança situacional, local de publicação. - ANPE → alteração facultativa - ANPE → pontuação	Achei o texto coronelista e conservador. Mais do que isso, é moralista e melancólico, fatalista, senso comum. Mas respeito seu argumento. Cult 169

reproduz e inveja (não é isso?)! rs Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2012/05/coronelismo-intelectual/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- Eliminação de trecho textual com risos, ironia (tornar mais formal e impessoal)	
Texto on-line **59 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **59 B**
11/05/2012 Não sei bem a que vem tantos convênios e pomposidades institucionais, mas será que esse acesso será amplamente divulgado e acessível a quem se interessa por tais palavras? Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/05/exclusivo-sp-ira-receber-catedra-foucault-no-2o-semestre/> Acesso em 01 ago. 2013.	- ANPE → concordância verbal	Não sei bem a que vêm tantos convênios e pomposidades institucionais, mas será que esse acesso será amplamente divulgado e acessível a quem se interessa por tais palavras? *Jacques Martin* Cult 169
Texto on-line **60 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **60 B**
• **Sílvio Medeiros |** 21/03/2012 "Ao correr da pena", a USP, na qualidade de fundadora da universidade no Brasil, desafortunadamente, no século XXI!, com tais iniciativas, corre para o seu próprio fim, para o afundamento do ensino público superior de excelência no país. Que pena, é lamentável. abs do Sílvio Medeiros. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/03/meritocracia-na-usp-deveria-ser-dar-bons-salarios/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- Eliminação de articulador textual - Eliminação de articulador textual - Eliminação de referência temporal - Eliminação de trecho textual com manifestação afetiva (lamento) - Eliminação de seção de despedida	A USP, na qualidade de fundadora da universidade no Brasil, com tais iniciativas, corre para o seu próprio fim, para o afundamento do ensino público superior de excelência no país. Cult 167
Texto on-line **61 A**	**Procedimentos**	**Texto impresso** **61 B**
• **Anderson Kamura |** 10/03/2012 Matheus Nachtergaele representa que é possivel unir arte com engajamento social e politico como abrir espaço sobre o suicidio de indios na reserva indígena de Dourados abraços a todos Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2012/03/nao-sou-um-grande-ator/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- Substituição do nome do ator pelo pronome pessoal "ele" - Reconstrução da redação (representa que é possível – mostra ser possível) - ANPE → acentuação - Substituição de preposição "com" por preposição "a" - ANPE → acentuação - Eliminação de trecho textual (exemplo) - Eliminação de seção de despedida	MATHEUS NACHTERGAELE Ele mostra ser possível unir arte ao engajamento social e político. Cult 167

Texto on-line	Procedimentos	Texto impresso
62 A		**62 B**
• **Maria Clara Averbuck |** 13/03/2012 Acho o Matheus um bom ator e achei legal,ele assumir que esta lendo a Bíblia,que é o livro mais vendido no mundo,aliás,uma das coisas que mais aprecio na Revista Cult ,é que ela realmente aborda todos os temas,sem o preconceito enrustido,e um caso explícito disso,é como ela aborda o tema Deus,religião,fé e etc,dando até capas aos temas,como podemos ver na parte das edições anteriores. Capas que tiveram o tema:Cristianismo e Modernidade,Deus no pensamento contemporâneo,sobre Agostinho e etc,entrevistando teólogos e religiosos sérios,que na maioria das vezes são professores universitários. Aproveito p/parabenizar a Cult por isso,e sempre que possível comento isso com outras pessoas,pq.raramente vemos revistas destinadas a um público mais intelectualizado,fazer matérias sobre esses temas que citei sem qualquer tipo de preconceito enrustido e mostrando que tem pessoas intelectualizadas que acreditam em tudo isso e tem sólidos argumentos. Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2012/03/nao-sou-um-grande-ator/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- Supressão de pronome “ele” - ANPE → pontuação - ANPE → acentuação - Eliminação de trecho textual (explicação) - Eliminação do marcador “aliás” - ANPE → pontuação - Eliminação do substantivo “revista” antes de Cult - Normalização - ANPE → pontuação - Supressão do artigo “o” inadequado - Eliminação de trecho textual (exemplo) - ANPE → ortografia - ANPE → pontuação - Idem - Substituição (comento isso – comento dela) - Eliminação de trecho textual (explicação, manifestação afetiva de crença)	Acho o Matheus um bom ator e achei legal assumir que está lendo a Bíblia. Uma das coisas que mais aprecio na CULT é que ela realmente aborda todos os temas, sem preconceito enrustido. Aproveito para parabenizar a CULT por isso e, sempre que possível, comento dela com outras pessoas. Cult 167
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
63 A		**63 B**
• **Cláudio Vitorino |** 21/03/2012 a profª Marcia fala de anti-política, como uma forma deliberada de afastamento da cidadania da ação política, “para que os cidadãos desacreditem deles mesmos e da própria coisa pública que os define como tais.” Mas, aqui “a cobra morde o rabo” e perde-se o fator decisivo: a dualidade do próprio processo democrático que é ao mesmo tempo direito público e prática administrativa . Conceito (utópico) de um lado, e matrialidade governamental, de outro. Mas como	- Substituição do nome da colunista por “o texto” - ANPE → ortografia - ANPE → pontuação - Eliminação de expressão informal - Eliminação de conectivo “e” - ANPE → pontuação - ANPE → ortografia	O texto fala de antipolítica, como uma forma deliberada de afastamento da cidadania da ação política, “para que os cidadãos desacreditem deles mesmos e da própria coisa pública que os define como tais.” Mas aqui perde-se o fator decisivo: a dualidade do próprio processo democrático, que é ao mesmo tempo direito público e prática administrativa – conceito (utópico), de um lado, e materialidade governamental, de outro. Mas, como já salientou

já salientou Aristóteles no capítulo III de A Política, quaisquer que seja a forma de governo, a questão central refere-se à riqueza e pobreza no seio da sociedade. Essa, ainda a questão central de nosso tempo. Disponível em: < http://revistacult.uol.com.br/home/2012/03/humilhacao/Acesso em: 01 ago. 2013.	- ANPE → pontuação - Idem - ANPE → digitação - ANPE → pontuação - Normalização - Idem - ANPE → concordância	Aristóteles no capítulo 3 *Política*, qualquer que seja a forma de governo, a questão central refere-se à riqueza e pobreza no seio da sociedade. Essa, ainda a questão central de nosso tempo. Cult 167
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
64 A		**64 B**
• **Vitorino Freire |** 15/04/2012 Excelente. Mosta a visão panorâmica sobre a vida, com um detalhe: de alguém que estava num estágio que já não precisava de um emprego ou de sucesso, apenas pelo dinheiro. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/04/john-lennon-a-ultima-entrevista/> Acesso em: 01 ago. 2013.	- Inserção de título - ANPE → digitação - ANPE - Supressão do artigo indefinido “um” - Supressão da preposição “de” antes de “sucesso” - Eliminação de trecho textual (explicação)	**JOHN LENNON** Excelente. Mostra a visão panorâmica sobre a vida, com um detalhe: de alguém que estava num estágio em que já não precisava de emprego ou sucesso. CULT 168
Texto on-line	**Procedimentos**	**Texto impresso**
A		**B**

ANEXO B
Exemplo da seção do leitor da revista Carta Capital

Cartas Capitais

Os brucutus da timeline

As redes sociais são um caminho sem volta e sua capacidade de mobilização popular é inegável. Mas não podemos nos deixar levar pelas aparências, literalmente. O uso irracional e indiscriminado dessa ferramenta tem causado enormes mudanças no comportamento humano e na vida social, onde o rompimento de relações amorosas é apenas a ponta do iceberg. Os efeitos negativos dessas redes, notadamente o sentimento de inveja e a sensação de infelicidade, somente reforçam minha opinião sobre como este recurso tem sido supervalorizado. Cito alguns exemplos: provoca o distanciamento em vez da aproximação, acaba com a magia dos encontros presenciais pela insistência do outro na conferência do smartphone, destrói amizades verdadeiras pelo sentimento de rejeição. Não seriam estes alguns dos ingredientes provocadores de tanta tristeza e depressão, sentimentos estes que ficam escondidos da sociedade por vergonha, insegurança e humilhação?
Ricardo Acedo Nabarro
São Paulo

Muitas regras, poucos direitos

Acho bastante oportuna a discussão proposta por Vladimir Safatle quanto à forma devida de abordagem legislativa de questões como matrimônio e religião. A história nos mostra que as formas de o Estado tem de superar problemas de reconhecimento social por grupos minoritários são basicamente duas: positivamente, por meio do reconhecimento legislativo, jurídico, do que já é social. E negativamente, em favor do que argumenta o autor, através da desinstitucionalização, da abstenção do Estado em relação ao assunto. Particularmente, não concordo com o argumento de que o Estado deva se eximir de legislar sobre "burcas e véus", ou outros temas relacionados a minorias culturais. Essa ideia liberal de que todos os indivíduos são dignos de igual valoração esconde tanto uma cegueira ante a diversidade sociocultural de um povo quando o fato do próprio liberalismo ser um reflexo de uma cultura determinada — ocidental, capitalista, judaico-cristã. Uma omissão estatal nesses casos só serviria para homogeneizar a sociedade em detrimento das minorias.
Ítalo da Silva Alves
Rio Grande do Sul

Carta vencedora do mês de setembro

A ingratidão da Globo - Editorial

"Por que estamos tão perplexos com o apoio à ditadura com a finalidade de emergir financeiramente? A Globo apenas cumpriu muito bem o dever dela dentro do sistema vigente: a busca incessante pelo acúmulo de capital, sendo responsável ou não. O principal ponto é: não é a Globo que precisa ser ajustada, mas sim o sistema em que vivemos, ou melhor, sobrevivemos. Digo isso na primeira pessoa do plural em alusão às bilhões de pessoas necessitadas no mundo. Porém, devemos aguardar um colapso, seja social ou econômico, pois a história nos conta que somente assim as coisas se modificam. Depender da elite atual para que as mudanças necessárias sejam feitas é uma utopia."

Felipe Maran Alvarez
São Paulo

www.cartacapital.com.br

• A devastadora "modernidade" do novo Iphone5: a Apple é suspeita de comprar estanho extraído por crianças onde arrasa um paraíso ambiental. Por **Vinicius Gomes**, do blog Outras Palavras

• A série Homeland tem seus defeitos, mas muitos méritos. O maior deles é abordar a questão da "culpa" dos EUA pelos problemas do Oriente Médio. Por **José Antonio Lima**

• Confira seis entrevistas exclusivas realizadas por **Felipe Milanez** com ex-presidentes da Funai, onde eles falam das ameaças aos direitos índigenas.

Os personagens Carrie e Brody durante cena da segunda temporada de Homeland

Dois novos partidos foram criados na última semana, o PROS e o Solidariedade. Agora o País possui 32 legendas. Na sua opinião:

As duas legendas não deveriam existir, pois servirão apenas para seus líderes terem acesso ao fundo partidário e reforçar o balcão de negócios instalado no Congresso **50%**

As legendas não mudam em nada o sistema partidário, já diluído entre tantas siglas sem densidade ideológica **44%**

Quanto mais partidos, mais plural será a representação da sociedade brasileira nas instituições políticas **16%**

4.535 INTERNAUTAS RESPONDERAM À CONSULTA ENTRE OS DIAS 27 DE SETEMBRO E 3 DE OUTUBRO

Ganhe uma assinatura Na primeira edição de cada mês, *CartaCapital* vai premiar a melhor carta publicada no mês anterior com uma assinatura anual da revista. Data de divulgação do 97º vencedor: edição 773, que circula a partir de 1º de novembro.

Quando a plateia vibrou com a cena final de *Tropa de Elite*, ela não percebeu que a escopeta estava voltada para ela

Matamos Amarildo

Sou assinante de *CartaCapital* e policial militar no Distrito Federal. Há uma série de questões que envolvem a violência tanto policial quanto do lado da bandidagem e a culpa é sempre da polícia. Eu não enxergo os civis como inimigos da sociedade, nem tive treinamento que me fizesse assim os ver. O que está bem claro para todos nós é que bandido não quer saber de ressocialização não. Quer vida fácil, como a que o tráfico pode dar. Sei que o sistema é falho e que a ressocialização nos moldes atuais é muito difícil, mas a coisa mais difícil de se ver nas ruas, combatendo a criminalidade, é arrependimento nas ações desses caras. Matam sem dó, com frieza e requintes de crueldade. Quando vou a alguma manifestação deixo bem claro que estou ali para fazer a segurança dos manifestantes e também a nossa, mas não é fácil levar cuspida na cara, ser agredido, ter de entrar na frente de bombas e pedaços de objetos para defender o patrimônio público. Sou policial há 11 anos, sou educado, fui treinado não para matar, mas para proteger pessoas.
Gilson Fernandes de Jesus

A esquerda não odeia o filme *Tropa de Elite*. Eu adorei o filme, é excelente! Odeio as pessoas que consideram o filme um apoio da violência exercida pelo Bope para com os traficantes. O filme é uma denúncia. Capitão Nascimento não é o herói. O traficante não é o bandido. As mentes pequenas têm a mania de tornar toda e qualquer história maniqueísta, e não conseguem enxergar que o objetivo do filme era atacar um sistema que sustenta uma sociedade desigual e joga a sujeira dessa realidade "debaixo do tapete". O comentário é excelente e tem um real entendimento sobre o filme e seu objetivo.
Larissa de Angeles

Muito bom texto e relevante ponto de vista. "Em quem podemos confiar?" Triste viver dessa maneira, consumido pelo medo, ignorância e desconfiança. Precisamos nos humanizar, em toda nossa plenitude, e o quanto antes. Que a indignação permaneça para a transformação e traga bons ventos, sempre.
Ana Maria Araújo Conceição

Somos a sociedade da escravidão. Todos os da casa-grande são protegidos. Mas quando a senzala grita é sufocada. Mas existem os capitães do mato que não vacilam em torturar seus irmãos para satisfazer a sede sádica da casa grande ensandecida pelo poder. Mas entre aqueles da senzala existem também os que vibram com o sofrimento de seus irmãos, pois pensam que assim agindo podem agradar aos da casa-grande com seu comportamento e assim conseguir botar o pé na cozinha. Eles não sabem o quanto são odiados e que poderão ser os próximos a cair nas mãos dos capitães do mato.
Triste sociedade!
José Neto

Cartas para esta seção podem ser enviadas para o e-mail cartas@cartacapital.com.br, para o fax 11 3474-0195, ou para a Alameda Santos, 1.800, 7º andar, CEP 01418-200, São Paulo, SP. Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail redacao@cartacapital.com.br

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITOR ESPECIAL: Mauricio Dias
EDITORES: Antonio Luiz Monteiro Coelho Da Costa, Paulo Moreira Leite (Projetos Especiais), Luiz Antonio Cintra, Nirlando Beirão e Rosane Pavam
REPÓRTERES: Ana Ferrer, Miguel Martins, Rodrigo Martins, Samantha Maia e Wilian Vieira. Brasília: André Barrocal, Cynara Menezes e Leandro Fortes. Paris: Gianni Carta
DIRETORA DE ARTE: Pilar Vallejo
CHEFE DE ARTE: Estella Maris, George R. J. Duque Estrada (Fundador) Mariana Ocha (Projeto Original)
DESIGNERS: Ane Beatriz Padua (Ortografia Leal), Claudia Kevel, Milena Branco e Marcos Medeiros (Assistente)
FOTOGRAFIA: Maria Lúcia Da Silva (Chefe de Produção), Gabriela Giordano (Produtora Editorial) e Pedro Prescott (Auxiliar de Fotografia)
REVISORES: Ali Dyonisos (Coordenação), Hassan Ayoub e Rita Leite
PRODUÇÃO GRÁFICA/DIGITAL: Ronaldo Balinton
COLABORADORES: Antonio Delfim Netto, Carlos Leonam, Claudia Kevel, Dráuzio Varella, Eduardo Graça, Elias Thomé Saliba, Elsa Byington, Felipe Morra Mendonça, Francisco Quinteiro Pires, José Geraldo Couto, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Marcio Alemão, Marcos Coimbra, Orlando Margarido, Riad Younes, Rogério Iuma, Thomaz Wood Jr., Wilther Fanganiello Maierovitch Veronica Moraes
ILUSTRADORES: Cláudio Kenji, Eduardo Baptistão e Ricardo Papp
SECRETÁRIAS: Cleto Praxedes e Ingrid Sabino
CARTA ON-LINE
EDITOR: Lino Bocchini
EDITORES ASSISTENTES: José Antonio Lima e Matheus Pichonelli
REPÓRTERES: Gabriel Bonis, Marsilles Gombata e Pietra Locatelli
ESTAGIÁRIOS: Maria Clara Parada, Paloma Rodrigues e Ricardo Rossetto
INOVAÇÃO DIGITAL: Adriana Consadi (Editora), Daniela Neves (Subeditora)
DESIGNERS: Lidiane Siqueira (Digital) e Regina de Assis (Digital)
PROGRAMADOR: Hermes Canuto
SITE: www.cartacapital.com.br

EDITORA CONFIANÇA
EDITORA CONFIANÇA LTDA.
ALAMEDA SANTOS, 1.800, 7º ANDAR
CEP 01418-200, SÃO PAULO, SP
TELEFONE PABX (11) 3474-0150

CONSELHO EDITORIAL: Antonio Delfim Netto, Eduardo Rocha Azevedo, Luiz Gonzaga Belluzzo, Manuela Carta e Mino Carta (Presidente)
PUBLISHER: Manuela Carta
GERENTE-GERAL: Luis Antonio Moraes

PUBLICIDADE
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Adriano Chiaretto mo
GERENTE DE MARKETING: Patricia Grosso
COORDENADORA DE MARKETING: Daniela Mancuso
ANALISTA DE MARKETING: Tatiana Giovani Silva
ASSISTENTE DE ADMINISTRATIVO: Claudinéia da Cruz
VENDA DE PUBLICIDADE: Gerentes-executivos de Negócios: Alexandre Camaro, Fernando Rodrigues, Maria Isabel Mandia, Marielle Brust e Marlene Tomes
ASSISTENTE DE PUBLICIDADE: Erika Vieira Costa
E-MAIL: COMERCIAL@CARTACAPITAL.COM.BR
REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Erio Santiago/Fernando Silva, (21) 2556-6898/2245-8660, erio@gestaodenegocios.com.br, fernando@gestaodenegocios.com.br
BAHIA/PE/SE: Canal Comunicação, (71) 3325-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6900/ Luiz Fogaça, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
BRASÍLIA (DF): Vertmidia, (61) 4063-7183 – Solange Farias, solfarias@vertmidia.com.br
ESPÍRITO SANTO: Erio Santiago/Ivone, ivone@gestaodenegocios.com.br
Flávio Castro (27) 3389-3452/flowx@gestaodenegocios.com.br
MINAS GERAIS: Marco Aurélio Maia, (31) 3291-0263/9983-2987
marcoamaia@marcoaureliomaia.com
SANTA CATARINA: Marcucci&Gondim Associados (48) 333-8497
marcucci.gondim@terra.com.br
PARÁ: Gilda Docosano, (91) 3242-3387, gildadocosano@yahoo.com.br
CE/PB/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, ag.holanda@agholanda.com.br
RIO GRANDE DO SUL: Inovação Soluções em Mídia Ltda., (51) 3021-7103, contato@inovacaoemmidia.com.br
PARANÁ: SITE Estratégias, (41) 3018-3717, spac@sec-estrategias.com.br
GERENTE DE CIRCULAÇÃO: Rita Teixeira
COORDENADOR DE CIRCULAÇÃO: Miguel Moscaro
ANALISTA DE CIRCULAÇÃO – VENDA AVULSA: Juliana Augusta Pelizzon de Moraes
ASSISTENTE DE CIRCULAÇÃO – VENDA AVULSA: Charmilla Wang Tone
ASSISTENTES DE CIRCULAÇÃO – ASSINATURAS: Leonardo Borgiani e Stephanie Evelyn de Almeida Polhesel
DIRETORA ADMINISTRATIVA/FINANCEIRA: Renata Ribeiro dos Santos
COORDENADOR ADMINISTRATIVO/FINANCEIRO: Mario Yamanaka
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Juliana Tomes Corrêa e Maria Rocha Calvão
ANALISTA DE RH: Olga Targa
CONTROLLER: Eduardo Lucchesi
ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA:
Febraz Serviços Contábeis Ltda
Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001
www.febraz.com.br, Fone (11) 3463-6555
CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Confiança Ltda. Cartacapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material ou não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584 De 29/8/94, modificado pelo registro nº 219.316 De 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa
IMPRESSÃO SIMULTÂNEA: Plural Editora e Gráfica – São Paulo – Sp e Recife – Pe **DISTRIBUIÇÃO EM BANCAS:** Fernando Chinaglia
ASSINANTES: Door to Door Logística E Distribuição

CENTRAL DE ATENDIMENTO
Assinaturas, sugestões e reclamações
São Paulo: (11) 3512-9486/ Rio de Janeiro: (21) 4062-7183/
Belo Horizonte: (31) 4062-7183/ Distrito Federal: (61) 4063-7183
Demais localidades: 0800-721-3020
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados
FALE CONOSCO
www.assinantecartacapital.com.br
NÚMEROS ATRASADOS
avulsas@cartacapital.com.br
TRABALHE CONOSCO
trabalheconosco@cartacapital.com.br

AGRI-WEB
Impresso na PLURAL com tinta ecológica resultante de uma combinação de matérias-primas renováveis que causam menos impacto ao meio-ambiente.